UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa

CHINUA ACHEBE E CASTRO SOROMENHO: COMPROMISSO POLÍTICO E
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

Stela Saes

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa

CHINUA ACHEBE E CASTRO SOROMENHO: COMPROMISSO POLÍTICO E
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

Stela Saes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rejane Vecchia da Rocha e Silva

São Paulo
2016

Nome: SAES, Stela

Título: Chinua Achebe e Castro Soromenho: compromisso político e consciência histórica em perspectivas literárias

**Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras**

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Este trabalho é dedicado à minha avó Leonor, que não pode me acompanhar até o fim dessa jornada, mas que, com certeza e com seu jeito tão próprio de ser, estaria orgulhosa de mim agora.

Também à minha mãe e ao meu irmão, que estiveram ao meu lado em cada pequeno passo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha mãe Elizete, que é o maior exemplo para a minha vida, como mulher, mãe, profissional e humana.

À Rejane Vecchia, minha orientadora, pelo apoio, amizade, palavras e direcionamento; essenciais para meu desenvolvimento acadêmico. E também por acreditar e confiar no meu trabalho.

Aos professores Daniel e Vima pelas contribuições construtivas no exame de qualificação.

Ao meu irmão Neto, que me entende melhor do que ninguém.

Ao meu pai Saulo, que sempre me apoia incondicionalmente.

Às minhas amigas de sempre e para sempre, especialmente: Ana, Carol, Janaina, Karina, Hellen e Aline

Às minhas tias, que também são como segundas mães: Ana, Leny e Evânia

Aos meus primos, primas, tios e tias das famílias Luz, Silveira e Saes

Às minhas avós, Genny e Leonor, que iniciaram e incentivaram famílias de muitas professoras.

À Rejane Braga, minha orientadora pessoal e essencial

Aos amigos que fiz em Moçambique e levo para a vida toda, especialmente: Paty, Giu, Zeca, Maria e Martina.

Aos meus amigos da Letras, que me acompanham desde o Ciclo Básico, especialmente: Stella, Fernanda e Eduardo.

Aos meus colegas – e também amigos – do grupo de estudos, essenciais para trocas de experiências e aprendizados.

Ao Gabriel e sua família, que estiveram presentes em grande parte do desenvolvimento deste trabalho e muito me incentivaram.

Aos colegas da Etec Prof. Dr. José Dagnoni, pelo aprendizado, pelas oportunidades e colaboração durante os anos trabalhados.

Aos meus alunos, que me ensinam constantemente a ser professora.

Poder é a habilidade não só de contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.

Chimamanda Ngozi Adichie

Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?

Walter Benjamin (1987, p. 223)

RESUMO

SAES, Stela. **Chinua Achebe e Castro Soromenho: compromisso político e consciência histórica em perspectivas literárias**. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

No exercício de comparativismo literário entre as obras *Things fall apart*, do escritor nigeriano Chinua Achebe (1958), e *Terra morta*, do angolano Castro Soromenho (1949), é possível estabelecer aproximações e distanciamentos que dialogam entre si e podem trazer reflexões relevantes para o estudo das literaturas africanas. Enquanto a primeira oferece uma visão inédita a respeito do funcionamento interno da sociedade Ibo na Nigéria diante da situação colonial, a segunda transparece as frágeis relações dos colonos portugueses nas instituições políticas, econômicas e sociais do império na região da Lunda em Angola. Já por esse aspecto, os romances convergem para um panorama em comum ao apresentarem tanto o colonizado em *Things fall apart* quanto o colonizador em *Terra morta* de maneira distante dos estereótipos retratados pelas figuras coloniais, justamente por problematizarem questões internas e clivagens sociais e históricas. Assim, ao evidenciarem as fraturas internas, contribuem com a crítica sobre o sistema colonial ao mesmo tempo em que ajudam a construir outras visões históricas sobre o tema. Desse modo, as duas obras distanciam-se abertamente quanto aos contextos coloniais, que exigem, diante de uma leitura comparativa, um arcabouço teórico-crítico múltiplo que abarque as diferenças existentes nas dinâmicas coloniais e em seus contextos africanos específicos. O fato de os dois romances trazerem à cena regiões específicas – na Nigéria habitada pelo povo Ibo e em Angola determinada como o espaço Lunda – e apresentarem uma multiplicidade de questões étnicas, raciais, sociais e identitárias, acaba distanciando os dois livros em perspectiva comparatista. Em termos aproximativos, no entanto, a problematização dos espaços e personagens retratados nas narrativas e a figura do narrador que assume posições políticas que se aproximam da categoria do autor implícito (BOOTH, 1983), permitem também uma leitura analítico-comparativa entre os romances. Se, por um lado, os contextos sociais e históricos distanciam os escritores e seus produtos literários; os romances se aproximam não apenas pelas categorias narrativas de personagens e espaço, mas também pela posição político-ideológica assumida por seus narradores. A consciência histórica e o compromisso político diante dos fatos narrados estão presentes na representação literária como uma tentativa de entender o funcionamento e apresentar uma crítica aos diferentes processos coloniais.

Palavras-chave: literatura nigeriana, literatura angolana, Chinua Achebe, Castro Soromenho, literatura comparada.

ABSTRACT

SAES, Stela. **Chinua Achebe and Castro Soromenho: political commitment and historical conscience in literary perspectives.** 2016. 121f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

In the exercise of literary comparison between the novels *Things fall apart*, of the Nigerian writer Chinua Achebe (1958), and *Terra Morta*, of the Angolan writer Castro Soromenho (1949), it's possible to establish similarities and differences that interact with each other and can evoke important reflections for the African literatures' study. While the first novel offers an unprecedented vision concerning the inner functioning of the Ibo Nigerian society on the colonial situation, the second exposes the fragility of Portuguese settlers in the political, economic and social institutions of the Portuguese empire in the region of Luanda, Angola. About this last aspect, the novels converge into a common panorama when presenting an image of the settler that does not fall into a stereotypical perspective of that category, precisely by problematizing inner questions and social and historical cleavages. By exposing the inner fractures of the Angolan society, both novels contribute by criticizing the colonial system and, at the same time, helping to construct other historical visions about the issue. Therefore, both novels deviate from each other when presenting different colonial contexts that require, in terms of a comparative reading, a multiple theoretical and critical framework able to contemplate the differences observed in the colonial dynamics and in its African specific contexts. The fact that both novels bring into discussion two specific regions – the Nigeria inhabited by the Igbo people and the Angola established as the Lunda space – and present a multiplicity of social, racial and ethnic issues result in a detachment of the novels by comparative means. However, in approximate means, the problematization of spaces and characters portrayed in the narratives and the role of the narrator, who assumes political positions similar as the implied author category (Booth, 1983), also permit an analytical-comparative reading between the two novels. If, on one side, the social and historical contexts set apart the writers and their literary products, the novels are getting closer not only by means of space and narrative categories, but also in terms of political and ideological positions assumed by their narrator. The historical conscience and the political commitment concerning the themes addressed in the novels are shown in the literal representation as an attempt to understand and present a critique to the different colonial processes.

Keywords: Nigerian literature, Angolan literature, Chinua Achebe, Castro Soromenho, compared literature.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	11
Capítulo 1 - <i>Things fall apart</i>.....	17
1.1 Chinua Achebe e a literatura nigeriana	17
1.2 Things fall apart: aspectos essenciais	19
1.3 Os Ibos e a Nigéria	27
1.4 O romance em fragmentos	28
1.5 Além do mundo despedaçado	58
1.6 A Lunda é a Terra Morta.....	63
Capítulo 2 – <i>Terra morta: do espaço inóspito à voz que ecoa</i>	60
2.1 <i>Terra Morta</i> e Castro Soromenho	60
2.2 A Lunda é a <i>Terra Morta</i>	64
2.3 A reconstrução de uma terra já morta: o romance em estilhaços	68
2.4 Uma terra morta que faz nascer uma nova voz	86
Capítulo 3 - Aproximação e distanciamento entre as obras <i>Things fall apart</i> de Chinua Achebe e <i>Terra morta</i> de Castro Soromenho	89
3.1 Políticas do distanciamento: os Ibos e a Lunda e a colonização da Nigéria e de Angola: perspectivas literárias	92
3.2 A aproximação através das categorias narrativas: problematização de espaços e personagens	94
3.3 Comprometimento político: narrador e autor implícito.....	103
Considerações finais	111
Referências	115

Considerações iniciais

A valorização de um passado africano ganhou certo fôlego nos últimos tempos, tanto na África quanto na Europa e também no Brasil. A produção de livros e coleções voltadas a uma historiografia africana, a promulgação da lei brasileira 10.639/03 além de cursos, teses, dissertações e disciplinas voltadas ao estudo de história e às culturas africanas são algumas provas do interesse sobre África no Brasil. Essa é uma qualidade que não deve ser negada; a massificação de conteúdo e a distribuição deste para a população são etapas essenciais para a democratização de qualquer conhecimento, passos essenciais no ramo da educação. No entanto, consoante a esse acesso, devem sempre ser realizadas problematizações e questionamentos pertinentes e constantes que contribuirão para reflexões acerca do assunto e para a própria qualidade do debate. Com o conhecimento literário produzido em África, o pensamento deve ser o mesmo e o acesso às literaturas africanas deve servir também como base para esse processo reflexivo.

A historiografia acerca do continente africano, no entanto, passou por séculos de teorias míticas voltadas a favor de uma passividade histórica calcadas em inúmeros preconceitos e estereótipos. Durante a colonização, por exemplo, a história de cada país africano não passava de um mero apêndice à história do seu país colonizador (KI-ZERBO, 1999). A própria consolidação das ciências humanas, serviu como base legitimadora das degradações, dispersões, desumanizações e alienações que hierarquizaram a historiografia ocidental em relação à africana. Até mesmo a maior parte do conhecimento produzido sobre África após a “emancipação colonial” deve ser problematizado pois, como não elaborada por africanos, partia do princípio de que os africanos não tinham consciência filosófica e que somente uma análise ocidental sistêmica conseguiria observar e analisar o continente.

É importante, como salienta Ki-Zerbo (1999) e Hountondji (2009), trazer a própria concepção de história à luz dos propósitos de África e questionar o princípio de unanimidade histórica trazendo discursos plurais que se somam às contradições existentes e aos debates internos de cada sistema cultural. Descolonizar, portanto, o discurso histórico é também problematizar questões atuais que se encontram em teorias sobre o continente africano. Portanto, a necessidade de repensar as ‘verdades’ sobre o continente africano deve ser constante à prática dos estudiosos que se deparam com tais realidades.

O período da colonização dos países africanos é um dos episódios mais caros à historiografia do continente. Pois ela é, ao mesmo tempo, condicionante para o entendimento de todas as relações posteriores e atuais sobre o continente, como também o maior ponto de intersecção entre o poder colonizador ocidental e a figuração colonizada africana que determinam a historiografia discutida brevemente há pouco. Portanto, é essencial ainda enfrentar e problematizar as contradições existentes no colonialismo de cada região para o entendimento das mais diversas e atuais situações dos países africanos. Porém, é importante que seja feita também a partir de reflexões endógenas que buscam confrontar discursos estabelecidos e compreender os propósitos do continente.

E ainda hoje, nos mais variados contextos de discussão sobre África, quando pensamos em relações coloniais há, muitas vezes, a polarização entre os sujeitos colonizador e colonizado, baseada em um discurso oficial que oculta as inúmeras formas de resistência dos colonizados oferecidas contra o imperialismo violento e que legitimam, por meio do racismo principalmente, a inferioridade dos povos africanos. Por outro lado, o colonizador é a figura que, ao mesmo tempo em que mascara as suas próprias contradições e fragilidades, em um sistema que está calcado na violência e é ideologicamente ancorado na superioridade cultural, não admite falhas e está ‘protegido’ pelo discurso de poder.

As literaturas, como atos sociais ideológicos determinados pelas condições materiais de um contexto histórico específico que também imprimem contradições específicas em suas tessituras, de acordo com Pierre Macherrey e Étienne Balibar (1976), são espaços que podem oferecer uma visão das experiências humanas e dos conhecimentos de mundo. As literaturas africanas dialogam com o conhecimento histórico e podem proporcionar aos seus leitores uma visão sobre o colonialismo a partir de uma perspectiva endógena e, por isso, podem contribuir com a formação de um repertório sobre o continente africano. É importante, no entanto, também questionar a produção literária a partir de suas contradições históricas.

Sobre a temática do colonialismo, por exemplo, muitas vezes as representações estéticas e culturais dos países colonizados, alimentadas por um sentimento de reconquista de si próprio e de autoafirmação, ajudaram a construir e refletiram um conceito de identidade baseado na dicotomia entre o ‘eu’ e o ‘outro’, o colonizado e colonizador. Esse sentimento torna-se essencial para contrapor o discurso hegemônico de poder que Fanon (2005) classifica como um passo objetivamente para trás, mas subjetivamente para frente, pois a construção de uma nova

consciência passa pela ideia de totalidade que, ao mesmo tempo em que reúne diferentes povos africanos em um mesmo objetivo e traz força e resistência aos movimentos e às ideias, mascara contradições, diferenças e singularidades históricas e sociais de cada povo.

Diante desse contexto, podemos encontrar nas literaturas africanas, representações dos colonizados como protagonistas de suas próprias histórias. Esse passo, importante para a ideologia estética e histórica, contribuiu efetivamente para os processos de libertação pois estava em consonância aos ideais da época. Hoje em dia, no entanto, pode ser problematizado quando pensamos sobre a pluralidade de relações existentes e suas mais diversas expressões, é uma metodologia necessária para ajudar a compreender uma nova ordem e a dinâmica histórica. Como já mencionado anteriormente, questionar a história é sobrepor e enriquecer discursos.

O lugar enunciativo dos intelectuais africanos que produziam tais literaturas bem como seus compromissos políticos e sociais estão, de certa maneira, intrinsecamente ligados às suas produções literárias. As diferentes organizações sociais africanas, os diversos processos de colonização e libertação existentes no continente e a atual conjuntura econômica e política são fatores que devem ser relativizados em um atual estudo sobre literaturas africanas. Chinua Achebe e Castro Soromenho são exemplos de escritores que ocupam posições e dividem opiniões interessantes sobre suas obras.

Os romances *Things fall apart*, publicado em 1958 por Chinua Achebe, e *Terra morta*, publicado em 1949 por Fernando Monteiro de Castro Soromenho, oferecem o contexto colonial de seus respectivos países, povos e regiões – a Nigéria e o povo Ibo no primeiro caso e a Angola e a região da Lunda no segundo. Apesar de retratarem sistemas coloniais diferentes, o britânico e o português respectivamente, se aproximam e se consolidam em seus contextos específicos como espaços de resistência ao apresentarem uma resposta à opressão da história oficial sem recorrer a simples dicotomia que mascara as profundas e contraditórias relações do sistema colonial.

A obra *Things fall apart* foi publicada dois anos antes da independência da Nigéria e é o primeiro romance do escritor Chinua Achebe, que já revela suas marcas ideológicas ao dar voz aos oprimidos da história oficial, no caso, o povo Ibo e o processo de colonização daquela região. A partir de um narrador que acompanha o protagonista Okonkwo o leitor conhece a trajetória dos Ibos de Umuófia desde um período pré-colonial até a instalação e dominação dos britânicos na região. O romance conseguiu se consolidar como parte do cânone literário em língua britânica e já foi alvo de inúmeros estudos e críticas literárias.

Com as obras *No longer at ease* (1960) e *The arrow of God* (1964), *Things fall apart* inaugura a chamada *The African trilogy* que estrutura o projeto literário do escritor, centrado na história da sociedade Ibo. A visão endógena dessa sociedade que observamos na narrativa não é pautada por uma perspectiva romantizada ou idealizada do colonizado, ao mesmo tempo, não deixa de exercer fortes críticas ao discurso colonizador e marcar seu espaço de tensão na constante dialética entre história e ficção.

Chinua Achebe é considerado, muitas vezes, o pai das literaturas africanas, pois influenciou e consolidou em seu país e outros territórios um novo formato para o romance africano. Ao apropriar-se do gênero literário e da língua do colonizador para escrever as histórias de seu povo, o escritor nigeriano alcançou certo prestígio literário. Apesar de ser cronologicamente publicada após a obra de Castro Soromenho, seu estudo nesse trabalho será analisado primeiramente, pois, assim como chega às mãos do público em geral de maneira mais eficiente, justamente por ser mais divulgado que a obra do escritor angolano, aqui também foi o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto; uma primeira leitura que encontrou, posteriormente, em Soromenho, ecos para uma análise comparativa e respostas para muitas questões levantadas em Chinua Achebe.

O romance *Terra morta*, publicado em 1949, não obteve o mesmo prestígio literário que o escritor nigeriano alcançou posteriormente com *Things fall apart*. Muitas vezes criticado, incompreendido e alvo de inúmeras discussões a respeito de sua postura política e ideológica, o livro e o escritor foram muitas vezes problematizados em contexto angolano, português e também brasileiro. A obra narra um período colonial português na região de Lunda em Angola, durante o qual as contradições do espaço colonial são apresentadas de maneira real e dura.

O romance *Terra morta*, assim como *Things fall apart* de Chinua Achebe, é a primeira parte de uma trilogia que ficou conhecida como Trilogia de Camaxilo, composta por *Viragem* de 1975 e *A chaga* de 1970. Com esse conjunto de obras, Fernando Monteiro de Castro Soromenho se propôs a tratar sobre a Lunda, mais especificamente sobre a vila de Camaxilo, desde o princípio do século XX - quando esse espaço era utilizado para campanhas de pacificação e organização política colonial - até a queda do imperialismo colonial em Angola no final do século XX.

O narrador que observa os habitantes daquele espaço - em especial Joaquim Américo - é responsável por apresentar um enredo que não está colado às perspectivas ideais do colonizador, que consegue dominar, sem maiores resistências ou dificuldades, o grupo em questão; pelo contrário, a obra de Castro Soromenho consegue denunciar um sistema colonial decadente e revela

a precariedade tanto das estruturas de poder quanto dos trabalhadores negros escravizados e subempregados. Não há uma valorização do colonialismo, pelo contrário, a obra consegue atingir bases que até então eram inquestionáveis nesse aspecto.

O exercício constante de aproximação e distanciamento na análise das duas obras, levantou a necessidade de estabelecer relações comparativas na problematização dos espaços e personagens retratados nas narrativas coloniais. Entre consonâncias e dissonâncias dos textos lidos é possível visualizar uma estruturação histórica e ideológica possibilitada, principalmente, pela figura do narrador que assume posições políticas e pela presença do autor implícito (BOOTH, 1983), o que permite uma leitura analítico-comparativa entre os romances.

Desse modo, as duas obras distanciam-se abertamente quanto aos contextos coloniais, que exigem, diante de uma leitura comparativa, um arcabouço teórico-crítico múltiplo que abarque as diferenças existentes nas dinâmicas coloniais. Como não é possível transpor significados e realocar perspectivas diante de um passado histórico que carrega marcas coloniais de estratégias e ideologias consideravelmente divergentes, é necessário pontuar e relativizar o tempo todo o retrato histórico de cada obra. O fato de os dois romances trazerem à cena regiões específicas – na Nigéria habitada pelo povo Ibo e em Angola determinada como o espaço Lunda - e apresentarem uma multiplicidade de questões étnicas, raciais, sociais e identitárias colocadas em questão, acaba distanciando os dois livros em perspectiva comparatista.

No entanto, as questões que os aproximam podem dialogar com as diferenças e significar substancialmente as reflexões literárias: em ambos a dimensão colonial é observada a partir de uma perspectiva endógena e não idealizada, ou seja, tanto o panorama apresentado pelo colonizado em *Things fall apart* quando o do colonizador em *Terra morta* não recaem em estereótipos das figuras coloniais que não problematizam questões internas e clivagens sociais e históricas, pelo contrário, ao evidenciarem as fraturas internas, contribuem com a crítica sobre o sistema colonial ao mesmo tempo em que ajudam a construir outras visões históricas sobre o tema.

A categoria do narrador nos romances também é fator decisivo de aproximação entre os dois escritores, com o apoio da teoria de Wayne C. Booth é possível encontrar a distinção entre o autor implícito e o narrador nos dois enredos. As duas obras literárias apresentam narradores compromissados em denunciar a realidade permeada de desigualdades sociais e discrepâncias históricas, o que remete a autores que, em suas trajetórias como escritores e em seus projetos literários, estiveram compromissados, de alguma forma, com a experiência histórica de suas obras.

As narrativas, portanto, carregam, em certa medida, a vivência e o compromisso político de seus autores que buscaram oferecer à história outras vozes dissonantes ao sistema colonial.

Narradores esses que também estão motivados na construção de um espaço narrativo que se constrói e se destrói na própria tessitura narrativa e condiciona a vida dos personagens, principalmente os protagonistas Okonkwo e Joaquim Américo, que podem ir da ascensão à queda em suas trajetórias. Os textos de Antonio Candido: *De cortiço a cortiço* (1973) e ensaios da obra *Tese e antítese* (1978) auxiliaram no entendimento de espaços complexos tais os que são encontrados em cada obra literária.

Diante de tais observações, as obras dos escritores Chinua Achebe e Castro Soromenho podem responder à opressão da história oficial sem recorrer a simples dicotomia que mascara as profundas e contraditórias relações do sistema colonial, podem também se aproximar de modo eloquente nas construções estéticas das categorias do narrador, espaço e personagens em cada texto. Desse modo, cabe uma análise comparativa entre as duas obras que elabore um constante movimento de aproximação e distanciamento e que colabore com novas perspectivas literárias a respeito das reflexões sobre o continente africano.

Capítulo 1: *Things fall apart*

1.1 Chinua Achebe e a literatura nigeriana

Ao conhecer a obra *Things fall apart* de Chinua Achebe é impossível não se deparar – além de um enredo que envolve o leitor - com a relevância dessa produção no contexto nigeriano, africano e também mundial. Estudado muitas vezes, desde sua publicação, como romance pós-colonial, histórico, etnográfico e também fundador¹, além de alvo de inúmeras críticas literárias, ensaios e debates pelo mundo, é, inegavelmente, uma escrita de muito impacto, como salienta Alberto da Costa e Silva no prefácio à edição brasileira:

Se perguntado sobre o livro em que mais se reconhece, é muito provável que um Ibo responda: **Things fall apart** de Chinua Achebe. Não que se trate de um livro perfeito, acrescentará. Mas há obras imperfeitas que se tornam clássicas, criam um modelo, determinam caminhos. Como esta de Chinua Achebe, **Things fall apart**, que serve de fundação à grande parte do romance nigeriano contemporâneo (COSTA & SILVA, 1968, p. 04).

Sua importância se deve ao fato, inicialmente, de ser um dos primeiros e mais notáveis livros já publicados nas colônias britânicas africanas que apresenta o ponto de vista dos colonizados sobre as relações sociais e históricas vividas antes e durante o período de colonização. Essa publicação acontece em meados da independência da Nigéria, que ocorreu em primeiro de outubro de 1960, e satisfaz às aspirações e desejos de representação estética daquela sociedade em determinado momento histórico, que, apesar de fragmentada e com interesses diferentes, reunia-se pela insatisfação com o poder colonial britânico. Seu legado está no fato de ser considerada o arquétipo da literatura moderna africana, ter sido traduzida para mais de cinquenta línguas e ser incluída como currículo escolar em muitos países de língua britânica².

1 Dentre os trabalhos já apresentados sobre *Things fall apart* destaco o trabalho *When things come together: Studies on Chinua Achebe* (2009) da Professora Inocência Mata (Universidade de Lisboa) sobre a ideologia pós-colonialista e a dissertação de mestrado de Alyxandra Gomes Nunes (UNICAMP) sobre a obra *Things fall apart* como romance de fundação.

2 Logo após sua publicação o romance foi a primeira obra africana a ser leitura obrigatória em muitas escolas do continente e também fora dele. Em *A educação de uma criança sobre o protetorado britânico* (2009) Chinua Achebe cita, em inúmeros ensaios, a comunicação que tem com alunos que já leram sua obra em diversas partes do mundo, inclusive na Coreia do Sul.

Cabe destacar, como salienta Alberto Costa e Silva no trecho destacado acima, que, apesar de toda essa representatividade, a obra de Chinua Achebe retrata o universo específico dos Ibos na Nigéria e por isso pode representá-los adequadamente, mas não pode servir como um parâmetro para as demais sociedades africanas, inclusive os Hauçass e Iorubás que também tem participação social e política bastante relevante na Nigéria (como veremos mais adiante). Há uma temática, de certa forma, relevante e universal, ao retratar movimentos de repressão e poder, mas há também muita especificidade e objetividade do autor.

Juntamente com as obras *No longer at ease* (1960) e *The arrow of God* (1964), o conjunto forma a chamada *The african trilogy* que estrutura o projeto literário do autor, projeto este que está constantemente e intimamente ligado à história da sociedade Ibo na Nigéria. Chinua Achebe também escreveu muitos ensaios e obras críticas, como seu livro *Hopes and Impediments: selected essays* (1988), em que assume diversos compromissos políticos em relação à literatura e ao seu país.

Em alguns de seus principais ensaios (ACHEBE, 1975), o escritor procura debater sobre suas obras literárias e a escolha em escrever em língua britânica, a língua do colonizador. Por estar em uma posição intelectualmente privilegiada em seu país, recebeu uma educação em língua britânica e considera que escrevendo desse modo pode ter maior alcance em sua intenção de descrever uma identidade Ibo. É importante, no entanto, destacar que a maior parte da massa popular, inclusive os Ibos, na Nigéria não tem acesso ou pouco tem à língua britânica (RODRIGUES, 2011), o que torna a obra do escritor não tão abrangente como talvez ele pensaria ser. A audiência de seus livros é, com certeza, maior entre a comunidade estrangeira a elite intelectual interna.

De qualquer forma, o primeiro encontro com esse escritor nigeriano se dá, geralmente, através de sua obra de maior sucesso: *Things fall apart* publicada em 1958 e traduzida em português brasileiro como *O mundo se despedaça*³ (1983). No enredo acompanhamos a trajetória de Okonkwo, um homem Ibo que, passa sua vida tentando provar o quão diferente é de seu pai, um fracassado. Na primeira parte do livro conhecemos seus sentimentos, família, atitudes e trabalhos

3 A primeira edição brasileira foi de 1983 pela Editora Ática, tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. Coleção: Autores africanos, n. 17. A Companhia das Letras editou essa obra e outras de Chinua Achebe em 2009 com a mesma tradução. Ambas as edições estão esgotadas no Brasil desde 2014. A edição em português de Portugal é denominada *Quando tudo se desmorona*, com tradução de Eugénia Antunes e Paulo Rêgo, sua última edição, de 2008, também encontra-se esgotada.

e também somos levados ao interior desse pequeno clã Ibo e suas relações a atividades cotidianas. É uma sociedade como qualquer outra, com sua lógica de funcionamento, vantagens e desvantagens.

Já na segunda parte, o leitor e toda a sociedade de Okonkwo se deparam com a chegada do homem branco, que, inicialmente, chega timidamente, com seus diálogos e gestos quase incompreensíveis. Aos poucos a população de homens brancos vai aumentando, tomando espaço no que antes era apenas território Ibo e instalando seus aparelhos ideológicos, como a escola e a igreja. O narrador continua a mostrar as formas de resistência e a difícil reestruturação dos Ibos diante daquele novo cenário. Enfim, a terceira e última parte da obra é destinada a representar o mundo Ibo se despedaçando e tragédia de Okonkwo.

Portanto, em uma leitura analítica de *Things fall apart* é possível perceber uma constante tensão entre ficção e história e nunca uma acomodação. Ao contar o outro lado da situação, a visão do homem Ibo que foi colonizado, o narrador não assumiu a dicotômica visão dos aspectos da colonização; a afirmação da historicidade, na obra de Chinua Achebe, não passa pela romantização idealizada na construção narrativa, o que leva a uma obra em que o espaço e os personagens são constantemente problematizados como sujeitos embutidos em um discurso marcadamente compromissado politicamente e de consciente historicamente.

1.2 Things fall apart: aspectos essenciais

Things fall apart foi publicado em 1958, na Nigéria, dois anos antes da independência do país. Essa publicação acontece em um momento histórico que não só motivou e colaborou para sua elaboração, mas também contribuiu com o processo e ajudou a responder às demandas existentes na sociedade para a representação estética literária. Justamente pelo fato da obra lançar um novo olhar, dessa vez endógeno, sobre o processo histórico de colonização e as representações sociais, é que foi ao encontro dos ideais existentes no cenário da libertação nacional, ou, ao menos, entre os Ibos.

A Nigéria, como conhecemos hoje por seus limites geográficos, constituída por 36 estados e a capital federal, Abuja, que são divididos em 774 áreas de Governo Local, é reconhecida por ser o país africano mais populoso (173 milhões de pessoas em 2013) e o maior PIB nominal do continente africano, devido, principalmente, aos seus recursos naturais, como petróleo. Localizado

na África Ocidental fazendo fronteira com a República do Benin a Oeste, com o Níger ao Norte, ao Leste com o Chade e a República dos Camarões e também com o Oceano Atlântico, o nome Nigéria remete ao Rio Níger que atravessa o país.

Uma região que contempla cerca de 200 línguas e suas variantes advindas de diferentes grupos sociais - entre os quais os influentes e numerosos *Hauçass* e *fulanis* ao Norte, os *Iorubás* ao Sudoeste e os *Ibos* no Sudeste - nunca apresentou uma convivência harmônica entre si, muitas vezes as diferenças culturais e regionais transformaram-se em conflitos e lutas armadas, como caso da Guerra de Biafra em 1967.⁴

[...]. Nessa perspectiva, é comum afirmar que a Nigéria não era realmente uma nação. Certamente, as identidades e seus povos eram variadas, compostas por escalas de valores e visões de mundo diferentes. O colonizador atuou para abafar as diversidades que, aparentemente adormecidas, ressurgiram com grande força no fim sistema colonial e foram reforçadas no pós-independência. (HERNANDEZ, 2008, p. 199)

Portanto, os ideais de revolução e libertação não eram harmônicos no território e o processo de colonização não apenas reforçou as diferenças como também possibilitou novos embates entre seus povos. É importante ressaltar também as relações de poder internas que sempre ocorreram e ainda acontecem na Nigéria, entre as três principais sociedades e as outras centenas, sistematicamente reprimidas em suas manifestações e reivindicações. Inclusive, a Nigéria reconhece hoje como línguas oficiais, além do britânico, apenas o hauçá, o Ibo e o Iorubá. Se já não há um esforço em manter as três principais línguas em uso, as demais são condenadas ao desaparecimento⁵.

Algumas insatisfações e reivindicações comuns, no entanto, aconteceram no país, como a luta contra o racismo, mobilizada pela imprensa em grandes centros, como Lagos, em 1934, com destaque para o *Nigerian Youth Movement* (NYM) e para o líder Nnamdi Azikiwe, que lutou incansavelmente contra esse tipo de discriminação.

A falta de coesão entre os grupos sociais na Nigéria foi determinante para fortalecer os atritos, que contou, inclusive, com a separação do território em três Estados em 1954 (considerando

⁴ HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*, p.199

⁵ Para mais informações sobre o uso das línguas africanas nos países de língua britânica consultar: RODRIGUES, Ângela Lamas. *A língua britânica na África: opressão, negociação e resistência*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

as três maiores populações: Hauçass, Iorubás e Ibos). O arranjo histórico e cultural do país foi sempre estabelecido politicamente até a sua independência:

Quanto à independência, ficou agendada para 1º de outubro de 1960, em uma cerimônia considerada uma verdadeira caricatura das relações entre Grã-Bretanha e Nigéria naquele momento. Nela, o Dr. Margai, representando o governo da Nigéria, deu o braço à Sua Majestade, a Rainha Isabel. Assim, a política pragmática britânica deu ensejo para que se formasse uma imagem resumida na ideia de “partir para melhor ficar”. (HERNANDEZ, 2008, p. 202)

Os fatos que culminaram na independência do país, portanto, foram resultado de acordos e reformas políticas, sem grandes revoluções e lutas anticolonialistas, justamente pelo fato dos britânicos administrarem e conduzirem o processo de independência com o intuito de gerenciar partes de processo e, posteriormente, manter relações econômicas com certa vantagem. Hernandez (2008) caracteriza os movimentos de independência do território da Nigéria – e também de Gana, Gâmbia e Serra Leoa - de acordo com as negociações acordadas entre os interesses coloniais e nacionalistas. A unificação da Nigéria conta ainda com diferentes partidos políticos, de distintas matrizes ideológicas e culturais, que disputam o poder e os territórios com maior concentração de riquezas e interesses econômicos.

O líder Iorubá Egbe Omo Oduduwa descreve a Nigéria da seguinte maneira em sua obra *The path to Nigerian freedom*:

A Nigéria não é uma nação. É apenas uma expressão geográfica. Não há ‘nigerianos’ no mesmo sentido em que existem britânicos, alemães ou franceses. A palavra ‘nigeriano’ é apenas uma designação que distingue os que vivem no interior das fronteiras na Nigéria dos que vivem no exterior (apud HERNANDEZ, 2008, p. 201).

Esse espaço multicultural e multisocial compartilha, em certa medida, insatisfações políticas relacionadas ao colonizador além de necessidades estéticas que deveriam ir ao encontro das mobilizações sociais, como o NYM, que caminhavam contra as opressões estrangeiras. Quando pensamos, diante dessa contextualização nacional, *Things fall apart* entra no cenário com o intuito claro de opor-se ao discurso hegemônico e denunciar a perniciosidade e a capacidade de subverter aos valores dentro das relações de poder no contexto histórico do colonialismo, o que o torna mais

abrangente, mas também com a visão centralizada nos Ibos, o que exclui as demais sociedades nigerianas e também suas relações em muito conflituosas entre elas.

A obra traz os embates, conflitos e as relações existentes dos Ibos diante do processo de colonização retratadas no romance para além da visão dicotômica entre colonizador e colonizado. Ao dar voz às suas estruturas sociais e culturais, Chinua Achebe não idealiza os acontecimentos e as organizações existentes, não há uma tentativa de romantizar o passado em prol da construção ideológica de uma nação – como acontece no projeto literário de muitos países que enfrentam o processo de independência -, pelo contrário, o que Achebe traz é justamente o desvelamento de estruturas complexas, inclusive com suas falhas e contradições. Talvez justamente pelo fato de que, na Nigéria, não houve um projeto comum entre suas sociedades é que não há a necessidade de idealizar um povo e uma nação.

A construção de seu romance de estreia também teve outras fontes. Ao não encontrar nas literaturas uma história compatível ao público leitor que agora se formava em seu país - com a independência, os investimentos no setor da área de alfabetização e escolarização cresceram - o escritor nigeriano resolve escrever o projeto de *Things fall apart* baseado na oposição às constantes imagens preconceituosas desenhadas sobre a África que reprimem a voz dos africanos sobre si próprios nas mais variadas literaturas ocidentalizadas. Seu exemplo de resistência baseava-se em sua própria história: a trajetória do povo Ibo diante da colonização.

O maior exemplo que serviu como inspiração à elaboração de *Things fall apart* foi a obra *Heart of Darkness* de Joseph Conrad. Chinua Achebe chegou a declarar, em seus livros de crítica literária, como *Hopes and Impediments* (1988) seu intuito de criticar o romance britânico, que lida exatamente com situações e personagens dicotômicos, opondo o bem e o mal, o civilizado e o bárbaro. Muitas vezes lido e criticado sob a óptica da ideologia racista e imperialista, *Heart of Darkness*, mesmo com seu enredo baseado no choque de civilizações e seus reflexos para o mundo (inclusive o colonialismo), pode corroborar com as expectativas de uma África mítica e selvagem, em que seus habitantes são a antítese do progresso e da humanidade. Levando em consideração que esses romances, assim como outros com o mesmo recorte imperialista, fizeram parte (e ainda fazem) da formação escolar e literária de muitos países de língua britânica, como a Nigéria. Chinua

Achebe, educado “sob o protetorado britânico”⁶ teve contato com essa literatura em idade escolar, contato que foi fundamental para sua formação crítica da realidade.

Em sua obra de ensaios *Hopes and Impediments* (1988), Achebe prontifica-se a realizar um debate acerca da Literatura. No primeiro texto da obra “*An Image of Africa: Racism In Conrad's Heart of Darkness*” ele analisa a questão do discurso da superioridade racial presente no enredo do livro britânico da comparação do Rio Congo e do Rio Tâmis:

Heart of Darkness projects the image of Africa as “the other world”, the antithesis of Europe and therefore of civilizations, a place where man's vaunted intelligence and refinement, are finally mocked by triumphant beastly. The book opens on the River Thames, tranquil, resting, peacefully at the decline of day after ages of good service done to the race that peopled its banks.” But the actual story will take place on the River Congo, the very antithesis of the Thames. The River Congo is quite decidedly not a River Emeritus. It has rendered no service and enjoys no old-age pension. We are told that “Going up that river was like traveling back to the earliest beginnings of the world. (ACHEBE, 1988, p. 261)⁷

Algumas outras comparações entre as obras são possíveis após a leitura. Assim como Conrad não produziu originalmente uma imagem sobre o continente africano, o livro de Chinua Achebe também não pode abarcar todas as situações coloniais existentes no continente. Ambos são resultados de consciência histórica. É importante ressaltar, no entanto, que o papel de uma literatura comprometida com sua sociedade passa pela consciência da reprodução, ou não, de valores hegemônicos. Se *Heart of Darkness* serve, de alguma forma, à manutenção da imagem negativa sobre a África, cabe ao escritor do continente oprimido, portanto, reescrever a história com o intuito da construção de uma nova imagem e do questionamento das estruturas de poder, mesmo que seja a partir de uma parte representativa de todo o sistema oprimido.

Em Conrad, o personagem Mr. Kurtz é responsável por representar o choque de civilizações antagônicas e pela incapacidade de ver as “trevas” em si mesmo, Okonkwo, protagonista de *Things*

6 Referência ao seu livro de ensaios *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*, que expõe os interesses de Chinua Achebe ao longo de sua trajetória literária desde a infância, quando era educado sob o domínio britânico na Nigéria, até sua fase adulta. O livro foi editado no Brasil em 2009 pela Companhia das Letras, com tradução de Isa Mara Lando.

7 [*Heart of Darkness* projeta a imagem da África como “o outro mundo”, a antítese da Europa e, portanto, da civilização, um lugar onde o alardeado refinamento e a inteligência humana são ridicularizados pela bestialidade triunfante. O livro começa no rio Tâmis, tranquilo, repousando pacificamente após eras de bons serviços prestados à raça que povoava suas margens”. Mas a história de fato acontecerá no rio Congo, a antítese do Tâmis. O rio Congo decididamente não é um Rio Emérito. Ele não prestou serviço algum e não tem nenhuma pensão. Somos informados de que “Subir aquele rio era como viajar de volta aos primórdios do mundo”] As citações em britânico traduzidas no rodapé são livres e de minha autoria.

fall apart, é também um personagem caracterizado pela falta de empatia. A crítica ao imperialismo é que acontece de maneira diferente entre os dois romances e a partir de compromissos políticos distintos e historicamente distantes. A intenção do escritor nigeriano não é subverter a ordem, passar de dominado a hegemônico, o projeto literário do autor está ligado ao princípio das contradições e diferenças que constroem o percurso social e histórico. O que *Things fall apart* faz, portanto, é colocar como sujeito e dar voz ao discurso dos ignorados pela história – o que *Heart of Darkness*, mesmo que insinue, não faz.

Restringir, no entanto, a leitura de *Things fall apart* como resposta ao discurso hegemônico e ao livro de Conrad pode ser considerada um tanto reducionista – assim como o livro de Conrad também não pode sofrer o reducionismo de ser apenas um livro colonialista. O projeto literário de Chinua Achebe vai além desse ato de refutação, a criação de seu primeiro romance é baseada na ideia de contar a história de três gerações Ibo em diferentes momentos da história da Nigéria. O resultado dessa proposta veio por meio da elaboração de três livros que compõem a chamada “trilogia africana”: *Things fall apart* (1958), *Arrow of God* (1964) e *No longer at ease* (1960).

No prefácio da edição *The African Trilogy*⁸, Achebe conta sobre o processo de produção de suas obras. Quando escreveu seu primeiro rascunho *Things fall apart* e *The arrow of God* as histórias, posteriormente separadas, estavam articuladas como um mesmo livro: a história de três gerações Ibo (a geração de seu avô, de seu pai e sobre sua própria) que se entrelaçavam à história da Nigéria. Como a narrativa parecia ainda inacabada, o escritor resolveu então separá-la em duas partes e dar continuidade ao que faltava, a reelaboração da primeira parte resulta na publicação do primeiro livro: *Things fall apart*, já a segunda parte precisou esperar mais um pouco pois o autor se dedicara agora a escrever a história de sua própria geração em *No longer at ease*, que foi o segundo livro a ser publicado, mas não o segundo volume idealizado na elaboração de sua trilogia.

O último romance publicado, portanto, *The arrow of God*, foi reorganizado pelo escritor e apresenta uma geração da sociedade Ibo que está entre os dois demais romances. Nessa história o leitor conhece Ezeulu, um líder político e intelectual Ibo que se encontra na alternância entre a visão ocidental externa e a visão interna da aldeia de Umuaro. Ao contrário de *Things fall apart* que narra a chegada dos colonizadores britânicos e as reações e oposições a esse momento, nesse segundo romance, a colonização já é presente e é necessário conviver com ela em seus mais variados aspectos, inclusive com a língua, religião e cultura.

8 Edição comemorativa dos 30 anos de publicação de *Things fall apart*.

No terceiro romance da trilogia, a história é sobre Obi Okonkwo e está situada na Nigéria de 1950, quando o rapaz, que estuda na Grã-Bretanha e retorna a Nigéria em busca de seus ideais, depara-se com o choque de realidades existentes em seu país e com seus próprios conflitos e interesses internos. Esse é o romance que se propõe a analisar a perspectiva da geração do próprio Chinua Achebe e muitos dos dilemas com os quais ele conviveu e escreveu em vida.

Como é possível observar, portanto, as intenções do escritor Ibo vão além da resposta ao colonialismo e ao discurso de poder, ele elabora uma narrativa que se apoia na resistência e na ideia de construção de uma nação a partir da perspectiva endógena, que se propõe a apresentar as tensões, contradições, acordos e relações existentes no cerne dessa sociedade em constante formação. Não há o embate entre o tradicional e o civilizado, pois, a ideia de tradição para Chinua Achebe é viva e modificada, em sua estrutura, ao longo do tempo, de acordo com necessidades, tempo, espaço e posições de poder; há o desvelamento de estruturas complexas e reais.

Ao refletir sobre a resistência em *Things fall apart* é necessário também passar pela forma, a construção da obra e a linguagem. Chinua Achebe - educado durante o colonialismo em língua britânica, mas falante de Ibo entre seus familiares - escolhe escrever sua obra através da língua do próprio colonizador. Essa opção é claramente problemática para os países africanos, mas sobretudo para os de língua britânica, já que essa é a língua hegemônica em todo o mundo e a que determina e hierarquiza as relações econômicas e políticas.

Ao escrever em britânico, Chinua Achebe pode não atingir a representatividade almejada na maioria de seu próprio povo, os Ibos, já que grande parte da população não tem acesso a esse capital cultural determinante para a divisão intelectual, social e econômica do país (RODRIGUES, 2011). Por outro lado, também pode caracterizar um espaço de resistência justamente por alcançar, além de alguns de seus pares, os alvos de suas críticas. Além disso, o texto do escritor nigeriano ajudou a fomentar, em certa medida, o discurso de libertação diante do imperialismo colonial e foi utilizado como fonte de estudo em temáticas de introdução às literaturas africanas e ao pensamento de resistência.

Já ao pensarmos no conceito da narrativa literária também como forma de resistência, apresentado em *Literatura e resistência* de Bosi (2002), é importante refletir em que medida e de que modo a experiência e a ideologia do autor estão evidentes na construção da obra. É claro que não se deve confundir o objeto estético com o sujeito escritor, mas é natural que as estruturas sociais e econômicas que permeiam o contexto autoral estejam internas à obra, já que as manifestações

culturais das sociedades estão, em certa medida, *determinadas* pela infraestrutura econômica, seja na relação de sincronia ou de oposição a ela. No caso da literatura de resistência, é essencial representar a segunda opção, contrária à ideologia hegemônica.

O narrador da obra nigeriana é capaz de reavaliar os valores hegemônicos das relações sociais e coloniais existentes de forma lógica, linear e natural na tentativa de agir e pensar sobre a realidade de alguma forma. Esse observador onisciente é um crítico de muitas experiências internas e externas que surgem no enredo ao mesmo tempo que exprime análises concernentes ao seu tempo histórico. Uma narrativa que acaba por revelar um compromisso político e uma consciência histórica, que só podem estar assegurados por um autor implícito que submetido ao narrador.

A própria leitura materialista dialética da obra literária aponta para uma leitura que entende a história pelas necessidades materiais. A obra literária está posta em termos das próprias condições históricas que a produzem e, ao mesmo tempo, está ciente de suas próprias condições históricas. (EAGLETON, 2011, p. 8). A crítica marxista não deve recair em uma “sociologia da literatura” tampouco em uma análise de sua estrutura somente. O romance, portanto, pode codificar e interpretar a realidade histórica em consonância ou dissonância na superestrutura. No caso da obra de Chinua Achebe há recursos estéticos que indicam a presença de uma resistência ideologicamente dissonante.

Sob a voz desse narrador, brevemente apresentado até aqui, o romance é dividido em três partes e narra a história de um grupo da sociedade Ibo no interior do sudeste da Nigéria. O leitor passa a conhecer os costumes, histórias e tradições culturais desse povo e acompanha o personagem Okonkwo principalmente por meio da voz do narrador. Na primeira parte observamos de perto a lógica de funcionamento daquele clã e suas relações familiares, sociais e econômicas. Na segunda parte acompanhamos Okonkwo em seu exílio de sete anos na terra de sua mãe, já na terceira e última parte o retorno de Okonkwo à Umuófia é cercado de estranhezas e dificuldades com a consolidação do homem branco naquele lugar, até culminar na tragédia do protagonista e de seu povo. Todo o percurso da chegada dos britânicos, do cristianismo e do colonialismo naquela região é tratado de maneira gradual, inclusive a própria violência desse sistema vai aumentando aos poucos até tornar-se insustentável.

O mundo que se despedaça aos nossos olhos gradativamente é apresentado a partir de um narrador particularmente íntimo e pertinente; por personagens complexos e sistematicamente entrelaçados a um espaço que também se configura como protagonista. Esta leitura da obra, entre

as muitas possíveis, necessita, além das colocações apresentadas, de um contexto histórico específico sobre os Ibos e a Nigéria.

1.3 Os Ibos e a Nigéria

Os Ibos são uma das mais numerosas sociedades da Nigéria e também uma das que exercem maior influência política e cultural no país. A grafia da palavra é muito discutida entre especialistas e entre os próprios Ibos. Okoroike (2009) em *Ibos of Nigeria and their cultural ways: aspects of behavior, attitudes, customs, language and social life* explica aos leitores estrangeiros que a grafia Ibo corresponde ao povo já Ibo à língua. Essa é a definição que será utilizada neste trabalho a respeito da grafia desse vocábulo.

Alberto da Costa e Silva em sua obra *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses* faz a seguinte caracterização da sociedade Ibo:

A leste do Níger, na região habitada pelos Ibos, não se desenvolveu o estado centralizado, não surgiu rei. Exceto algumas pequenas áreas, ao norte, por contágio e gala, e ao sul, junto ao rio – tal qual sucederia nos territórios ocupados pelos Ibos na banda ocidental do Níger - por influência de Benin. Na Ibolândia, a regra foi a pequena constelação de aldeotas, dedicadas à agricultura de subsistência, ao plantio do inhame, do dendê, da banana e dos feijões, à criação de pequenos animais (galinhas, carneiros, cabras), à pesca e ao comércio. As linhagens, os grupos de idade, as associações de titulados e a sociedades secretas formavam as estruturas de poder de cada vilarejo e dos grupos de aldeias, e suas decisões vinham sopradas dos oráculos ou eram tomadas por consenso (COSTA E SILVA, p.467).

De fato, os portugueses foram os primeiros europeus a chegar à Nigéria no final do século XV, porém, o contato foi apenas no litoral com o reino dos Iorubás principalmente. Somente no século XIX é que os britânicos conquistaram o território e avançaram para o interior, entrando em contato com o povo Ibo, sendo que esse primeiro contato se deu através dos missionários cristãos que, com intuítos educacionais ligados à política de colonização, foram responsáveis por ocupar o interior do território até sua devida exploração.

Devido às diferenças culturais e identitárias existentes na Nigéria, os Ibos, durante o processo colonial, buscaram espaços de consolidação de poder nas estruturas políticas existentes e encontraram obstáculos diante dos Hauçass e dos Iorubás, inclusive com fortes episódios de

violência contra os Ibos. Após a independência do país, a criação de diferentes partidos políticos, diferentes interesses financeiros e matrizes ideológicas distintas e incompatíveis, culminaram em um nacionalismo baseado na xenofobia que resultou na Guerra do Biafra em 1967, quando os Ibos, motivados por um movimento separatista, fundaram outro Estado, com o apoio dos países africanos África do Sul, Costa do Marfim, Gabão, Tanzânia e Zâmbia e também dos europeus Portugal e França. A reincorporação do território se deu apenas durante a Guerra Fria com o apoio da URSS; todo o processo foi marcado por interesses externos e internos que queriam promover a desintegração da Nigéria.⁹

A trilogia africana, como é conhecida a reunião das principais obras literárias de Chinua Achebe, narra a trajetória do povo Ibo diante dessas diferentes circunstâncias da história da região da Nigéria. *Things fall apart*, apesar de ser publicado em 1958, volta-se ao passado em meados de 1850, quando os primeiros missionários britânicos chegam à região e avança até a definitiva instalação de aparelhos de poder coloniais, como a escola, a igreja, o tribunal e, inclusive, os aparelhos repressivos e punitivos.

Ao apresentar esse pedaço da história do povo Ibo, a obra apresenta-nos um paradoxo. Ao dar voz à história dos nigerianos, dos africanos, dos oprimidos, enfim, daqueles que foram esquecidos discurso oficial de poder; a narrativa assume um caráter universalizante e emblemático em relação aos excluídos. Ao mesmo tempo, não é possível esquecer o fato de que os Ibos são apenas uma parcela da sociedade nigeriana e, por esta razão, não podem significar e representar todas as relações existentes nem ao menos no território do próprio país. Tendo em vista as questões complexas existentes nas relações de poder entre Ibos, hauçás e Iorubás, principalmente, é importante relativizar o lugar enunciativo da obra, que exprime particularidades a partir de um ponto de vista exclusivamente Ibo.

1.4 O romance em fragmentos

Na abertura de *Things fall apart*, o leitor de Chinua Achebe depara-se com uma epígrafe que faz referência ao próprio nome da obra, trata-se do primeiro trecho do poema "The second coming" escrito em 1919 pelo poeta irlandês William Butler Yeats logo após o fim da Primeira

⁹ HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. P. 204-205.

Guerra Mundial, que retrata justamente a atmosfera de uma época em que a Europa tentava se restabelecer após diversas mudanças políticas, culturais, geográficas e, sobretudo, econômicas:

Turning and turning in the widening gyre
 The falcon cannot hear the falconer;
 Things fall apart; the centre cannot hold;
 Mere anarchy is loosed upon the world.¹⁰
 W. B. YEATS “The second coming”

No poema, a ideia de que o falcão não mais pode escutar o falcoeiro porque uma nova ordem, uma mera anarquia, está instaurada, pode ser relacionado à política do colonialismo que chega ao continente africano. Quando uma nova ordem impõe mudanças bruscas à base econômica que sustentava determinada sociedade, muitas ‘coisas’ podem desmoronar, algumas mudanças varrem toda uma história e são responsáveis por apagar identidades e vidas. Os versos de Yeats utilizam-se de muitas expressões cristãs apocalípticas, o que não só pode revelar a aproximação de Chinua Achebe com essa formação religiosa como também anuncia o que está por vir em sua obra, desde uma missão colonizadora até a transformação de um regime político econômico.

O romance é dividido em três partes, com o narrador observador sempre acompanhando o protagonista Okonkwo, o líder Ibo da vila de Umuófia, em sua trajetória durante a narrativa. Ele é o responsável por apresentar ao leitor a mudança que o povo Ibo sofreu ao ir de encontro aos colonizadores. É através das experiências de Okonkwo que é possível conhecer esse mundo e suas transformações.

A apresentação do protagonista ao leitor acontece logo nas primeiras palavras do texto, que descrevem, primeiramente, seus feitos e méritos. O leitor conhece um membro da sociedade Ibo que é grandioso guerreiro e que promete ser uma figura central e de respeito entre seu povo.

Okonkwo was well known throughout the nine villages and even beyond. His fame rested on solid personal achievements. As a Young man of eighteen he had brought honour to his village by throwing Amalinze the Cat. Amalinze was the

¹⁰ Girando e girando na espiral que se amplia O falcão não pode ouvir o falcoeiro/ Tudo se despedaça, o centro não se mantém/ A mera anarquia é dissipada pelo mundo. [Tradução livre da autora]. A própria tradução da expressão – e também do título do livro - *Things fall apart* não é um consenso entre as adaptações para outras línguas. A escolha do significado depende muito da interpretação da obra, já que a palavra *things* (que na tradução literal é assumida como ‘coisas’ em português) pode ser entendida de diversas maneiras. O título da obra, portanto, já é, por si só, um objeto de estudo e análise.

great wrestler who for seven years was unbeaten from Umofia to Mbaino. (ACHEBE, p. 05)¹¹

Porém, a descrição de Okonkwo continua e ele passa do típico herói clássico a um homem constituído também de defeitos e falhas: “He had a slight stammer and whenever he was angry and could not get his words out quickly enough, he would use his fists.”¹² (p.05). O uso da violência quando não conseguia se expressar ou se controlar era um grande defeito de Okonkwo, problema este que terá suas consequências ao longo da narrativa na vida do personagem e seu povo.

Logo em seguida, conhecemos o passado de Okonkwo representado através da figura de seu pai Unoka que é descrito como preguiçoso, devedor, e incapaz de pensar no futuro. Okonkwo busca ser definido em oposição ao seu pai, que era covarde, não suportava guerras e sangue além de ser um adulto derrotado e pobre, que não conseguia sustentar a própria família. O protagonista tem vergonha de sua origem paterna e lutou durante toda a vida para se desvencilhar dessa imagem, construindo sua vida de maneira abastada, como grande agricultor e guerreiro.

Por isso, nesse momento, o narrador faz uma ressalva importante sobre as características da sociedade Ibo: “Fortunately, among these people, a man was judged according to his Worth and not according to the Worth of his father”¹³ (p. 08). A hierarquia da sociedade Ibo não é baseada na monarquia e, por isso, não leva em consideração laços familiares para a determinação de poder, todos podem alcançar altos cargos e boas influências, de acordo com os próprios méritos que eram valorizados – ou não – de acordo com critérios da sociedade. Essa característica é essencial para a ascensão social de Okonkwo diante de seu povo na história de *Things fall apart*, já que seu pai, Unoka, não poderia lhe oferecer grandes heranças financeiras ou sociais.

De tanto contrariar a personalidade de seu pai, Okonkwo passou a odiar tudo que se assemelhava a ele, inclusive a doçura e a indolência. Nesse ponto é que o protagonista nos é apresentado com seus defeitos e falhas; além do temperamento violento, o medo dominava sua vida, o medo do fracasso e da fraqueza. Esse personagem principal, que tem como maior característica o medo, não consegue se enquadrar na classificação do herói clássico, figura

¹¹ “Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra à sua aldeia, ao vencer Amalinze, o Gato, um grande lutador, campeão invicto durante sete anos, em toda área desde Umuófia até Mbaino”. [todas as notas de tradução de *Things fall apart* serão retiradas da edição brasileira da Editora Ática de 1983, tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva.]

¹² Sofria de leve gagueira e, quando se zangava e não conseguia pronunciar as palavras que desejava com suficiente rapidez, costumava, em vez delas, usar os punhos.

¹³ Felizmente, entre esse povo, um homem era julgado pelo seu próprio valor e não pelo valor do pai.

arquetípica das narrativas que percorre uma jornada e passa por diversas situações ao longo das histórias, culminando em algum tipo de vitória pessoal ou social, geralmente associados aos heróis das epopeias gregas e latinas (KOTHE, 1987). Como veremos, não será seu papel salvar seu povo da destruição, tampouco será um exemplo dentro de sua comunidade.

Assim, a história não é centralizada em posições maniqueístas centradas na figura e no sucesso do herói que responde aos anseios da maioria e é responsável por “salvar” a nação ou o clã. Os personagens são complexos, caracterizados por sentimentos ambíguos, qualidades e defeitos e Okonkwo é, portanto, a metonímia de sua própria sociedade, já que a figura heroica está intimamente ligada à sociedade que a criou.

Aos poucos conhecemos um pouco mais sobre esse determinado personagem e seu povo residente na vila Ibo de Umuófia. O cotidiano e os hábitos dos habitantes são os principais objetivos da primeira parte da narrativa, em que podemos nos ambientar e embrenhar na lógica de funcionamento dessa sociedade. No trecho a seguir há a imagem de uma assembleia entre seus membros com o intuito de discutir uma questão relevante para todos.

In the morning the market place was full. There must have been about ten thousand men there, all talking in low voices. At last Ogbuefi Ezeugo stood up in the midst of them and bellowed four times ‘Umuofia kwenu’ and on of each occasion he faces a different direction and seemed to push the air with a clenched fist.

(...)

And in a clear unemotional voice he told Umuofia how their daughter had gone to the market at Mbaino and had been killed. (ACHEBE, 2010, p. 10)¹⁴

Já no trecho a seguir é possível observar algumas considerações que Alberto da Costa e Silva apresenta em sua obra *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses* (1996) sobre as características do povo Ibo em que podemos fazer algumas reflexões com o texto acima:

Na Ibolândia, a regra foi a pequena constelação de aldeotas, dedicadas à agricultura de subsistência, ao plantio do inhame, do dendê, da banana e dos feijões, à criação de pequenos animais (galinhas, carneiros, cabras), à pesca e ao comércio. As linhagens, os grupos de idade, as associações de titulados e as

¹⁴ Na manhã seguinte, a praça do Mercado estava repleta. Deveriam estar ali reunidos uns dez mil homens, todos a falar em voz baixa. Finalmente, Ogbuefi Ezeugo ergueu-se do meio deles e bradou quatro vezes: - Umuófia kwenu?. [...] E com voz clara e destituída de emoção, contou ao povo de Umuófia como a filha deles fora ao mercado em Mbaino e ali a tinham assassinado. (p. 18-19)

sociedades secretas formavam as estruturas de poder de cada vilarejo e dos grupos de aldeias, e suas decisões vinham sopradas dos oráculos ou eram tomadas por consenso (COSTA e SILVA, p. 467).

A assembleia reunida por Ezeugo foi ‘notificada’ em Umuófia na noite anterior, em que o silêncio estava mais alto do que de costume, anunciando um grave assunto a ser tratado na comunidade. O assassinato de uma filha daquela terra foi recebido com muita revolta pelos seus habitantes que logo enviaram uma mensagem de ultimato a Mbaino: exigindo que escolhessem entre a guerra, ou a oferta de um rapaz ou uma virgem; tal decisão foi tomada em comum acordo. Esse fato, que aparentemente parece ser apenas uma descrição de costumes Ibo, será determinante para o enredo da narrativa e o futuro de Okonkwo.

É interessante notar, no entanto, que o fato da moça assassinada estar em outro vilarejo – Mbaino – enfatiza as relações de trocas comerciais existentes entre os diferentes aglomerados Ibos que COSTA E SILVA enfatiza em sua análise. Essa era a base das transações internas e externas que interligavam as rotas de mercadorias e serviços entre os povos Ibos. Foi, inclusive, através dessas trocas comerciais que os britânicos adentraram e estabeleceram-se na região no século XIX.

Umuófia era uma respeitada vila entre as suas vizinhas, tanto na guerra quanto na magia, e por isso aceitaram a oferta de um rapaz ao invés da guerra como resposta ao assassinato. Umuófia, apesar da fama, não era essencialmente violenta, pois todas as suas guerras foram aprovadas pelo Oráculo; já quando este desaconselhou o enfrentamento bélico, Umuófia aceitou o sábio conselho. As decisões do Oráculo, portanto, eram notoriamente respeitadas e qualquer tipo de desrespeito às palavras ‘sagradas’ caracterizava um sentimento de culpa profundo para o vilarejo ou para as pessoas envolvidas.

O narrador, sempre colado ao protagonista, por vezes se aproxima, descrevendo detalhes do cotidiano e da vida Ibo, como no exemplo descrito acima, e por outras se distancia, analisando o desenrolar da história como um agente externo a ela. Narrando do ponto de vista de dentro para fora, apresenta ao leitor como a infraestrutura daquela sociedade estabelece as relações de trabalho e poder além de determinar as manifestações da superestrutura. Ao mesmo tempo que conhece de perto as estruturas Ibos, apresentando uma perspectiva endógena do povo e de sua cultura, o narrador também assume uma visão crítica e cética sobre o desenrolar dos fatos históricos. Essa postura acusa um certo espaçamento social-temporal que indica a presença de vozes narrativas interpostas, uma característica do autor implícito, segundo Booth.

Okonkwo é privilegiado pelo olhar do narrador, que descola do personagem apenas quando este não pertence mais à história, em seu trágico final. O guerreiro foi o responsável por chegar até Mbaino e retornar a Umuófia com o garoto de quinze anos Ikemefuna e a virgem, oferecidos como parte do acordo. O rapaz ficou sob responsabilidade do próprio Okonkwo por três anos e protagonizou uma triste história para toda Umuófia.

Nesse momento do enredo há uma outra digressão narrativa para descrever outras características dos Ibos e, especificamente de Okonkwo. É descrita a trajetória do protagonista até a sua ascensão social; como que seu pai não havia deixado nada que pudesse herdar, coube a ele reunir seu próprio esforço e trabalho para construir seu *compound* [conjunto de habitações onde mora uma família], seu celeiro, sua criação de animais, seu *obi* [casa do homem, que é distinta da casa das esposas] e sua “casa dos feitiços” onde Okonkwo guardava imagens de seu deus pessoal e lhe trazia oferendas.

A importância do inhame para a sociedade Ibo é sempre destacada em vários trechos do livro, é um alimento sagrado e seu período de colheita é determinante para as boas e más sortes de seu povo. Existe, inclusive, um Festival dedicado ao tubérculo de grande valor nutricional e cultural para os Ibos. Em sua trajetória pela ascensão social, o sucesso de Okonkwo está sempre ligado ao seu sucesso no plantio do inhame e no sustento de si mesmo e de sua família através desse alimento: “*Yam stood for manliness, and he who could feed his Family on yams from one harvest to another was a very great man indeed.*”¹⁵. Assim, é possível relacionar muito do que é descrito na narrativa com as observações de COSTA E SILVA sobre o funcionamento da sociedade Ibo. É no *coumpound* de Okonkwo, aprendendo sobre o plantio de inhames e outros inúmeros costumes, que Ikemefuna é recebido pela primeira esposa e mãe de seu filho mais velho, Nwoye.

A essa altura sabemos pouco sobre Ikemefuna, mas seu destino será determinante para os rumos da narrativa a partir de agora: “*The elders of the clan had decided that Ikemefuna should be in Okowkno’s care for a while. But no one thought it would be as long as three years. They seemed to forget all about him as soon as they had taken the decision.*”¹⁶. Enquanto Ikemefuna viveu sob responsabilidade da família, conquistou afeto, inclusive de Okonkwo, que, obviamente, não

¹⁵ ACHEBE, Chinua. *Things fall apart*. 2010, p. 25. [Inhame era símbolo de virilidade, e aquele que fosse capaz de alimentar a família com os inhames de uma colheita à outra era realmente um grande homem]

¹⁶ ACHEBE, Chinua. *Things fall apart*. 2010, p. 22. [Os mais velhos do clã haviam decidido que Ikemefuna seria entregue aos cuidados de Okonkwo durante algum tempo. Mas ninguém pensara em um período de tempo tão longo quanto três anos. Pareciam ter se esquecido completamente do rapaz, depois de tomada a decisão] (p. 33)

demonstrava empatia, mas considerava Ikemefuna como se fosse um filho, tratando-o com brutalidade e aspereza

Ikemefuna chegou a Umuófia entre as estações de colheita e plantio. O tempo da narrativa não é marcado cronologicamente em nenhum momento da história, é possível estabelecer o tempo histórico em que se passaria a história de Okonkwo através dos fatos narrados. Sabe-se¹⁷ que os primeiros europeus a terem contato com a região onde fica a Nigéria e suas populações hoje foram os portugueses no final do século XV, época de ouro para as navegações do país lusófono. O país acabou intermediando a relação de tráfico de escravos na região Iorubá e permaneceu apenas naquela porção do território. Somente no século XIX que os britânicos iniciaram sua exploração e partiram para o interior do país.

Como no enredo observamos a chegada dos britânicos na região retratada através dos missionários cristãos, é possível estabelecer que a história se passa em meados de 1840, quando as primeiras expedições missionárias adentraram para a região interior, onde ficam localizados os Ibos, com a intenção de ocupar os territórios para posteriormente dominá-los¹⁸. Foi em 1914 que as atuais fronteiras que hoje são conhecidas como Nigéria foram estabelecidas pelos britânicos, que já dominavam toda a região.

Conhecemos um pouco sobre a dinâmica temporal interna da sociedade através de elementos como semana de mercado e Semana da Paz. Foi durante esta última que Okonkwo recebeu uma punição por bater em sua mulher durante esse período considerado sagrado. Ao espancar a sua mulher Ojiungo, não só cometeu um grande mal como ofendeu a deusa da terra que seria responsável por oferecer auxílio ao povo de Umuófia na época de plantio. Diante de seu comportamento, Okonkwo foi obrigado a levar uma oferenda ao santuário de Ani como pedido de desculpa por ter infringido uma regra da Semana da Paz: que era a de não cometer quaisquer atos de violência entre seus iguais. Apesar de estar arrependido no seu íntimo, e ter sido repreendido por Ezeani, não disse palavra e seguiu com sua obrigação.

17 FALOLA, Toyin et. History of Nigeria. 2008.

18 É importante lembrar que a Conferência de Berlim, que ocorreu entre 1884 e 1885, levou em consideração a efetiva ocupação dos territórios pelas potências imperialistas. A Grã-Bretanha, hegemônica entre todas e com grande arsenal militar e expansionista, antecipou-se em suas expedições com o intuito de registrar seus domínios. (RODRIGUES, 2011)

Diante desse ato de violação que não era cometido há alguns anos em Umuófia acontece uma interessante observação no diálogo entre os personagens de Ezeudu e alguns visitantes da aldeia:

Ogbuefi Ezeudu, who was the oldest man in the village, was telling two other men who came to visit him that punishment for breaking the Peace of Ani had become very mild in their clan.

‘It has not always been so’ he said. ‘My father told me that he had been told that in the past a man who broke the peace was dragged on the ground through the village until he died. But after a while this custom was stopped because it spoiled the peace which it was meant to preserve.

‘Somebody told me yesterday’ said one of the younger men, ‘that in some clans it is an abomination for a man to die during the Week of Peace’.

‘It is indeed true’ said Ogbuefi Ezeudu. ‘They have that custom in Obodoani. If a man dies at this time he is not buried but cast into the Evil Forest. Is it a bad custom which these people observe because they lack understanding. They throw away large numbers of men and women without burial. And what is the result? Their clan is full of the evil spirits of these unburied dead, hungry to do harm of the living’. (ACHEBE, p. 24.25)¹⁹

A punição ao violar a Semana da Paz, que antes era a própria morte de seu responsável, foi revista pelo antigo povo de Umuófia por analisarem que a morte é mais um ato de violência, estigma que deve ser evitado ao máximo durante o período. Nesse excerto, observamos que a noção de uma sociedade em constante transformação existe a partir da visão de seus próprios membros, que são capazes de não apenas rever suas tradições como também julgar os costumes e modos de outras sociedades. A competência de observar, reavaliar e modificar as estruturas sociais é o que torna a sociedade viva.

Apesar de parecer um princípio básico, a visão de sociedade em constante movimento é, de certa forma, atípica nas literaturas sobre África, já que as sociedades do continente sempre foram retratadas pelo discurso externo de maneira exótica, pontual, tradicional e estática, como se não

¹⁹ Ogbuefi Ezeudu, que era o mais velho da aldeia, comentava com outros dois homens que o tinham ido visitar, que a punição pelo rompimento da Paz de Ani se tinha suavizado muito no clã.

- Nem sempre foi assim – declarou ele. – Meu pai me contou lhe terem contado que, no passado, quem rompesse a paz era arrastado pelo chão da aldeia até morrer. Mas algum tempo depois esse costume se interrompeu, porque, em última análise, quebrava a paz que suposto preservar.

- Contaram-me ontem – disse um dos visitantes mais moços – que, em certos clãs, se considerava uma abominação que um homem morra durante a Semana da Paz.

- E realmente é verdade – falou Ogbuefi Ezeudu. – Existe essa crença em Obodoani. Se um homem falecer nessa semana, não é enterrado. Jogam-no na Floresta Maldita. É um mau costume o que essa gente segue, grande quantidade de homens e mulheres sem enterro. E qual é o resultado? Seu clã vive cheio de espíritos maus desses mortos sem tumba, ávidos de causar danos aos vivos. (p. 37)

possuíssem a capacidade de analisar a si mesmas e, muito menos, compararem-se com outras culturas. O olhar ocidentalizado sempre contrapôs o folclore e a barbárie das sociedades africanas à cultura europeia, que é moderna, em progressivo movimento e civilizada.

Inclusive, a ideia de sempre ligar o continente africano a um conceito de tradição, como se este fosse seu princípio básico, sempre carrega a noção de estaticidade, mesmo quando a intenção é de valorização da tradição. Essa concepção, em certa medida, apaga muitas referências essenciais sobre os povos africanos e sobre o próprio conceito em si, pois nenhuma tradição é estática, já que é resultante de relações históricas. Os processos culturais são vivos e concebidos pela sociedade que está em constante transformação, seja pela avaliação de si mesma, pelo contato com outras culturas, pelo intercâmbio de gerações ou por fatores históricos.

O próprio conceito de tradição parece trazer, à primeira vista, a ideia de imobilidade, algo que não se altera apesar do tempo decorrido. No entanto, ao consultarmos a etimologia da palavra, no Dicionário Etimológico da língua portuguesa observamos que “tradição é um ato de transmitir ou entregar, é a transmissão oral de lendas, fatos ou valores espirituais, através de gerações” (CUNHA, 2010). É possível observar que a palavra tradição é essencialmente dinâmica, uma pessoa tradicional é aquela que recebeu (e precisa transmitir depois) um conhecimento, uma herança ou uma responsabilidade do passado.

Portanto, na tradição já está embutida a ideia de transmissão e movimento; será alterada ou modificada constantemente em um ou vários de seus princípios para manter-se viva. Não faz sentido relacionar tradição e modernidade em um sentido de oposição como sempre desenhou a estética e a epistemologia imperialista com o objetivo de legitimar um projeto civilizatório.

Da mesma forma, não é possível pensar na tradição como um valor a ser resgatado, pois ele não está no passado. Romantizar uma tradição como algo imutável é negar seu caráter de transformação e esse é um outro tema muito frequente em textos e temáticas sobre África. Ao introduzir o diálogo retratado acima, o narrador traz à tona o poder que as sociedades africanas e os Ibos, especificamente, tem ao assumir-se como sujeitos de sua própria história, capazes de conduzir e negociar suas próprias mudanças. O colonialismo, no entanto, como encontro de sistemas opostos, altera o processo de transformação natural das tradições, ele age como uma grande ruptura nas bases que organizam os conceitos tradicionais.

Ainda na primeira parte do livro de Achebe, anteriormente a esse encontro entre os Ibos e os colonizadores, o narrador evidencia o fato de que as próprias relações familiares tradicionais se

alteram ao longo das gerações pelas próprias demandas internas. Assim como Okonkwo não seguiu os exemplos do pai – pois queria ser contrário a tudo que se aproximava da lembrança dele - seu filho Nwoye acaba contrariando as expectativas colocadas pelo seu papel de primogênito: *“Okonkwo wanted his son to be a great farmer and a great man. He would stamp out the disquieting signs of laziness which he thought he already saw in him”*²⁰. O pai tinha receio que seu filho se aproximasse mais das características do avô e não tivesse futuro entre os Ibos.

A relação de Okonkwo com seu filho mais velho Nwoye será central para a narrativa, principalmente após o estreitamento da amizade entre ele e Ikemefuna, que deixará o filho mais velho inconformado com as atitudes de seu pai e passará a questionar muitos valores da família e do seu próprio clã. Quando os missionários chegam à região, essa atitude culmina em ruptura da relação entre os dois do mesmo modo que muitas tradições se rompem de maneira incisiva.

Toda a decepção existente na relação entre Okonkwo e Nwoye aquele compensava com o carinho e admiração recebido pela sua filha Ezinma, a única filha de sua segunda esposa, Ekwefi, a única sobrevivente após tantos outros filhos perdidos – o que não era bem visto pela sociedade, uma mulher que não conseguia manter uma gravidez ou que perdia seus filhos antes dos seis anos – e que passou por uma grave doença que quase a matou quando já era mais velha. Apesar dessa sina que a acompanha, Okonkwo nutre por essa filha um sentimento de carinho que poucas vezes manifesta, mas humaniza um pouco seu caráter, depositando nela as esperanças perdidas com Nwoye.

Essa relação, desperta a necessidade de elucidar aqui algumas questões concernentes às relações de gênero e seus papéis na sociedade Ibo apresentados no texto. As emoções e sentimentos são, para Okonkwo, atos estritamente femininos e qualquer homem que se permita sentir terá sua virilidade afetada, já as histórias masculinas são aquelas que envolvem violência e sangue enquanto as fábulas cheias de moral e metáforas são consideradas narrativas femininas. Os crimes em Umuófia são divididos entre crimes masculinos e femininos sendo que estes referem-se a atos de violência acidentais, sem a intenção do autor.

Sobre os papéis de poder dessa sociedade, eles são divididos entre homens e mulheres, como o caso da personagem Chielo, uma mulher viúva e com dois filhos que também era a sacerdotisa de Agbala, o Oráculo das Montanhas e das Grutas, responsável por profetizar muitos

²⁰ ACHEBE, Chinua, *Things fall apart*, 2010, p. 25. [Okonkwo desejava que seu filho chegasse a ser um grande agricultor e um grande homem. Para isso, estava pronto a eliminar os inquietantes sinais de preguiça que imaginava entrever no menino]

destinos entre seus pares. Já Ezeudu e Obirieka são anciãos e membros do conselho encarregado de administrar e encontrar soluções para os problemas da aldeia.

Em relação aos seus filhos, Okonkwo sempre se perguntava por que Enzinma não havia nascido menino, já que suas características e qualidades se aproximavam mais do que ele considerava ideais para seu possível herdeiro. O guerreiro constantemente reforçava suas características consideradas masculinas diante de seu povo, pois considerava esse aspecto de muito valor.

É difícil avaliar os conceitos e embates entre os gêneros de qualquer sociedade sob a óptica de nossa vivência social, já que estamos imbuídos de valores que não são compartilhados com a mesma origem e da mesma forma. No entanto, é importante ressaltar que essa diferença de gênero era sentida entre esses representantes Ibos, determinada por papéis muito bem delimitados e também questionada quando necessário, reforçando o conceito de que as determinações sociais não são permanentes e imutáveis.

O fato é que o narrador de *Things fall apart* parece conhecer muitos aspectos internos do povo Ibo e possui a habilidade de traduzir valores e funcionamentos com grande naturalidade, fazendo com que o leitor conheça essa sociedade através de uma perspectiva endógena e ao mesmo tempo contextualizada historicamente, não há expressões de juízos de valor que condicionam a leitura sob um olhar avaliativo: “*No mather how prosperous a man was, if he was unable to rule his women and his children (and specialy his women) he was not really a man.*” (p. 39)²¹

No capítulo seis, por exemplo, a palavra ‘escravo’ aparece pela primeira vez no romance, o que leva a crer no quanto a escravização era uma instituição formal e arraigada na estrutura social daquele grupo.²² Esse fator é relevante não apenas por trazer à tona fatores históricos da região, mas, principalmente, por desmitificar um passado visto muitas vezes de maneira romantizada, como se todas as relações fossem harmônicas e não violentas antes do colonialismo. É importante ressaltar, no entanto, que o fato de muitas sociedades africanas já praticarem a escravização antes da chegada do colonialismo europeu, não justifica a prática pelo viés colonial já que as relações de servidão eram distintas e pautadas por diferentes lógicas. A ideia de apoiar a escravidão na continuação de práticas já existentes no continente é uma forma de legitimar a colonização e o racismo.

²¹ Pois, por maior que fosse a prosperidade de um homem, se ele não demonstrasse ser capaz de dominar suas mulheres e seus filhos (principalmente suas mulheres), não era um homem de verdade. (p. 54)

²² NUNES (2005) também observa esse fato na obra de Chinua Achebe em sua dissertação de Mestrado (UNICAMP)

O narrador parece percorrer naturalmente dois tempos históricos distintos e duas visões sociais também opostas. Chinua Achebe, Ibo, foi educado e cresceu em uma sociedade nigeriana colonial, já conheceu seu mundo através dessa perspectiva além de acabar se tornando a elite intelectual de seu país, o que possibilitou a ele confrontar o sistema, entender o funcionamento interno dos Ibos, mas também, e principalmente, conviver com essa ambivalência de sistemas. Sua condição histórica é passada aos olhos do narrador de *Things fall apart* e deve ser problematizada no percurso narrativo.

A influência de Ikemefuna em Nwoye era tão evidente que este começou a se aproximar mais de seu pai Okonkwo e do universo masculino em Umuófia, até o dia em que Ikemefuna foi sentenciado à morte. Okonkwo foi alertado por Ezeudu sobre a sentença de morte e que ele não deveria participar, já que o menino o considerava como pai, ser o executor desse ato seria contra a vontade do Oráculo. Contrariando a ordem, Okonkwo acompanha o grupo e, durante o caminho, que aparentemente era de regresso à casa para Ikemefuna, o narrador, pela primeira vez, associa-se aos pensamentos de outro personagem que não o protagonista. O menino afirma durante todo o caminho o sentimento de paternidade que sente por Okonkwo. Essa digressão parece uma tentativa de distraí-lo de sua própria morte; até que, chegada a hora, ele percebe uma movimentação diferente e é apunhalado por um dos guerreiros de Umuófia, quando, desesperado e ferido, corre em direção ao seu pai de consideração, que acaba por matá-lo. O ato de Okonkwo, mesmo sabendo que seria considerado uma atrocidade, foi totalmente motivado pelo medo, o medo de considerarem-no um homem fraco.

Após a morte de Ikemefuna, Nwoye sentiu que algo ‘cedeu dentro dele’, foi uma estranha sensação que o dominou e não o fez chorar. Esse desconforto, já sentido em outras ocasiões, será um caminho aberto para seus questionamentos a respeito do funcionamento de sua própria sociedade que parece não se encaixar ao que ele aspira e deseja para si mesmo. Já Okonkwo tentava não pensar muito a respeito, mas estava, em seu íntimo, seriamente abalado.

Após alguns dias, em conversa com Obierika, que o alertou sobre a possibilidade de a Terra zangar-se com sua atitude de assassinar um ‘filho’, surgiram as primeiras notícias à Umuófia, sobre um estranho caso da morte de um casal residente na aldeia vizinha: Ire. Diante de uma troca de ideias sobre os diferentes costumes de outros lugares, pela primeira vez na obra é mencionada a existência de homens brancos.

‘It was only this morning’ said Obierika, ‘that Okonkwo and I were talking about Abame and Aninta, where titled men climb trees and pound foo-foo for their wives.’

‘All their customs are upside-down. They do not decide bride-price as we do, with sticks. They haggle and bargain as if they were buying a goat or a cow in the market.’

‘That is very bad’, said Obierika’s eldest brother. ‘But what is good in one place is bad in another place. In Umuonso they do not bargain at all. Not even with broomsticks. The suitor just goes on bringing bags, of cowries until his in-laws tell him to stop. It is a bad custom because it always leads to a quarrel.’

‘The world is large’, said Okonkwo. ‘I have even heard that in some tribes a man’s children belong to his wife and her family.’

‘That cannot be,’ said Machi. ‘you might as well say that the woman lies on top of the man when they are making the children.’

‘It is like the story of white men who, they say, are white like this piece of chalk,’ said Obierika. (...) And these white men, they say, have no toes.’ (ACHEBE, 2010)²³

Esse trecho é interessante por apresentar a ideia de que o povo de Umuófia não só tinha consciência de outras aldeias e seus costumes como também elaborava juízos de valor sobre suas diferenças em relação aos próprios costumes. A ideologia que atravessa esse - aparentemente simples - diálogo, revela uma autoafirmação e centralização da sociedade, indicando que a definição de si em relação aos outros é pautada pela hierarquia, evidenciadas pelo uso de qualificativos como ‘upside-down’(confusos) e por estratégias de analogias.

Essa disparidade de percepções pode ser aproximada da mesma linha de pensamento adotada pelo colonizador ao se estabelecer em relação aos seus não iguais. É, evidentemente, uma crítica à visão ocidental construída sobre as sociedades africanas que não questiona seus próprios parâmetros de comparação. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar o quanto as sociedades que

²³ - Justamente hoje de manhã – disse Obierika – Okonkwo e eu estivemos falando de Abame e Aninta, onde os homens mesmo quando têm um título, sobem nas árvores e amassam o foo-foo para as mulheres.

- É verdade. Os costumes deles andam muito confusos. Por exemplo, não decidem o preço das noivas com varetas, como nós. Pechincham e negociam como se estivessem a comprar uma cabra ou uma vaca no mercado.

- Isso é muito mal feito – concordou o irmão mais velho de Obierika – Mas acontece que uma coisa pode ser boa num lugar e ruim noutro. Em Umuonso, não barganham de jeito algum, nem mesmo com varetas. O pretendente vai trazendo bolsas de cauris, uma depois da outra, até os parentes da noiva declararem que já basta. Esse é um mau costume, pois sempre provoca brigas.

- O mundo é grande – acrescentou Okonkwo – Já ouvi contar até mesmo que, em algumas nações, os filhos de um homem pertencem à sua mulher e à família dela.

- Não pode ser – duvidou Machi – Seria a mesma coisa que dizer que a mulher se deve deitar em cima do homem quando os dois estiverem fazendo filho.

- Ou então, como aquela historiada de homens brancos, que, segundo se diz, seriam tão brancos quanto esse pedaço de giz – disse Obierika. [...] – Dizem ainda – acrescentou – que esses homens brancos são têm dedos do pé. (p. 73)

constituem o território hoje nigeriano eram – e ainda são – divergentes entre si, o que pode caracterizar uma consciência narrativa sobre as diferentes formas de discursividade e autoridade.

Semelhante ideia é debatida por Edward Said em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (2013) ao revelar o poder do discurso ocidental que acaba por criar uma ideia do que é o outro, sem necessariamente conhecer de fato o outro ou deixar que ele se explique por si só:

[...] Pois o Orientalismo constituía em última análise uma visão política da realidade, cuja estrutura promovia a diferença entre o familiar (a Europa, o Ocidente, “nós”) e o estranho (o Oriente, o leste, “eles”). Em certo sentido essa visão criava e depois servia os dois mundos assim concebidos. Os orientais viviam em seu mundo, “nós” vivíamos no nosso. [...] O meu argumento supõe que a realidade do Orientalismo é anti-humana e persistente. O seu alcance, assim como suas instituições e influência disseminada, perdura até o presente. (SAID, 2013, p. 78)

Said não trata especificamente, nessa obra, do contexto africano, no entanto, é muito relevante para Chinua Achebe, de acordo com seu projeto literário e político, demonstrar esse pensamento, já que a ideia geralmente suplantada sobre África carrega a noção de aldeias isoladas, que não tinham outra relação entre si que não a guerra. A narrativa mostra que não apenas as identidades são construídas pelas alteridades como também as relações econômicas e sociais eram sempre – e ainda são - demarcadas pelo intercâmbio de diferentes culturas de uma mesma região ou de outras mais distantes, muitas vezes marcadas por conflitos ou acordos. O conhecimento sobre o homem branco, por exemplo, circulava entre os mais diferentes pontos, mesmo que ele não estivesse efetivamente presente.

Pela demarcação temporal, já mencionada anteriormente, sabe-se que nessa época, na atual Nigéria, os povos Ibos não tinham contato direto com o homem branco, mas as informações chegavam até eles e eram compartilhadas em encontros e conversas. Okonkwo e toda Umuófia ainda não haviam encontrado esse tipo diferente de ser humano, que parecia, muitas vezes, uma figura lendária.

De qualquer forma, a relação de oposição, confrontação e até mesmo de empatia com o outro também revela a dinamicidade da sociedade, que encontra nas relações sociais espaços para avaliar, explicar e valorizar suas tradições. Apesar de a consciência do outro já estar presente na narrativa, a sua presença ainda demora um certo tempo a aparecer; enquanto isso, outros fatos alheios à normalidade de Umuófia continuam a acontecer.

A doença inexplicável de sua filha Ezinma – pela qual Okonkwo nutria uma admiração sem igual – trouxe muita angústia também a sua mãe, Ekwefi, pois era sua única filha, uma vitória, após tantos filhos perdidos com poucos dias de vida. Ezinma era um *ogbanje*, ou seja, um filho destinado a morrer; após várias passagens entre doenças e estados relativamente saudáveis, ela parecia determinada a viver, até que adoeceu seriamente já na sua fase mais moça, quando o *ogbanje* já parecia ter sido quebrado; foi um estado de muita aflição para os pais até que a menina se recuperasse.

O narrador aproveita para descrever algumas convicções e costumes Ibos, como o ritual de *ogbanje* e dos *egwugwus*, - chamados para conduzir um caso de difícil resolução em Umuófia. Ora aproximando-se desse universo e prevendo um leitor em sintonia com ele, ora distanciando-se e chamando um leitor externo para dentro daquele ambiente, o narrador alterna seu olhar entre alguém ambientado e outras vezes como distanciado. É possível notar essa oscilação do narrador também através dos termos utilizados, pois, em alguns momentos, ele presta-se a explicar e trazer as suas definições, enquanto em outros só é possível encontrar explicação de acordo com as notas da tradutora.

Além das descrições, conhecemos o mundo Ibo também por seus valores, e, muitas vezes, os personagens passam suas concepções sobre determinados temas: “-Go to your in-laws with a pot of wine and beg your wife to return to you. **It is not bravery when a man fights with a woman**”²⁴. Essa passagem não apenas transmite um pouco mais sobre esse universo e seus sistemas de valores e valorização da mulher como também conduz a própria narrativa, já que é o sistema ideológico que edifica as estruturas sociais, culturais e políticas da sociedade.

É através da celebração de *uri*²⁵ da filha de Obirieká que conhecemos muitos aspectos de tais complexas estruturas, como, por exemplo, a instituição do casamento, descrições de eventos festivos e da alimentação e também sobre a importância da organização do mercado central, essencial para as trocas comerciais e culturais entre os povoadamentos Ibos, inclusive para a contagem de tempo, informações que vão ao encontro das referências de FALOLA e HEATON (2010) sobre essa sociedade: “Multiple villages were centered on a Market, which also served as a

²⁴ - Vá à casa de teus cunhados, com uma cabaça de vinho, e suplica à tua mulher que volte. Não é um ato de coragem brigar com uma mulher (p. 90) – grifos meus.

²⁵ Dia em que o pretendente da noiva, já tendo pago a maior parte de seu preço, traz o vinho de palma para um extenso grupo de familiares. É descrita como uma cerimônia feminina segundo o próprio narrador.

forum for village-group meeting”²⁶. As relações de trabalho e comerciais são, portanto, determinantes para o funcionamento das estruturas sociais dessa sociedade.

Após o casamento e a grande festa, é anunciada a morte de Ezeudu, por ser um grande homem, todo o grupo foi mobilizado na preparação para o funeral: “It was a warrior’s funeral, and from morning till night warriors came and went in their age groups. They all wore smoked raffia skirts and their bodies were painted with chalk and charcoal”²⁷ (p. 85). Nesse trecho também é possível encontrar uma preciosa descrição a respeito dos conceitos de vida e morte para a sociedade Ibo.

The land of the living was not far removed from the domain of the ancestors. There was coming and going between them, especially at festivals and also when an old man died, because an old man was very close to the ancestors. A man’s life from birth to death was a series of transitions rites which brought him nearer and nearer to his ancestors. (ACHEBE, 2009, p. 85)²⁸

Da mesma forma que a identidade passa pelo processo de alteridade, o conceito da morte passa pelo entendimento da vida. São temas que tangem toda a constituição humana, mas são encaradas e constituídas de formas distintas em cada sociedade através de seus sistemas de valores. Enquanto no mundo ocidental comumente reconhecemos a morte como um limite trágico e essencial de nossa limitada existência; para a sociedade Ibo não há grande distância entre o mundo dos vivos e dos ancestrais, o que não faz com que a morte tenha menos importância, ela é, inclusive, um rito que traz muita dor e luto para os familiares.

Okonkwo, no entanto, sempre dominado pelo medo, ao ficar sabendo da morte de Ezeudu, apenas lembrou-se da última conversa que tivera com ele, quando este o alertou sobre a participação dele no assassinato de Ikemefuna. Durante a cerimônia fúnebre, no entanto, o destino do protagonista foi definitivamente alterado. Muita agitação acontecia em Umuófia antes do enterro: tiros, canhão, batuques e dança e, após a saudação de um espírito que profetizava sobre o morto, todo o alvoroço desapareceu e deu lugar a uma cena de terror:

²⁶ Diversas vilas tinham um Mercado por centro, que também servia como um fórum para encontros da vila.

²⁷ Era o funeral de um guerreiro; e, da manhã à noite, outros guerreiros foram chegando, de acordo com os grupos de idade. Todos eles usavam saíotes de ráfia esfumaçados e seus corpos estavam pintados de giz e de carvão. (p. 114)

²⁸ Na realidade, não existia uma distância muito grande entre a terra dos vivos e o domínio dos ancestrais. Havia sempre idas e vindas entre os dois territórios, especialmente durante os festivais e quando um homem idoso morria, porque os velhos estão muito mais próximos dos ancestrais. A vida do homem, desde o nascimento até a morte, era uma série de ritos de transição, que o aproximavam cada vez mais de seus antepassados. (p.115)

[...] And then from the centre of the delirious fury came a cry of agony and shouts of horror. It was as if a spell had been cast. All was silent. In the centre of the crowd, a boy lay in a pool of blood. It was the dead man's sixteen-year-old son, who with his brothers and half-brothers had been dancing the traditional farewell to their father. Okonkwo's gun had exploded and a piece of iron had pierced the boy's heart. (ACHEBE, 2009, p. 86)²⁹

Esse é o fato decisivo na vida de Okonkwo, sua família e seu clã. Como a narrativa é centrada na figura do guerreiro, é como se o clímax de sua trajetória fosse também o gatilho para a derrocada de sua própria sociedade. Tal crime nunca havia sido cometido na história de Umuófia e era considerado uma ofensa à Terra, porém, para certo alívio de Okonkwo ele poderia ser classificado como feminino, já que ele não havia cometido de propósito; sua única saída, no entanto, era se exilar do clã, apenas depois de sete anos poderia retornar.

Assim que o dia raiou Okonkwo e sua família partiram para a terra de sua mãe: Mbanta. Enquanto isso os familiares de Ezeudu atearam fogo no coumpound abandonado e demoliram tudo ao redor. O narrador faz questão de explicar tal comportamento para seus leitores – o que novamente denuncia uma sobreposição de vozes enunciativas -, não era uma resposta de ódio, era apenas a justiça sendo feita, uma ordem da deusa Terra: era necessário limpar a terra que estava poluída pelo crime de Okonkwo.

A primeira parte do livro se encerra com uma reflexão de Obirieká, o ancião e amigo de Okonkwo, sobre as vontades da deusa Terra e as obrigações dos homens perante ela. Apesar de inúmeras questões que o rodeavam naquele momento, ele não encontrou resposta. A partir desse momento, os personagens parecem cada vez mais cheios de perguntas e temerosos pelos próximos episódios que irão assolar suas terras. A narrativa prossegue sempre acompanhando Okonkwo, que, agora exilado, encontra-se em outro clã.

Na segunda parte da obra, após dois anos na terra de Mbanta, exilado com sua família, Okonkwo recebe a visita de Obierika, que traz a notícia da devastação da aldeia de Abame, próxima a eles.

²⁹ (...) Nesse instante, em meio àquela fúria delirante, ouviu-se um grito de agonia e brados de horror. E então, foi como se um feitiço tivesse sido lançado. Tudo se fez silêncio. No centro da multidão, um menino jazia, numa poça de sangue. Era o filho de Ezeudu de dezesseis anos, que, juntamente com seus irmãos e meios-irmãos, participava, momentos antes, na tradicional dança de adeus em homenagem ao pai morto. A arma de Okonkwo explodira e um pedaço de ferro trespassara o coração do menino (p.117)

‘During the last planting season a White man had appeared in their clan’

‘An albino,’ suggested Okonkwo.

‘He was not an albino. He was quite different.’ He sipped his wine. ‘And he was riding an iron horse. The first people who saw him ran away, but he stood beckoning to them. In the end the fearless ones went near and even touched him. The elders consulted their Oracle and it told them that the strange man would break their calm and spread destruction among them. [...] And so they killed him’ (ACHEBE, 2009, p. 97-98)³⁰

A primeira aparição, de fato, do homem branco na sociedade Ibo, já aponta os desastres de tal encontro: incompreensão linguística, uma profecia do Oráculo sobre dor e ruína, a primeira morte e, enfim, a tragédia. Quando os homens brancos e outros homens – que como não diferenciados pelo narrador, espera-se que sejam também negros – surgiram no mercado de Abame e devastaram a população, os sobreviventes fugiram para Umuófia, e lá contaram sobre sua desgraça.

É interessante notar o olhar do narrador e dos personagens em diálogo com a perspectiva histórica desse período. Quando, por exemplo, Obierika cita que: "We have heard stories about White men who made the powerful guns and the Strong drinks and took slaves away across the seas, but no one thought the stories were true"³¹ (p. 99) é possível estabelecer um paralelo com a história da região Ibo, já que, durante o século XIX o tráfico de escravos foi uma importante troca comercial interna com os povos do litoral nigeriano, o contato com o homem branco, no entanto, era intermediado pelos Iorubás, por exemplo.

Apenas entre 1898 e 1911 é que os primeiros comerciantes e missionários britânicos chegaram ao interior da região Ibo deparando-se com muita resistência e revoltas organizadas.³² Portanto, apesar da cronologia histórica da região não estar evidentemente citada na obra de Chinua

³⁰ - Durante a última estação de plantio, um homem branco apareceu na terra deles.

- Um albino – sugeriu Okonkwo.

- Não, não era um albino. Era um homem completamente diferente – Bebericou o vinho – E veio montado num cavalo de ferro. Os primeiros que o viram saíram correndo, a fugir, mas o tal homem continuou no mesmo lugar, fazendo-lhes acenos para que voltassem. Finalmente, os mais temerários resolveram aproximar-se e chegaram até mesmo a tocá-lo. Os anciãos consultaram o Oráculo e este declarou que aquele homem estranho causaria a ruína do clã e espalharia a destruição entre eles. [...] Por isso resolveram matá-lo. (p. 128)

³¹ Pois todos nós temos ouvido histórias sobre homens brancos que fazem as espingardas poderosas e as bebidas fortes, e que levam escravos para longe, através dos mares; mas nunca nenhum de nós pensou que fossem verdadeiras essas histórias (p. 130)

³² ALAGOA, Ebiegberi J. “Capítulo 27 – O delta do Níger e Camarões” In: *História Geral da África VI* J. F. Ade Ajaye (editor) p. 877-880.

Achebe, as imbricações da história permeiam constantemente a narrativa, compõe o enredo e transformam seus personagens em agentes históricos.

Enquanto Okonkwo está em exílio, o tempo narrativo passa mais rapidamente e não acompanhamos os fatos que acontecem além de Mbaino. Apenas durante as visitas de Obierika – que acontecem, em média, de dois em dois anos – percebemos as mudanças graduais ocorridas no clã de Okonkwo, distantes do olhar do protagonista. Até que em uma visita decisiva, Obierika traz uma nova circunstância, que, dessa vez, afeta diretamente a terra e a vida familiar de Okonkwo: “[...] The missionaries had come to Umuofia. They had built their church there, won a handful of converts and were already sending evangelists to the surrounding towns and villages.”³³ (p. 101)

O motivo principal da visita, no entanto, não foi contar sobre o estabelecimento dos missionários em Umuófia, pois este, já era, de certa forma, assunto conhecido. O que levou Obierika até Okonkwo foi o fato daquele ter encontrado, entre os cristãos, Nwoye, o primogênito de Okonkwo. Obierika chegou a questioná-lo sobre seu pai e suas razões para estar ali entre aqueles homens brancos, mas o menino negou todo o seu passado. A ruína de Umuófia e do povo Ibo desenrola-se na narrativa a medida em que também observamos a decadência de Okonkwo; os destinos do personagem e de seu povo estão interligados.

Antes de chegar a Umuófia, no entanto, os missionários já haviam chegado em Mbanta: um homem branco acompanhado de outros tantos homens negros – também Ibos – que auxiliavam na certificação e interpretação das ideias proclamadas. Os missionários cristãos professavam a fé àquele povo, considerado por eles sem religião e profanos; assim deslegitimavam os deuses daquela terra, tentando tocá-los através da afirmação da existência de apenas um Deus, por quem deveriam todos temer e adorar. A fala dos missionários, com seu viés claramente ocidentalizado e opressor – que desqualifica qualquer manifestação religiosa que não a sua própria – seduziu de alguma forma Nwoye.

Desde o início da narrativa observamos que a complexidade da estrutura social do povo Ibo não é perfeita, assim como todas as demais sociedades, ela carrega em si, crises, falhas e aberturas. São aspectos característicos de qualquer cultura viva e são espaços que, ao mesmo tempo em que podem favorecer as mudanças, podem também acarretar questionamentos e rompimentos dessa

³³ (...) Os missionários tinham chegado em Umuófia. Ali construíram uma igreja, lograram algumas conversões e já começavam a enviar catequistas às cidades e aldeias vizinhas. [...] (p. 132)

estrutura. É papel essencial da mobilidade social constituir-se novamente enquanto sociedade a cada embate de suas estruturas.

No caso de Nwoye, além de ser um cidadão aparentemente inadequado naquela sociedade, era um filho rejeitado, incompreendido pelo pai e que não encontrava respostas satisfatórias para seus questionamentos sobre si mesmo e o funcionamento de seu povo. Suas decepções e os espaços abertos por elas foram ocupados pelo discurso do colonizador que parecia, naquele momento, responder melhor às suas demandas internas e externas.

But there was a young lad who had been captivated. His name was Nwoye, Okonkwo's first son. It was not the mad logic of the Trinity that captivated him. He did not understand it. It was the poetry of the new religion, something felt in the marrow. The hymn about brothers who sat in darkness and in fear seemed the answer a vague and persistent question that haunted his young soul – the question of the twins crying in the bush and the question of Ikemefuna who was killed. He felt a relief within as the hymn poured into his parched soul. The words of the hymn were like the drops of frozen rain melting on the dry palate of the panting earth. Nwoye's callow mind was greatly puzzled. (ACHEBE, 2009, p. 104)³⁴

Aos poucos o cotidiano da evangelização dos missionários foi se estabelecendo na vila de Mbanta; o narrador, de forma gradual, nos mostra o choque de valores políticos, sociais e religiosos tão distintos entre as duas sociedades. Inclusive, quando os missionários solicitaram um pedaço de terra para construir uma morada, os membros do clã optaram por oferecer o espaço da “Floresta Maldita”, um local que servia como terreno de despejo e enterro de corpos com doenças graves. O pedido foi aceito e, para surpresa de todos, nada aconteceu com os homens brancos que ocuparam o lugar; esse feito gerou muita especulação por todos os povos Ibos a respeito do poder de tais homens, foi assim que ganharam as primeiras conversões.

Nesse ponto do enredo, em que acontece o contato – não amigável - de culturas, o narrador também assume, muitas vezes, perspectivas diferentes, alternando entre um olhar endógeno, próximo ao povo Ibo, e uma visão externa de toda a situação, a quem não cabe muito julgamento.

³⁴ Entretanto, ficara entre os presentes um rapazola que estava empolgado. Seu nome era Nwoye, o primeiro filho de Okonkwo. Não foi a estranha lógica da Trindade que o cativou, pois não tinha entendido nada daquilo. Foi a poesia da nova religião, algo que sentia na medula. O hino que falava, nos irmãos que vivia no escuro, com medo, parecia responder a uma vaga e persistente pergunta que obcecava sem cessar a sua jovem alma: a indagação sobre os gêmeos chorando no mato e sobre a morte de Ikemefuna. Sentira-se aliviado por dentro, à medida que o hino jorrava sobre sua alma ressequida. As palavras do hino eram como as gotas de chuva gelada, quando se derretem de encontro ao seco céu da boca da terra, arquejante de calor. A mente do imaturo Nwoye estava profundamente confundida (p. 136)

Em certo momento, o narrador qualifica os missionários brancos como ‘crazy men’³⁵, em clara assimilação do olhar do Ibo sobre os invasores, assumindo um discurso indireto livre; já em outro momento parece não mais assumir a postura interna e descreve os acontecimentos com certa frieza, apesar de sua gravidade: “At least the day came by which all the missionaries should have died. But they were still alive, building a new red-earth and thatch house for their teacher”³⁶ (p. 106).

Os primeiros convertidos dos missionários britânicos eram, em sua maior parte, os descontentes com algum aspecto da sociedade Ibo: a mulher grávida, que, por sucessivas vezes tivera gêmeos e assistira a morte de todos, os homens sem papel social relevante de poder do clã e Nwoye que, descontente com a dureza de seu pai e com todas as suas perguntas sem respostas, finalmente decidiu se converter. Ele retornou à Umuófia para juntar-se aos cristãos que ensinavam a ler e a escrever, ainda tinha a intenção de voltar para converter sua mãe e irmãos para a nova religião.

Justamente por serem pessoas pouco valorizadas dentro de cada clã, a conversão desses entes não despertou tanta indignação ou fúria por parte do restante da população, mesmo Okonkwo já não esperava tanto do filho. Essa reação acabou colaborando para que a religião e a influência dos missionários crescessem nas regiões Ibo, já que a união do homem branco com os renegados possibilitou ainda mais a expansão do império, pois reunia o conhecimento íntimo sobre o funcionamento local e o poder bélico e econômico do colonizador. Uma legião de *osu* – espécies de párias, ou membros indesejados do clã – foram recebidos pelos missionários e, sentindo-se amparados, tornaram-se os mais entusiastas da nova religião.

Assim, de modo paulatino, percebemos o crescimento na ocupação e estabelecimento dos missionários na região dos povos Ibo através do narrador, que apresenta gradualmente as etapas do processo; observamos que no início constituem-se poucos homens estrangeiros e invasores, pouco depois já podem se estabelecer como um modesto grupo que instala-se em meio aos Ibos, em determinado momento já definem-se como uma pequena sociedade confiante e segura de si mesmo, até chegar ao ponto em que tomam posse de todo o espaço e utilizam violência física para consolidar suas conquistas.

Essa progressiva tomada de poder por parte do colonizador é trabalhada no romance de forma exemplar. Enquanto o invasor chega àquele espaço impondo novos valores culturais, sociais

³⁵ Homens doidos

³⁶ Por fim, chegou o dia em que todos os missionários deveriam ter morrido. Mas eles continuavam vivos, e construíam uma nova casa de barro vermelho e sapé, para moradia do catequista, senhor Kiaga. (p. 139)

e religiosos, a sociedade africana tenta entender, organizar, subverter e constituir novos valores diante de tais mudanças. É como uma fenda aberta repentinamente na lógica de funcionamento da sociedade, sobre a qual eles nunca haviam lidado, que exige dos habitantes daquele local novas percepções e atitudes. O romance encerra sua segunda parte com o colonizador em evidente presença nos territórios Ibos e com grandes desafios, aquele mundo já começa a desintegrar-se.

A última parte do romance inicia-se com a preparação de Okonkwo para o regresso a sua terra Umuófia, e o alerta a sua família de que encontrariam o irmão ao lado dos missionários brancos. Segundo o narrador comprometido politicamente que temos observado, o que encontram quando retornam é um clã totalmente diferente: “a igreja desencaminhou muita gente” e, ao contrário do esperado, não apenas os párias daquele povo como também alguns homens com títulos e grande importância estão agora ao lado dos brancos. Já é evidente que os missionários trouxeram não apenas uma religião, mas também uma forma de governo.

O narrador, em nenhum momento, denomina o que acontece no romance como um processo de colonização, talvez essa seja uma estratégia de se manter próximo ao tempo da narrativa em consonância com a impressão dos Ibos sobre tudo que acontece. Ao mesmo tempo, com um certo distanciamento, parece denunciar um sistema já muito conhecido.

É a partir de seu funcionamento e da história na Nigéria que é possível reconhecer o movimento colonialista como uma forma de regulação do modo econômico capitalista que afeta, de acordo com seus interesses, a infraestrutura já estabelecida até então no continente africano. A lógica até então existente era outra, mas tinha seu funcionamento e sua legitimidade diante da sociedade que define seu modo de ser e estar no mundo. Quando há o encontro com essa nova lógica capitalista e com um novo processo histórico há um efeito trágico diante da necessidade de reestabelecer e remodelar o funcionamento

Apesar do continente africano sempre ter vivido um processo histórico, dinâmico e continuamente reformulado em suas estruturas, com a entrada de novas sociedades, como árabes, muçulmanos, indianos, chineses e até mesmo os portugueses que, no caso da Nigéria, chegaram ao local anteriormente, mas não exploraram as terras como os britânicos, nunca antes a lógica capitalista havia entrado e afetado diretamente a infraestrutura dessas regiões. O choque na infraestrutura também atinge a superestrutura e, por isso, será necessário redefinir as relações sociais internas que estão agora em movimento constante de tensão.

But apart from the church, the White men had also brought a government. They had built a court where the District Commisioner judged cases in ignorance. He had court messengers who brought men to him for trial. Many of these messengers came from Umuru on the bank of the Great River, where the white centre of their religion and trade and government. (...) They guarded the prison, which was full of men who had offended against the white's man law. (ACHEBE, 2009, p. 123)³⁷

A presença do colonizador está tão consolidada – de forma impositiva - nesse ponto da narrativa que é possível perceber a opressão exercida sobre a população Ibo: a justiça europeia e ocidentalizada determina as punições, violentas e invasivas, para todos, inclusive para os detentores de maior poder na sociedade local. É importante destacar, porém, que essa configuração não é uma submissão ao novo sistema por parte dos membros de Umuófia, como muitas vezes o discurso oficial nos faz pensar; ao contrário, o narrador nos apresenta uma série de fatores de resistência por parte dos Ibos e também inúmeras práticas opressivas, como a violência física, a sedução de alguns membros através do discurso religioso e o medo do massacre – tal como havia acontecido em Abame – que impossibilitaram uma disputa justa entre as duas forças. Assim, o homem branco impôs sua lógica de funcionamento como se ali não houvesse outra já existente.

Em diálogo com Obirieka, Okonkwo indaga-se a respeito dessa invasão dos homens brancos em sua terra e, assim, inicia-se a percepção de que seu povo e seu lugar estão se fragmentando, o que é exatamente o mote da narrativa: as estruturas que até então funcionavam nessa sociedade foram invadidas por novas e diferentes estruturas que se opõem e se sobrepõem às suas através da força e da opressão e, não conseguindo responder às novas demandas e às sujeições, aquela sociedade Ibo começa a dar sinais de sua ruína.

The white is very clever. He came quietly and peaceably with his religion. We were amused at his foolishness and allowed him to stay. Now he has won our brothers and our clan can no longer act like one. He has put a knife on the things that held us together and we have fallen apart. (ACHEBE, 2009, p. 124)³⁸

³⁷ Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinha construído um tribunal, onde o Comissário fazia de juiz. Tinha guardas sob suas ordens, que lhe levavam os indivíduos a serem julgados. Muitos desses guardas eram de Umuru, às margens do Grande Rio (Rio Níger – em nota da tradutora), onde há muito tempo atrás, os homens brancos tinham aparecido pela primeira vez, ali erguendo o centro de sua religião, comércio e governo. [...]. Tomavam conta da prisão, que estava cheia daqueles que haviam praticado ofensas contra a lei do homem branco. (p. 159)

³⁸ O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficassem em nossa terra. Agora ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. Ele cortou como uma faca o que nos mantinha únicos e nós nos despedaçamos. (p. 161)

Como essa nova infraestrutura vai atingir a superestrutura do povo Ibo? Como essa sociedade vai se reestabelecer diante desse novo processo histórico? São questões que o colonialismo impõe às sociedades em que se instala, mas que poucas vezes são discutidas ou teorizadas entre teóricos e especialistas. É necessário pensar de que maneira essas sociedades recompuseram suas estruturas, mesmo com a superação da fase colonial e com as independências, pois elas passaram por modificações essenciais em suas infraestruturas que afetam diretamente a superestrutura e não podem ser resgatadas pura e simplesmente como um processo de *tradição versus modernidade*, já que a dinamicidade histórica não permite apagar o passado histórico, as relações continuam existindo em movimento de tensão e distensão o tempo todo.

Não cabe à obra de Chinua Achebe tampouco responder tais questões para o caso da sociedade Ibo ou da Nigéria, mas elas são problematizadas com esse escritor de forma singular nas literaturas africanas. Em nenhum momento o narrador toma para si a responsabilidade de criticar todo esse processo colonizador envolvendo Okonkwo e sua sociedade, porém ele apresenta os fatos que determinaram a ruptura dessa sociedade e as indagações presentes naquele momento histórico a partir de uma perspectiva endógena, questões que poderão ser respondidas pelas próximas gerações, cientes de todo o processo histórico envolvido.

A própria recepção do homem branco em Umuófia é motivo de desacordo entre os membros dessa sociedade, enquanto Okonkwo gostaria de ter agido com violência e expulsado os invasores, muitos outros acreditam que essa nova lógica de funcionamento é eficiente e acolhedora.

There were many men and women in Umuofia who did not feel as strongly as Okonkwo about the new dispensation. The white man had indeed brought a lunatic religion, but he had also built a trading store and for the first time palm-oil and kernel became things of a great price, and much money flowed into Umuofia. And even in the matter of religion there was a growing feeling that there might be something in it after all, something vaguely akin to method in the overwhelming madness. (ACHEBE, 2009, p. 126)³⁹

³⁹ Havia em Umuófia muitos homens e mulheres que não compartilhavam as mesmas opiniões hostis de Okonkwo em relação ao novo regime. O homem branco trouxera realmente uma religião maluca; mas, ao mesmo tempo, construirá um entreposto, fazendo com que pela primeira vez o óleo e as sementes de palma atinxissem elevados preços, e uma grande quantidade de dinheiro afluísse em Umuófia. Mesmo em matéria de religião, havia também um sentimento crescente de que talvez algo existisse de bom na crença do branco, algo vagamente semelhante a um método em toda aquela esmagadora loucura. (p. 161-162)

A escolha da palavra *dispensation* - que pode ser traduzida como nova ordem das coisas, nova administração, mas a tradutora optou por traduzir como novo regime - adotada pelo narrador no trecho acima não é isenta de valor, é justamente por representar o regime capitalista que está se inserindo na nova lógica social de Umuófia e seduzindo seus membros pela oferta de dinheiro e circulação de mercadorias, características básicas dessa forma de governo. A religião também começa a despertar interesse, já que, baseando-se nas definições apresentadas por Althusser (1985) ela é uma instituição, não pautada pela violência, que assegura, por meio da ideologia, a reprodução dos meios de produção na infraestrutura. Durante muitos anos a religião foi a principal instituição – ou aparelho ideológico do Estado – a garantir essa reprodução.

A igreja, no caso dos Ibos, respaldou a colonização, pois ajudou o colonialista a legitimar seu poder através da consciência e da aceitação. O sucesso da religião cristã na colonização da região Ibo foi tanto que atualmente a maior parte dos cristãos da Nigéria são Ibos, resultado da rápida expansão dos missionários na região sudeste da Nigéria durante o século XIX. Dessa empreitada surgiu uma elite educada nas escolas missionárias – da qual Chinua Achebe fazia parte - que compartilhava a cultura europeia e ocupava cargos administrativos no período colonial, configuração que vai oferecer uma nova dinâmica social à Nigéria independente do século XX (FALOLA, 2008).

Justamente pela formação cultural e histórica do autor, seu narrador começa a dar sinais de que conhece bem essa lógica de funcionamento capitalista e colonialista, passa a empregar termos como regime, ordem e rebanho e apresenta ao leitor a figura do Sr. Brown, o missionário branco que, com atitude sempre firme, impedia a ira e as grandes revoluções por parte do clã de Okonkwo. Nesse ponto encontramos o narrador e suas vozes sobrepostas causando um certo conflito na narrativa, pois, muitas vezes, acaba por suavizar e ironizar as características e as ações desse personagem. Apesar de ter uma postura consideravelmente mais respeitosa, em relação aos demais missionários, Sr. Brown não deixava de ser um colonialista e foi responsável, tanto pela sedução de novos membros, devido a sua personalidade acolhedora, quanto pelo movimento de expansão da religião, fator primário e essencial para a consolidação do colonialismo.

No entanto, não há em *Things fall apart* personagens planos – o que faz parte do projeto literário do autor -, em muitas de seus diálogos com os homens de Umuófia, por exemplo, Sr. Brown é um personagem com reflexões complexas, ao mesmo tempo em que se aproxima dos Ibos e tem um comportamento de curiosidade e respeito inicial, aprendendo, inclusive sobre a religião

local, percebe, a partir de suas observações que um ataque frontal não seria uma boa opção para atrair mais adeptos ao seu ‘rebanho’.

Quando resolve construir uma escola e um hospital alega, em tom amistoso, que serão espaços acolhedores para todos e, aos poucos, muitos alunos das mais variadas idades que aprendiam britânico e religião, alcançavam alguns postos administrativos e ficavam satisfeitos com as atitudes e as obras de Sr. Brown. Essa relação dúbia do personagem colonialista com os povos do clã se aproxima – como veremos adiante – com o papel de Joaquim Américo em *Terra morta* e, principalmente, com a do próprio escritor, Castro Soromenho.

O comportamento e as construções do missionário são pontos essenciais. Quando o narrador enfatiza que: “From the very beginning religion and education went hand in hand”⁴⁰ evidencia os papéis dessas duas instituições na legitimação da nova ordem social. Enquanto o primeiro pode acumular funções familiares, escolares, culturais e políticas, o segundo é o que acaba por dispor de mais tempo e o que mais aproxima os indivíduos dos saberes contidos na ideologia dominante, a atribuição da escola é exatamente garantir e legitimar os papéis na sociedade.

Ainda pensando, portanto, em Althusser e os Aparelhos Ideológicos do Estado notamos que o que acontece em Umuófia - e refletindo no processo de colonização da região Ibo na Nigéria - pode ser assemelhado à construção de uma base econômica apoiada nos aparelhos repressivos, que podem ser encontrados na forma do tribunal e da prisão, e também nos aparelhos ideológicos do Estado, disponibilizados sobre a forma, principalmente, da escola e da religião. São esses aparelhos que caracterizam a superestrutura desse sistema capitalista e colonialista e romperão com as estruturas do sistema até então vigente para o povo Ibo de maneira impositiva e catastrófica, principalmente para o protagonista Okonkwo.

O guerreiro voltou totalmente desenganchado à sua terra, não teve a recepção esperada, já que agora sua vila funcionava sob outra configuração, seu filho mais velho, Nwoye, agora chamava-se Isaac e atuava como professor em Umuru e a ele restava apenas lamentar a situação em que se encontrava seu clã, dividido e desintegrado.

Quando o Sr. Brown tem de voltar à Grã-Bretanha, devido a sua debilitada saúde, e o Reverendo James Smith chega à Umuófia com uma nova política: “He saw things black and white. And black was evil”⁴¹ (p. 130). O racismo definitivamente se instaura entre essa relação conflituosa

⁴⁰ Desde os primeiros tempos, e religião e a educação andavam de mãos dadas (p. 165)

⁴¹ Para ele, as coisas eram brancas ou pretas. E as pretas eram decididamente más. (p. 167)

de colonizado e colonizador, é a maneira mais legítima de reforçar as desigualdades entre o hegemônico e o subalterno. De acordo com Memmi (1985) o racismo é a arma mais segura para o colonialismo.

O racismo aparece assim não como um detalhe mais ou menos acidental, mas como um elemento consubstancial ao colonialismo. Ele é a melhor expressão dos traços mais significativos do colonialista. Não apenas estabelece a discriminação fundamental entre colonizador e colonizado, condição *sine qua non* da vida colonial, como fundamenta sua *imutabilidade*. Só o racismo autoriza a afirmar para a eternidade, substantivando-a, uma relação histórica que teve um começo datado. (MEMMI, 1985, p. 110-111)

Não que o racismo passou a existir após a chegada do reverendo, pelo contrário, o racismo existe a partir da relação estabelecida entre colonizador e colonizado, ele está incorporado a todos os gestos, palavras e estruturas mais sólidas do colonialismo. Entretanto, através de ações violentas o racismo aparece com maior evidência. O reverendo Smith, símbolo dessa violência, parece dialogar diretamente com Memmi no retrato do colonizado, pois, como colonizador este sabe que é portador dos valores ditos superiores, como a civilização, a razão e a história e cabe a ele tirar das trevas e iluminar o povo dessa terra sem leis, esse é exatamente o discurso utilizado por ele em suas pregações religiosas, o que vai ao encontro da expressão racista que fundamenta a exploração colonial. O racismo justifica e serve à colonização durante todo o seu percurso e sem o racismo o processo colonial não teria o mesmo êxito, mesmo com o auxílio da religião e da escola como aparelhos legitimadores.

Com isso, aquele mundo retratado caminha cada vez mais para a derrocada do clã de Okonkwo e dele mesmo. O episódio com Enoch e os *egwugwus* (espíritos) pareceu oferecer uma força para o lado dos Ibos de Umuófia, que já estavam incomodados com a presença do branco e seus seguidores: a destruição da igreja parecia simbolizar uma vitória, Okonkwo sentia-se, finalmente, mais à vontade em sua terra, que era de vencedores e guerreiros. Até que os seis homens mais importantes de Umuófia, dentre eles o protagonista Okonkwo, foram pegos em uma emboscada, presos, torturados e humilhados pelo comissário distrital que apelou à justiça, tanto divina quanto ocidental, para condenar os presos Ibos. Foram soltos somente após seu povo se reunir e pagar uma multa alta sob a pena de colaborarem com aquela ‘administração pacífica que proporcionava felicidade ao seu povo’, segundo palavras do próprio narrador.

Quando, no dia seguinte, o clã se reuniu com o intuito de discutir o que deveriam fazer a respeito dessa nova configuração da sociedade e de tamanha violência com seus chefes, Okonkwo esperava por guerra, no entanto o restante de seu povo estava dividido e temeroso, era algo até então inédito entre os Ibos e era necessário refletir a respeito antes de agir: “Our fathers never dreamed of such a thig, they never killed their brothers. But a white man never came to them. So we must do what our fathers would never have done” (p. 142)⁴². A chegada do branco entre eles alterou toda a lógica de funcionamento existente. Até então, em um constante movimento de conflito, crise e resolução a sociedade conseguia resolver por si mesma, mas a partir do encontro com o mundo branco, as novas crises impulsionam a sociedade para uma dimensão nunca antes pensada, o que demanda novos posicionamentos de seus indivíduos.

As crises, de qualquer espaço social, são essenciais e necessárias para a dinâmica do processo histórico, afinal, como já dissemos anteriormente, a sociedade é viva e, por isso, passível de mudanças oriundas de suas próprias falhas e crises, ao mesmo tempo são espaços propícios para as mais variadas formas de corrupção. Os colonizadores impuseram novas estruturas que anularam as já existentes ou permitiram o questionamento das fraturas e defeitos. Através da ideologia capitalista e a pressuposição do outro como inferior, conseguiram penetrar nas frestas dessa sociedade; primeiro pela sedução, depois pela manipulação e finalmente pela violência e imposição.

E foi justamente através da imposição que o homem branco apareceu para acabar com a reunião dos chefes de Umuófia: “The White man whose power you know too well has ordered this meeting to stop”⁴³ (p. 143) O clima descrito pelo narrador naquele momento era também muito pesado: In that brief moment the world seemed to stand still, waiting. There was utter silence. The men of Umuofia were merged into the mute backcloth of trees and giant creepers, waiting”⁴⁴(p. 143). É com esse cenário que o leitor acompanha a penúltima ação do protagonista: sem pensar duas vezes Okonkwo abateu o guarda com sua catana. Nesse momento, o narrador faz questão de ressaltar que ele distinguiu sinais de medo entre seu povo, justamente o seu maior defeito: o medo.

⁴² Nosso país jamais imaginaram, nem em sonhos, que algo semelhante pudesse acontecer, pois jamais mataram seus irmãos. Mas nunca houve um homem branco no meio deles. Por isso precisamos fazer o que nossos pais nunca fariam (p. 184-185)

⁴³ - O homem branco, cujo poder vocês estão fartos de conhecer, ordenou que esta reunião fosse suspensa (p. 185)

⁴⁴ Naquele breve instante, o mundo também pareceu ficar imóvel, à espera. O silêncio era absoluto. Os homens de Umuófia, mudos, confundiam-se com o cenário de gigantescas árvores e trepadeiras, esperavam (p. 185)

Após esse episódio, o leitor se depara com o ápice da narrativa: o último ato de Okonkwo foi justamente seu suicídio. Era um ato abominável para seu povo que, diante de tamanha ofensa à Terra, pediram ajuda ao Comissário para soltar o corpo que jazia em uma árvore para que enfim pudessem prestar honrarias ao morto e purificar sua terra. Mesmo sabendo que essa era uma prática condenável pelo seu povo e que ninguém poderia tocá-lo, Okonkwo subverte a ordem e comete suicídio diante de uma nova configuração que ele não mais suportava.

O suicídio de Okonkwo é ao mesmo tempo emblemático e problemático para a narrativa. Emblemático pois é justamente o momento em que tudo se desmorona, que o mundo despedaça, pois para o protagonista do romance não é mais possível viver em um mundo como aquele, em que a sua ordem social não se sustenta mais, é o marco de uma nova era, um ciclo que se encerrou e outro que se inicia agora com o colonialismo cada vez mais presente. Não é possível dizer que Okonkwo foi um herói que lutou pelo seu povo e pela sua sociedade, pois não dependia dele a organização das estruturas daquela sociedade, ele, ao contrário foi exilado, teve uma postura também muito violenta e contraditória durante toda a narrativa. De qualquer forma, Okonkwo revela de que forma o colonialismo afeta as populações de forma agônica e trágica.

É também um desfecho muito problemático para a história extra-romance, pois o suicídio pode representar toda uma versão, um lado da história que acabou e que não terá mais voz: foi apagada pela violência colonialista, fator que representa justamente o discurso oficial, que cala os oprimidos. Com a morte do protagonista, o narrador descola de sua trajetória e aprofunda-se no pensamento do colonizador através de um discurso notadamente sarcástico: “One of the most infuriating habits of theses people was their love of the superfluous words, he thought”⁴⁵ (p. 144).

The Commissioner went away, taking three of four of the soldiers with him. In the many years in which he had toiled to bring civilization to different parts of Africa he had learned a number of things. One of them was that a District Commissioner must never attend to such undignified details as cutting a hanged man from the tree. Such attention would give the natives a poor opinion of him. In the book which he planned to write he would stress that point. As he walked back to the court he thought about that book. Every day brought him some new material. The story of this man who had killed a messenger and hanged himself would make interesting reading. One could almost write a whole chapter of him. Perhaps not a whole chapter but a reasonable paragraph, at any rate. There was so much else to include, and one must be firm in cutting out details. He had already

⁴⁵ Um dos hábitos mais irritantes daquela gente era o amor pelas palavras supérfluas, pensou. (p. 187)

chosen the title of the book, after much thought: *The Pacification of the Primitive Tribes of the Lower Niger*.⁴⁶ (ACHEBE, 2009, p. 146)

O fim do livro, portanto, é uma crítica sagaz à História oficial, que reduz toda a trajetória do povo Ibo, vista na narrativa até então, a um mero parágrafo – em que o autor vai, gradualmente, reduzindo sua importância: de um capítulo, para um trecho, talvez um parágrafo: os pormenores cortados são justamente tudo que lemos até então, toda a história do povo Ibo. O que resta à História e aos leitores dela é o livro que será escrito pelo Comissário: *A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger* que nada mais é que a versão oficial que primeiro todos conhecem sobre a África e seus povos. A voz que sobrevive não apresenta as contradições existentes, as vozes dissonantes e os debates internos que culminaram nesse percurso histórico. A História, como um discurso de poder, é relatada, obviamente, através dos detentores desse poder e, desse modo, permanece intacta diante das relações de dominação e subordinação que permeiam o sistema colonial e seus desdobramentos.

O romance de Chinua Achebe serve à emancipação desse conhecimento sobre África além de proporcionar uma visão não romantizada da perspectiva do outro, evidenciando as contradições internas, as fissuras e falhas de um personagem, um clã, uma nação. O que está em jogo, portanto, não é substituir a História oficial ou esgotar uma dimensão da narrativa, mas sim oferecer a elas outras vozes que problematizem a realidade histórica. A obra *Things fall apart* não apenas tem esse papel como objeto estético na sociedade, mas também transparece, nas tessituras da narrativa, uma voz dissonante e autônoma em relação ao discurso ideológico oficial.

⁴⁶ O Comissário foi-se embora, levando três ou quatro dos soldados. Durante os muitos anos em que arduamente vinha lutando para trazer a civilização a diversas regiões da África, tinha aprendido várias coisas. Uma delas era que um Comissário distrital jamais deveria presenciar cenas pouco dignas, como, por exemplo, o ato de cortar a corda de um enforcado. Se o fizesse, os nativos teriam dele uma pobre opinião. No livro que planejava escrever, daria ênfase a este ponto. Enquanto percorria o caminho de volta ao tribunal, ia pensando em seu livro. Cada dia que se passava trazia-lhe material novo. A história desse homem que matara um guarda e depois se enforcara, daria um trecho bem interessante. Talvez desse até mesmo um capítulo inteiro. Ou, talvez, não um capítulo inteiro, mas, pelo menos, um parágrafo bastante razoável. Havia tantas coisas mais a serem incluídas que era preciso ter-se firmeza e podar os pormenores. O Comissário, depois de muito pensar, já havia escolhido o título do livro: *A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger*.

1.5 Além do mundo despedaçado

O encerramento do livro com a figura do colonizador relatando sua história sobre aquele povo, prova para os leitores o quanto há de história oculta sob a história oficial. Apesar desse final aparentemente sem esperança, a ideia central, além da crítica aos detentores de poder e do discurso oficial, é problematizar como essa sociedade deve se reestruturar diante dessa nova configuração; os descendentes, familiares e amigos de Okonkwo continuaram ali e a maneira como vão se reorganizar em sua base econômica e suas estruturas sociais é a chave para a continuidade do processo histórico. O restante da trilogia de Chinua Achebe, composta por *Arrow of God* e *No longer at ease* vai trabalhar justamente essa continuidade, as resoluções, entraves e crises pelas quais a sociedade Ibo atravessou desde o início do processo colonial até a contemporaneidade.

Não é possível resgatar um passado tal como ele era, pois as mudanças e interferências históricas são decisivas sobre o curso da sociedade. É utópico, portanto, pensar uma nação que se volta estritamente ao passado para reunir-se e resolver o presente; é preciso problematizar esse passado e o projeto de nação que se constrói a partir de então. A Nigéria é um país que teve um processo de independência baseado em negociações e acordos e que, até hoje, sofre com a negociação da diferença entre os povos que habitam seu território. Ignorar o sistema capitalista que atinge todas essas sociedades de maneira desigual e idealizar o passado como se tivesse sido exemplarmente coerente e uníssono é esquecer que as sociedades passam por processos históricos que alteram suas estruturas de funcionamento, a base econômica, a superestrutura e suas respectivas instituições.

O que é necessário diante desse cenário é discutir e problematizar o discurso de poder que cria os parâmetros sobre o que é certo, valoroso e bom, além de procurar, dentro da hegemonia, as falhas, problemas e fissuras do sistema para agir contra ele. A *Ibadan School of History* na Nigéria, por exemplo, se baseia na escrita da história africana de uma perspectiva afrocêntrica e procura oferecer outra visão sobre a historiografia africana. Ela começou com uma reformulação curricular nas escolas nigerianas em 1950 que fez com que a história africana passasse a ser ensinada nos anos escolares, também viabilizou a produção de livros e formas de pesquisa, além de ter sido um recurso intelectual para a luta nacionalista. Os congressos, seminários, coleções de livros e até a criação de universidades também foram resultados das iniciativas da Escola de Ibadan. (FALOLA, 2006)

A importância de diferentes visões sobre o discurso oficial é essencial para o entendimento da obra de Chinua Achebe e de toda a dimensão histórica, o conhecimento sobre África faz parte dessa emancipação necessária ao conhecimento. O colonialismo não é uma dinâmica maniqueísta, pelo contrário, é complexa, e a obra *Things fall apart* assume exatamente essa postura, de não romantizar o passado, não idealizar a nação e problematizar o curso da história. Assumir a multiplicidade da história e ter a consciência desse processo é preparar-se para a construção de novos sentidos dentro do novo sistema em formação.

Na narrativa, é a partir do ponto de vista de dentro para fora que a infraestrutura vai sendo delineada e assim conhecemos os fundamentos dessa sociedade através do percurso histórico pelo qual ela vai passando. Toda a violência e opressão existentes na infraestrutura perpassam a superestrutura e a obra literária é uma forma ideológica que pode ir na contramão do discurso hegemônico ao revelar as contradições existentes no sistema.

Após essa leitura prévia do romance, o personagem Okonkwo, o espaço da narrativa – que se equivale a um personagem – e o narrador de *Things fall apart* que se mescla com o discurso do autor implícito serão categorias analisadas em comparação com o romance *Terra morta* de Castro Soromenho. A ideia é trazer aspectos que se aproximam e se distanciam entre as duas obras e sobre o lugar enunciativo que ocupam nas literaturas africanas.

Capítulo 2 – *Terra morta*

2.1 *Terra Morta* e Castro Soromenho

O nome de Fernando Monteiro de Castro Soromenho é visto como um caso único⁴⁷ e de difícil classificação diante de sua produção literária no âmbito das críticas portuguesa, angolana e também brasileira. Primeiramente pelo fato de ter nascido moçambicano em 1910, filho de um colono angolano e mãe cabo-verdiana. Em certa altura ainda, identificou-se como angolano em sua manifestação nacional e cultural-literária; residiu também em Lisboa, Paris e São Paulo, quando veio a falecer em 1968. Soma-se à sua biografia o fato de sua obra ser dividida em duas fases distintas, em que o autor assume posturas diferentes em relação ao colonialismo e aos homens africanos.

Na maior parte de seus contos e escritos etnográficos como *Lendas negras* (1936), *Nhari: o drama da gente negra* (1938), *Mistérios da terra* (1944) e *A maravilhosa viagem dos exploradores portugueses* (1946), por exemplo, há marcas de um discurso típico de um funcionário administrativo da colônia, que sustenta marcas ideologicamente racistas e carregados de um exotismo fundado na instituição colonial. Como funcionário do governo de Angola, onde trabalhou para a Companhia de Diamantes de Angola e para o quadro administrativo da colônia; o sujeito era considerado “demasiado branco”⁴⁸ para ser considerado angolano e estava inserido na ordem de valores etnocêntricos que não eram necessariamente problematizados na Angola da época. Coube ao próprio Castro Soromenho reavaliar tais posturas e falhas de interpretação sobre a situação dos negros em contexto colonial.

Em uma entrevista do escritor em maio de 1960, já muito citada entre os estudiosos de sua obra, Castro Soromenho admite que foi apenas em Portugal, quando se dedicou à carreira de escritor, que percebeu alguns equívocos de interpretação advindos de ideias imperialistas originadas da administração colonial que respondia exclusivamente aos seus interesses. Foi desse

⁴⁷ “Castro Soromenho representa, na literatura contemporânea portuguesa, um caso único, em sua temática africana, pelo valor romanesco e pela situação ideológica da sua obra. Assim, diria, como diz, qualquer história da literatura” FRANÇA, José Augusto. “Castro Soromenho: Nota brevíssima à sua memória” In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP: São Paulo, v. 11, p.3, 1988.

⁴⁸ Lima, Manuel dos Santos. “Evocação de Castro Soromenho” In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP: São Paulo, v. 11, p. 5, 1988.

modo que ele também se assume, inequivocamente, como escritor angolano (LIMA, 1988). Essa trajetória ideológica e política atravessa, como consequência, sua obra literária

Seu primeiro romance *Noites de Angústia* (1939) e também o seguinte *Homens sem caminho* (1941) apresentam uma visão dos homens negros em terras angolanas. O autor aproveita para desmitificar a possível harmonia entre os grupos locais ante a presença estrangeira; as guerras e conflitos são desmascarados e a disputa pelo poder aparece como em qualquer outro lugar do mundo (CHAVES, 1999, p. 104). O branco não aparece interferindo no cenário ainda, apenas os homens negros são focalizados nas narrativas, exceto por um pequeno trecho no segundo romance em que um angolano parte para o litoral ao encontro do homem branco, que era desenhado, através de longínquas histórias, como símbolo do progresso.

É possível perceber, com algumas informações sobre os primeiros romances do autor angolano, um fator importante da narrativa de Castro Soromenho nessa primeira fase: a ausência do homem branco em suas obras. Sua postura política em relação aos homens negros é ainda, em certa medida, de um colonizador, ele não rompe totalmente com a ideologia dominante. Não é simples, de todo modo, ultrapassar essa ideologia. Vista muitas vezes como sinônimo de teoria, difere-se desta por não apontar os processos objetivos que conduzem à exploração e à dominação de uma classe sobre outras. O que faz a ideologia uma força quase impossível de ser destruída é o fato de que a dominação real é justamente aquela que a ideologia tem por finalidade ocultar. (CHAUI, 1980, p. 35) O poder da ideologia aumenta de acordo com a sua capacidade de ocultação justamente por ser um instrumento de dominação de classe.

Os méritos destas primeiras narrativas já prenunciam, portanto, alguns valores ideológicos e políticos do autor que aparecem mais fortemente em *Terra morta* (1949), romance que analisaremos neste capítulo. Em *Homens sem caminho*, por exemplo, há a apresentação de tensões, conflitos e fissuras na sociedade que se aproximam da realidade apresentada em *Things fall apart* de Chinua Achebe. A dinâmica social e a quebra de valores para a reestruturação da própria sociedade acontecem sem a integração do colonizador naquele espaço, não há a necessidade do choque entre colonizador e colonizados para retratar as sociedades africanas, o que configura uma visão diferenciada em relação aos escritos míticos que apresentam as sociedades africanas como ingênuas, primitivas e desprovidas de condições e dinâmicas sociais típicas da ‘civilização’.

Apesar da temática inovadora, o escritor parece ainda não subverter a ordem ideológica colonial. Seus primeiros romances apresentam o distante contato com o homem branco e com sua

cultura como um privilégio dos homens daquela terra (Lunda). Essa valorização acrítica do que vem de fora provoca um fascínio do outro (CHAVES, 1999, p. 107), uma romantização do colonizador que é acompanhada de um narrador distante, na tentativa de ser mais imparcial possível, mas que acaba transparecendo sua falta de intimidade com a realidade que narra.

É em *Terra Morta*, enfim, que o autor vai assumir uma postura mais crítica e que mais se aproxima de fato do escritor nigeriano em relação ao tratamento dado ao narrador, ao espaço e às personagens. O olhar do narrador adentra para o interior do sistema colonialista e denuncia as contradições, misérias e desigualdades inerentes nas relações entre colonizador e colonizado. O que garante proximidade à obra de Chinua Achebe e que suscita a presente discussão, não é necessariamente o tempo histórico, já que são distintos nas duas obras – enquanto uma evidencia a chegada dos colonialistas, a outra já apresenta um espaço colonizado há certo tempo – mas sim o modo como as relações são administradas diante de um sistema colonial, sem maniqueísmos e aparelhado a um projeto político literário.

Com *Terra morta*, Castro Soromenho apresenta aos seus leitores o mundo do colonizado como até então nunca havia sido retratado: uma ‘terra’ tomada de desilusão, violência, miséria e falta de esperança por parte dos responsáveis por administrar uma terra colonial – a Lunda – e extrair dela riquezas e mão de obra. Assim como Chinua Achebe dá voz aos oprimidos da história oficial em *Things fall apart*, Castro Soromenho escancara o macro poder do colonialismo que também cria oprimidos entre os próprios opressores. Assim é possível conhecer um pouco mais da dimensão desse sistema que não é tão simples que não se baseia apenas na dicotomia entre colonizador e colonizado.

O livro que marca a segunda fase da produção soromenha é a primeira parte de uma trilogia composta ainda por *Viragem* (1957) e *A chaga* (1970), o último publicado postumamente. O conjunto ficou conhecido como Trilogia de Camaxilo, remetendo à vila, localizada na região de Lunda no leste de Angola, onde passam as histórias. Nos três romances é possível conhecer um pouco mais de perto a vida dos colonos portugueses durante o início do século XX, época em que a Companhia de Diamantes de Angola intensifica a sua exploração no país. Esse foi, inclusive, o contexto que o escritor vivenciou durante sua passagem pelas terras angolanas como funcionário do governo colonial.

Justamente por seu viés de denúncia e, ao mesmo tempo, de não idealização das condições daquele espaço, Castro Soromenho promoveu em sua escrita uma estética narrativa que é classificada, muitas vezes, como neorrealista:

A história do neorrealismo revela-nos que a escolha de seus caminhos pressupunha bem mais que a simples adoção de alguns procedimentos estéticos. A aspecto político desse movimento, marcado por uma perspectiva de denúncia das injustiças sociais, explicaria o potencial de transformação que o nosso autor certamente esperava conferir à sua obra. Além disso, integrar-se a correntes que atravessavam fronteiras, materializando-se em produções artísticas de vários países, significava inserir a literatura angolana num esforço maior, vinculando a luta que através dela se efetivava a um projeto mais amplo, cujas bases se assentavam nos fundamentos ideológicos do marxismo. (CHAVES, 1999, p. 102)

O fato é que *Terra morta* apresenta ao leitor uma história baseada na vida cotidiana de diversos personagens coloniais que residiam na Vila de Camaxilo, sede da circunscrição administrativa da Lunda no início do século XX. Valadas, Dona Jovita, João Calado, Gregório Antunes e Joaquim Américo são alguns destes personagens. As relações estabelecidas entre eles e as reflexões sociais e históricas são o objeto da narrativa, além da crítica ao colonialismo. Joaquim Américo e o soba Xá-Mucuari serão os personagens mais representativos para o enredo, assim como a Lunda, espaço representativo e condicionado ao seu próprio fim.

Justamente por seu traço distintivo de denúncia, a obra de Castro Soromenho despertou – e ainda desperta – muitas críticas e reflexões a seu respeito. O escritor, por sua vez, assumiu um lugar ambíguo diante do contexto histórico: um colono que servia aos interesses da metrópole e, ao mesmo tempo, se interessava pelos sistemas de opressão e pelos oprimidos. Essa trajetória está presente na tessitura narrativa e novamente podemos encontrar aqui o autor implícito em diálogo constante com o narrador e os personagens.

Sua obra, portanto, não foi bem recebida pelo Império português, que, sob o regime salazarista, via em suas páginas, uma grave e real denúncia do sistema colonial português. Foi proibido e publicado apenas no Rio de Janeiro em 1949⁴⁹. Somente após a Revolução dos Cravos é que os portugueses tiveram acesso à obra do escritor. No seu exílio, o angolano passou pela França e pelo Brasil, quando veio a falecer. Aqui também ministrou cursos na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Ciências e

⁴⁹ Editado pela Casa do Estudante do Brasil (OLIVEIRA, 2012)

Letras de Araraquara, além de ser um dos responsáveis pela fundação do Centro de Estudos Africanos na Universidade de São Paulo.

2.2 A Lunda é a *Terra Morta*

Ao escrever seu romance *Terra morta* no final da década de 40 retratando a região da Lunda em Angola, Castro Soromenho desenha para o leitor o nordeste da Angola, espaço que deslocava o foco das literaturas até então produzidas e que retratavam a região litorânea do país como Luanda e Benguela, desvelando ainda o interior do país colonizado por Portugal. A região foi uma das mais ricas em extração de diamantes e minérios para o império português e também foi fonte de mão de obra escrava durante muitos séculos. Tais características da região Lunda marcam a narrativa do escritor angolano e retomam características essenciais para a compreensão dessa região que transforma a nação em questão.

Na obra a Lunda é descrita como uma região afastada, sem recursos e que mantém seus moradores distantes de qualquer notícia ou contato com a capital. A vila de Camaxilo especificamente é cercada por um cemitério de um lado e uma prisão do outro, o que caracteriza o caráter inóspito do local onde acontecem as histórias pessoais dos colonizadores e colonizados. No espaço, portanto, não há esperança, pois qualquer saída leva a um aniquilamento da humanidade – a morte ou encarceramento - e assim, esse espaço condiciona a vida das personagens que passam inertes a ele.

Para entender tais características da região de Lunda é necessário resgatar um pouco do colonialismo português em Angola, seus objetivos e alcance. O império ultramarino português formou-se ainda no século XV e permaneceu até meados do século XX. A questão das colônias sempre esteve presente nas resoluções políticas, sociais e econômicas de Portugal, além de ajudarem a compor o imaginário nacionalista do país (HERNANDEZ, 2008). Diferentemente da conjuntura estabelecida no Brasil ou até mesmo nas ilhas colonizadas pelos portugueses, a colonização em Angola inicia-se logo no primeiro contato, quando Diogo Cão e seus subordinados contornam a costa ocidental africana em 1482 à procura de metais e também do caminho para as Índias e para o Reino de Preste João. Já em 1490, conscientes das sociedades ali existentes, os capitães conduzem os navios portugueses ao porto de Mpinda com presentes para o rei do Congo.

As primeiras relações entre Portugal e os reinos da região de Angola eram restritas às trocas comerciais e principalmente à venda de mão de obra escravizada, muitas das quais abasteciam o mercado de tráfico negreiro brasileiro. Por volta de 1600 as regiões de Benguela e Luanda tornaram-se ponto estratégico para venda de escravos e foram dominadas pelos portugueses. O comércio de escravos manteve-se ativo até por volta de 1860.

Em Angola, o domínio do tráfico de escravos chegou a tal ponto que, apesar dos esforços de Sousa Coutinho e de outros, o país não conseguiu diversificar seu sistema econômico, em virtude da falta de capitais procedentes de fontes que não fossem ligadas ao tráfico. A colônia continuou dependendo economicamente do Brasil e, por volta de 1800, ainda 88% de seus rendimentos provinham do tráfico de escravos com o Brasil e um pouco menos de 5%, do marfim enviado a Portugal. (VANSINA, 2010, v. V, p. 694)

Foi durante esse período, de 1671 a 1896, que as expedições portuguesas avançaram para o interior da região buscando informações e consolidando um território colonial – através de inúmeras lutas e resistências – a fim de delimitar as fronteiras do império. Uma das principais incursões desse tipo foi a de Henrique Augusto Dias de Carvalho, iniciada logo após a Conferência de Berlim, que, entre 1884 e 1888. O português chegou ao território de Malanje e seguiu até o reino Lunda com o intuito de assegurar as ricas fronteiras para Portugal. Tais expedições também tinham o intuito de dialogar com chefes locais e alertar para o fim do comércio de escravos que dava lugar ao comércio de mercadorias. Em 1891 houve uma conferência para a delimitação das fronteiras de Lunda entre Portugal e o Estado do Congo, mas, desde 1886, as atuais fronteiras de Angola já estavam previamente acordadas através de negociações e acordos. Após o *ultimatum britânico* que modificou o mapa cor de rosa em África, Portugal utilizou sua delimitação fronteira como legitimação de uma nacionalidade ultramarina. (HERNADEZ, 2008).

O reino Lunda, no entanto, sempre foi um alvo altamente disputado por Bélgica, Alemanha, Grã-Bretanha e Portugal justamente pelos ricos minérios e pedras preciosas, além do comércio de marfim e posteriormente da borracha (MOURÃO, 1978). O grande reino Lunda ficou, na realidade, dividido entre os atuais estados de Angola, Congo e Zâmbia formado originalmente na região dos lagos do Lualaba, uma região rica em recursos agrícolas.

Através dos estudos de J. C. Miller baseados, sobretudo, em estudos orais e tratados na obra História Geral da África (UNESCO) é possível conhecer um pouco mais da origem dos povos

Lunda, que apresentavam diferenças significativas na experiência sobre o tempo, por exemplo, em relação ao Ocidente:

Quanto aos Lunda, pode-se admitir – até que se prove o contrário – que toda a região que se estende do alto Kwango ao alto Kasai meridional e às regiões adjacentes da Zâmbia já praticava o sistema de parentesco perpétuo, um sistema complexo segundo o qual o sucessor “se tornava” seu predecessor, assumindo seu nome, suas relações de parentesco, seus encargos e prerrogativas. O sistema negava, assim, a passagem do tempo, para garantir uma coerência sem falhas e a continuidade de toda a ordem social. Permitia a perpetuação das relações de poder derivadas de alianças matrimoniais, conquistas, integração, e de acordos mútuos ou “fraternos” entre os chefes. Depois de 1500 se revelou poderoso instrumento na montagem de um autêntico império, congregando vários reinos sob a autoridade dos Lunda (VANSINA, 2010, v. IV, p. 644)

Os Lunda, portanto, eram conhecidos por pertencerem a uma vasta família de guerreiros militarizada que prosperava graças ao tráfico de escravos⁵⁰ e que se expandiam em seu território entrando em contato com diferentes povos, inclusive os portugueses. A sociedade era matrilinear na transmissão do título de *tubung*, baseada na rainha Luedji que foi a Swana Mulunda (mãe do povo Lunda). Portanto, as mulheres assumiam posições nessa sociedade que lhes permitiam influir nos acontecimentos e decisões. Já a sucessão do rei e dos títulos da corte era bilateral, o parentesco era perpétuo e as modificações do tempo eram negadas. Referências à religiosidade, o culto aos espíritos e ancestrais considerados como deuses e também à forte inclinação para comerciantes – que em 1483 já faziam circular moedas – são características essenciais dos Lunda destacadas na historiografia sobre a região. (NZIEM, 2010)

Os Lunda aperfeiçoaram suas técnicas de guerrilha a ponto de repelirem as primeiras incursões imperialistas no local e assustarem os portugueses que se espantaram com o poderio militar daquele povo (ISAACMAN; VANSINA, 2010). No entanto, a riqueza das terras Lunda e sua posição estratégica – entre os dois litorais –, culminaram em uma exploração voraz do colonialismo nessa região de acordo com cada época: a extração do marfim, da cera, da borracha – que assegurou a ocupação portuguesa na região – dos diamantes e, por fim, o comércio de agricultura. Como observa Fernando Mourão, os comerciantes brancos e mestiços realizavam

⁵⁰ É importante salientar que o tráfico de escravos no continente africano realmente existia antes da chegada dos europeus em cada território. Porém, as relações escravagistas ali estabelecidas eram totalmente diferentes daquelas implementadas posteriormente no tráfico ultra continental e mediado por trocas europeias. Justificar a escravidão a partir desse princípio é também uma forma de legitimar a opressão ocidental.

trocas comerciais com os negros da região no período áureo da borracha, práticas estas que foram responsáveis também pela desagregação do povo Lunda:

Os sobas e outros potentados negros obrigavam os comerciantes a fazer as transações junto às suas aldeias e cobravam pesados impostos sobre as transações comerciais. Por vezes exigiam armas de fogo e pólvora que utilizavam para combater outros sobas seus concorrentes, e, às vezes, os próprios brancos, conflito que tomou o nome de “Guerras Negras”. A divisão de forças entre os comerciantes, não só portugueses, belgas e alemães, estes vindos do Estado Livre do Congo, muito contribuiu para a decadência dos povos da Lunda que, em 1885, haviam sofrido já uma tremenda razia, com a invasão dos quiocos. (MOURÃO, 1978, p.82)

O posto de Camaxilo, retratado especificamente na obra aqui analisada de Castro Soromenho - justamente por ser a região onde trabalhou durante a época colonial - foi criado em 1906 e visava assegurar as fronteiras e proteger os comerciantes estabelecidos no local (VALE, 2004). Em *A chaga* o ambiente também é Camaxilo, enquanto em *Viragem* o posto focalizado é o de Cuango também na região Lunda. A Trilogia de Camaxilo, portanto, apresenta um período datado desde o início do século XX até meados da década de 70, quando o espaço já havia sido assolado por diversas mazelas da exploração comercial e agora encontrava-se em decadência para o império português, que não encontrava mais motivos para investir na região.

As condições encontradas pelos homens brancos retratados do primeiro volume da trilogia são, por assim dizer, bastante desfavoráveis. Os homens são, em sua maioria, comerciantes decadentes e responsáveis pela proteção das fronteiras e manutenção da colônia. Muitos constituíram uma família mestiça e viviam isolados de toda a movimentação que acontecia no litoral de Angola, movidos por frustração e sem perspectiva de vida. O retrato dos negros da Lunda também é desesperançoso, um poder instaurado que lhes tirou o que tinham e não substituiu por nada, sendo assim, condenados a viver em uma terra já sem sentido.

A configuração espacial da Lunda é, pois, essencial para o entendimento do romance de Castro Soromenho. Hoje em dia as províncias de Lunda-norte e Lunda-sul contemplam o espaço retratado na obra e abrangem os grupos étnicos majoritários Tchokwe, Lunda, Camatapa, Cacongô e Luba. A extração de diamantes, ouro, além da pecuária e construção civil são as principais fontes econômicas da região atualmente em Angola.

2.3 A reconstrução de uma terra já morta: o romance em estilhaços

Roger Bastide conheceu a obra de Castro Soromenho e prefaciou a edição francesa de *Terra morta* - editada como *Camaxilo* pela Présence Africaine – colocando em questão o amplo debate sobre a obra do escritor angolano. Ele entende que a primeira parte de seu projeto literário se destina a evidenciar a força e a especificidade das culturas africanas enquanto que, na segunda parte, com seus principais romances o drama dos negros e dos brancos, ambos vítimas de um mesmo processo colonial apresentam-se de maneira única, chegando a inaugurar uma nova corrente nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Fernando Mourão, estudioso da obra de Castro Soromenho, afirma a capacidade que a obra do escritor tem em evidenciar as contradições e processos de ruptura do colonialismo português, elaborando uma crítica contundente e inédita sobre o sistema opressor.

Castro Soromenho recria esteticamente, afastando-se do chamado romance de tese, não só a África especificamente negra, como, na segunda parte, o processo de ruptura, de uma dupla ruptura, num primeiro momento dando lugar a um sincretismo e, num segundo momento, já em nosso século, à imposição forçada da cultura do colonizador, momento de nova transição em que, se os interesses do colonizado não coincidem com os do colonizador, os deste também não coincidem com os da Nação Colonizadora, representada pelo administrador na obra do escritor. Obra localizada no espaço e no tempo, sem pretender generalizar, o que, aliás, é um de seus aspectos fundamentais. (MOURÃO, 1978, p. 143)

Incompreendida e provocativa ao mesmo tempo a obra de Castro Soromenho provoca até hoje intensos debates entre os críticos literários: não é unanimidade entre os especialistas se o autor alcança ou não a dimensão de um escritor que consegue se aproximar das questões relativas aos propósitos angolanos e denunciar a sistema colonial português. A hipótese que levantamos nesta análise aqui apresentada é a de que o escritor, em sua segunda fase, inaugurada pelo romance *Terra morta* em questão, talvez não se debruce totalmente sobre a realidade dos negros oprimidos no cenário angolano, mas que consegue, de maneira única e inédita problematizar o colonialismo português no país e trazer à tona as fraturas e contradições desse sistema, através de um narrador compromissado politicamente e de personagens e espaços complexos que compõe a narrativa.

O livro já se inicia com um jogo de cartas entre os habitantes de Camaxilo, o que já projeta uma atmosfera condicionada à sorte e ao azar. A luz amarela, que pouco ilumina a cena noturna, já contribui para a construção de clima obscuro, sem esperanças e perspectivas. A Administração

de Circunscrição de Camaxilo, onde o grupo de quatro homens estava a jogar, ficava um quilometro afastado da povoação, à beira da estrada e de lá ouviam-se gritos de alerta que ecoavam a madrugada, mas não faziam com que os homens se importassem. Desde o início, portanto, já está desenhado o ambiente inóspito e pouco acolhedor que envolve os personagens

De grito a grito, tudo ficava morto em silêncio. Ninguém ligava importância aos alertas, tão habituados estavam a ouvi-los desde o pôr do sol à madrugada alta. Porém, como consideravam a ronda de todo inútil, porque na Administração nada havia para roubar e no Paiol só se encontravam espingardas de carregar pela boca, ferrugentas e sem pistão, despojos das antigas guerras negras, todos se insurgiam contra o administrador Gregório Antunes que punha os sipaios a soltar aqueles gritos monótonos sobre Camaxilo, como se a vila fosse uma praça-forte. (SOROMENHO, 1979, p. 3)

Os poucos diálogos que saíam entre o grupo tornavam-se logo uma discussão, como bem observa Valadas: “há de ser sempre a mesma coisa. A gente vem para passar o tempo, nesta porcaria de terra, e começa logo a discussão” (SOROMENHO, 1979, p. 7). As descrições psicológicas das personagens raramente são dadas diretamente pela voz do narrador, conhecemos as características de cada um pelo olhar crítico dos demais personagens ou então pela reação desses as mais diversas situações. Justamente por ser um ambiente de competição e sobrevivência, é que o ponto de vista egocêntrico prevalece nas relações, ou seja, interessa mais desqualificar o outro e a coletividade em prol de si próprio.

O personagem de Joaquim Américo é, desde o início, abordado com certo destaque entre os demais, podendo ser considerado o protagonista, apesar de não ser responsável por guiar a narrativa – cada capítulo será centrado em um personagem diferente. Joaquim Américo apresenta um pensamento diferenciado entre os demais e acaba por representar a desconstrução do espaço na narrativa até o seu final. Apesar de sua postura divergente, ele não será o responsável pela salvação daquela terra.

Carlos Valadas, por sua vez, já demonstra uma certa insatisfação com aquele ambiente e com o sistema colonial português, mas, ao mesmo tempo, procura aceitar sua condição, já que não encontra nada melhor em seu futuro; com essa postura derrotista ele tenta vislumbrar um futuro. Não há nele uma reflexão sobre as causas e consequências dessa configuração no espaço colonial, mas há uma consciência política das condições da metrópole portuguesa que, na ocasião, passava

pela ditadura salazarista e por isso sua vida como colono parecia mais agradável diante de tal realidade.

- Olha, apesar de tudo, eu prefiro isto à Metrópole. Fui lá há quatro anos e no fim de um mês já não podia com aquilo. A gente sai da terra e anos depois de andar por cá já não entendemos aquela gente. Encontrei tudo mudado. Punha-se um homem a falar como um antigo amigo e vinha logo outro avisar-nos que nos puséssemos a pau porque o tipo era da polícia. A gente já nem sabia com quem havia de falar. Raspei-me para cá, porque ao menos aqui não há dessas coisas. Uma porcaria. Não é que eu seja político, estou-me nas tintas para a política, mas c'os diabos! Um homem sempre fala no governo e não pode ser obrigado a concordar com tudo que se faz. Ou já não somos portugueses? (SOROMENHO, 1979, p. 15)

O sentimento de Valadas é ainda de pertencimento à identidade portuguesa, apesar de não se sentir respeitado em sua terra natal ele tem convicção de estar pisando em terras pertencentes ao país europeia. Esse trecho evidencia claramente o projeto colonial português calcado no princípio de nacionalidade ultramarina, no qual as colônias são parte integrante da economia de Portugal e extensão de suas terras. A família de Valadas se espanta ao saber que ele não é rico nem fez fortuna na colônia e ele acaba criticando os portugueses que não procuram entender a realidade da vida nas colônias, sobretudo em lugares como a Lunda. Valadas aceita sua condição em Angola pois acredita que o projeto colonial português pode criar naquele local um ‘novo Brasil’: [...] – Deixa-te estar por cá, isto é terra de futuro. Aqui é que há de ser o nosso Brasil. Quem fez aquilo ainda tem alma para fazer isto” (SOROMENHO, 1979, p. 17).

Joaquim Américo, que se considerava brasileiro, incomoda-se com a exclamação de Valadas a respeito de que os portugueses fizeram o Brasil e, quando se encontra só, finalmente, em sua casa, sua mente volta-se ao território brasileiro: “Mas o Brasil não lhe saía do sentido e sentia que o seu destino ali teria de se cumprir. Tinha como certo o regresso a esse país que era como sua pátria” (SOROMENHO, 1979, p. 20). Durante a sua divagação sobre o Brasil, que ocupa a maior parte do primeiro capítulo da obra, Joaquim Américo relata sua chegada ao Brasil, ainda bebê, vindo de uma aldeia minhoto de Portugal, sua infância nas fazendas de café, seu encontro com a política e sua oposição e luta à Ditadura em São Paulo, que culminou com sua fuga para terras angolanas.

Assim que chegou em Angola, pôde ouvir dos colonos que o auxiliaram com a recepção, as críticas e condições que estavam submetidos os agentes naquele local: uma grave crise no

comércio, falta de apoio e proteção do governo colonial, crédito bancário escasso e uma pesada carga de impostos extorquir a colônia. As queixas eram inúmeras e a comparação com as colônias britânicas ao redor era inevitável, o quanto pareciam melhores e com mais oportunidades para o enriquecimento. Américo ouvia tais reclamações e pensava na gente amargurada e sem esperança com quem estaria próximo de lidar.

Foi quando conheceu o administrador Gregório Antunes que o destino de Joaquim Américo em Camaxilo, nas fronteiras com o Congo Belga, se estabilizou. Com este personagem, Joaquim Américo estabelece uma ambígua relação de empatia e aversão; quando ele lhe falava sobre o Brasil, como se a terra das Américas devesse algo para Portugal ou quando falava dos negros com brutalidade e rispidez, o protagonista chegava a nutrir certo ódio por seu colega de Circunscrição; mas quando este lhe contava sobre sua família e o entretinha com causos e historietas, Américo chegava a esquecer os defeitos daquele homem que tanto o incomodavam. As condições que a Lunda oferecia não eram as melhores ou ideais, mas aceitando o lugar, também aceitaria ser conivente com aquela realidade que tanto o perturbava.

Tudo fora fácil para o administrador, porque o Governo andava a recrutar pessoal subalterno para servir interinamente nas circunscrições do sertão. Os funcionários interinos não tinham direito à passagens nem licenças, era-lhes descontado no ordenado o tempo para a reforma. Certo, só tinham o ordenado, que para pouco mais dava que para comer, e a permanente ameaça de serem atirados para fora do serviço ao mais pequeno deslize, a menor falta de respeito aos superiores. Mas Joaquim Américo aceitara o lugar com ambas as mãos, porque não tinha recursos e o cargo só lhe serviria transitoriamente. Não queria fazer vida na colônia. O Brasil estava sempre no seu pensamento. (SOROMENHO, 1979, p. 27)

Devido a suas convicções claramente distintas da maioria dos colonos de Camaxilo, Américo era visto como um mau administrador, “sem pulso para os negros”, pois, quando deveria cobrar os impostos procurava levar em consideração as condições para o pagamento e não arrancava ou punia os angolanos que não tinham condições. Diversas vezes foi advertido por Gregório Antunes, mas não se adaptava à vida na colônia e sua saudade do Brasil já era doentia. O nome do protagonista, aliás, refere-se diretamente ao espaço brasileiro e traz muitas características do próprio Castro Soromenho que viveu no Brasil durante um tempo até a sua morte.

O narrador continua a descrever o espaço e o cotidiano da Administração além de focalizar na rotina atual dos funcionários, como Gregório Antunes e sua esposa Dona Jovita, nos trabalhos dos negros, sipaios e capitas. Os negros presos tinham como tarefa, por exemplo, capinar o quintal

do Administrador, e exerciam a tarefa ameaçados pelo chicote do capita e abastecidos com ração à base de fubá e peixe seco. É importante destacar o uso desses termos na narrativa pois evidenciam a relação de opressão e escravização entre negros e brancos nesse contexto colonial. Outros negros eram intimados para os trabalhos públicos enquanto muitos se preparavam para os serviços nas minas de diamante.

As organizações econômicas existentes, na época, em Camaxilo ficam evidentes nas relações de trabalho relatadas. Ao pensarmos sobre os conceitos de infraestrutura e a superestrutura no contexto colonial, de acordo com as teorias de Marx e Engels, são os meios de produção e a força de trabalho que determinam dialeticamente as formas ideológicas de uma sociedade. Nesse sentido, o trabalho colonial dos negros em Camaxilo legitima e reforça a ideologia da opressão colonial ao mesmo tempo em que condiciona as relações sociais e econômicas.

Não apenas as personagens e as relações entre eles são objeto de atenção do narrador, o espaço também é descrito nessa etapa da narrativa com grande força, como por exemplo na descrição do cemitério que determinava umas das entradas da vila:

[...] Dali partia o caminho para o cemitério, um quilometro acima e muito afastado da estrada, com muros altos a defenderem-no do matagal e dos bichos selvagens. Todas as noites hienas iam uivar o seu choro junto desses muros que resguardavam os talhões onde negros e brancos eram enterrados em lugares completamente separados. Nas noites calmas, os uivos monótonos e tristes vinham até à vila. (SOROMENHO, 1979, p. 30)

Por ser o espaço legítimo da morte, o cemitério era construído distante das habitações e da vida na comunidade – justamente pelo pensamento ocidentalizado de não compreensão da morte (KONDER, 2010) – mas era, ao mesmo tempo, a continuação da vila de Camaxilo: negros e brancos eram enterrados separadamente assim como viviam, do mesmo modo, em suas relações de dominação e subordinação.

A noite contribui ainda para a ambientação do espaço na medida em que emoldura sua ruína e decadência. É durante à noite que acontecem as principais cenas do livro e também é o momento em que o medo assola o lugar e os negros podem manifestar um pouco de sua voz enquanto os brancos, temerosos, escondem-se em suas casas de zinco e cal. O narrador utiliza a dicotomia da relação entre o dia e a noite, entre o negro e o claro para reforçar a dualidade das relações ali existentes.

As instituições que ajudam a compor o espaço da Lunda parecem falidas, a escola aparece na narrativa, mas apenas para demonstrar o quão pouco tempo durou. Seu responsável, o secretário Jaime Silva, é um dos funcionários que merece menos respeito por parte de Joaquim Américo e dos demais personagens e encerra a escola uma vez que os alunos, todos mulatos, não aparecem para sua aula. Justifica sua ruína como ‘professor’ a partir do racismo, dizendo que os mestiços não sabem dar valor à educação.

O isolamento de Camaxilo, portanto, é uma constante que aflige os sentimentos das personagens: as notícias que chegam através do jornal com quatro meses de atraso são, geralmente, a maior fonte de contato com o mundo exterior. Afora os escritos, as histórias, decretos e informações oficiais da colônia chegavam de Malanje, a cidade mais próxima que ficava a horas de viagem dali a partir de uma estrada em péssimas condições. O telefone mal funcionava e não auxiliava nas necessidades da população local. Enfim, a incomunicabilidade do espaço reflete-se também nas incompreensões dialéticas e humanas entre seus habitantes. O diálogo é uma expressão cara às pessoas de Camaxilo.

Todas as relações, portanto, são pautadas pela ausência de empatia, diálogo e negociações culturais, o racismo impera nas ligações entre as duas camadas sociais: os colonos e os colonizados, os brancos e os negros. Dona Jovita, a mulher do administrador por exemplo, deixa claro que sua relação com as negras e os negros é de ódio; e seu marido, Gregório Antunes, tem a preocupação de ameaçar qualquer resistência por parte dos negros, pois sabe que assim não poderiam subverter a ordem colonial: “Gregório Antunes sabia que a saudade arrasta o negro para o passado, convidando-o a fugir à nova vida que lhe é imposta e lhe desagrade. Ele só queria negros sem saudades, a viverem firmes no presente para não virem a estranhar o futuro” (SOROMENHO, 1979, p. 40)

Em certo ponto do enredo, o narrador volta sua atenção para o sipaio Caluis que, lembrando seu passado, também resgata as memórias de Camaxilo, tempo em que esta terra era o centro comercial mais importante da região e ele, negro, vinha da aldeia negociar com a centena de comerciantes que ali se fixavam. Aquele passado era o tempo da borracha, época em que a Lunda era um espaço de muitas riquezas.

Esse foi o tempo em que a borracha valia ouro de lei e os brancos corriam para o Leste com as suas pacotinhas, pagando impostos aos sobas para poderem negociar com seus filhos e transitarem por suas terras cruzadas de trilhos. Era o tempo de Braz Vicesse e do seu bando de quimbundos que iam até os confins da região que borda os Grandes Lagos, em jornadas comerciais que duravam mais de um ano,

trazendo caravanas com marfim e borracha e rebanhos de escravos, e ouro branco e ouro negro da África antiga, que levavam para as praias de Benguela. (SOROMENHO, 1979, p. 44)

O trecho acima faz referência justamente ao período de fortuna das terras Lunda para o império colonial português⁵¹: a extração da borracha e a desbravamento das terras eram sinônimos de riqueza e o sipaio Caluis era um jovem entusiasta de todo esse movimento. O pagamento de imposto aos sobas – líderes locais – era um plano vigente que mediava as relações comerciais entre brancos e negros e negociava os espaços entre uns e outros. A extração de recursos demasiada, uma ocupação militar, guerras e os interesses pelas terras acabaram com a ordem instaurada, o que a substituiu era o que agora Caluis observava: casas caídas, poucos comerciantes, negros escravizados pela falta de pagamento aos impostos e a terra morta.

A vida do sipaio é entremeada de contradições: acabou por entregar o velho soba de sua aldeia à prisão dos brancos, já não sabia se comunicar com os homens de sua terra e ficou conhecido por “prestar bons serviços aos brancos”. Sua figura acaba por representar uma das escolas existentes entre a polarização colonizador e colonizado que foi providenciada em suas terras. As complexas relações são trazidas à tona de maneira singular na obra de Castro Soromenho justamente com o intuito de desvelar os processos sociais do sistema colonial.

É o próprio Caluis que traz à tona a história do soba Xá-Mucuari, um grande chefe Lunda que tinha amizade e acordos econômicos com os comerciantes Alfredo Anacleto e Francisco Bernardo: antigos homens locais que se sustentavam, agora, com a fraca economia da região, mas que já estavam ali desde antes do período áureo da borracha. Xá-Mucuari jamais perdoou os homens brancos que traíram sua amizade e devastaram sua terra com uma coluna militar. Ele teve de fugir com sua gente e, após passar por muitas dificuldades, retornou a Camaxilo com seu povo disperso e sendo obrigado a pagar impostos para os brancos.

A condição expressa por Xá-Mucuari nesse processo de colonização é justamente a substituição de uma ordem de negociações e acordos por uma nova ordem de ocupação efetiva dos territórios e exploração territorial e militar. Tal inversão e mudança de paradigmas que ocorrem devido a ordem imperialista com os colonizados de *Terra morta* é justamente o processo central da narrativa de *Things fall apart* sobre a qual Okonkwo passa com seu clã e que não consegue lidar.

⁵¹ “A região da Lunda, já no começo do século XX era extremamente visada por conta da valiosa borracha comerciada principalmente pelos tutchokwe. E a partir de 1912, a descoberta oficial de diamantes no rio Cassai e afluentes, assanhou ainda mais as pretensões colonialistas portuguesas e de outras nações na região.” (MELO, 2015)

Na obra do escritor angolano, diferentemente, o processo já está vigente e aponta para a constante tensão do colonizado diante do arranjo colonial (FANON, 2005).

O destino dos negros em Camaxilo, portanto, havia mudado: os brancos eram agora donos da terra e não pagavam mais impostos para os acordos com os sobas, tratavam os negros como estrangeiros de sua própria terra e os sipaios, negros e mestiços, que falavam português e eram militarizados, foram convocados para trabalharem ao lado dos brancos.

Em um movimento de alternância de tempos entre passado e presente, o narrador volta-se para a conjuntura atual da vila e descreve as trocas comerciais que aconteciam naquele espaço já fadado ao fracasso: a desconfiança, o alto preço dos impostos cobrados aos negros, o individualismo e a ganância eram as principais características do movimento econômico da região. Um local que não oferece condições de sobrevivência favorece o surgimento de classes sociais em franca luta por espaços.

As relações entre brancos, negros e mestiços também são evidenciadas nesse trecho e o narrador faz questão de deixar evidente, através de marcas irônicas, a hierarquização das raças proposta pelo sistema colonial, em que os mestiços conseguem ascender socialmente por se aproximarem um pouco mais da raça branca e se distanciarem da raça negra. Mestiçagem essa que é uma das marcas do colonialismo português e que acaba por mascarar o racismo evidente na sociedade.

Talvez seja importante registrar aqui um pouco das diferenças entre as políticas de assimilação e de diferenciação existentes nas políticas coloniais de portugueses e britânicos respectivamente. Os primeiros, assim como os impérios franceses e belga, tinha como objetivo converter gradualmente os africanos em europeus, o que significava uma transformação das culturas e organizações locais. Já os segundos, assim como o império alemão, tinham como mecanismo principal viabilizar um “governo indireto” nas colônias africanas, o que resultava em uma política segregacionista de culturas e organizações locais (HERNANDEZ, 2008, p. 104-105).

Para os portugueses a política de assimilação incorporava um número muito pequeno de assimilados, que ascendendo socialmente, se tornavam, muitas vezes, coniventes com o colonizador e a ideologia dominante. Dessa situação, nasce uma população miscigenada e aumenta-se a segregação. Nas colônias britânicas, há um sentimento contraditório constante entre oportunidades iguais e pureza racial. Ambos os casos terão como consequência o preconceito racial

e a violência; os impactos que tais políticas carregam estão presentes em todas as regiões que já estiveram em situação colonial.

Os portugueses relacionavam-se sexualmente com mulheres negras nas colônias, o que não significava ausência de racismo; pelo contrário, essa situação problematiza ainda mais as relações de classe e raciais entre os brancos administradores e as negras. Os filhos mulatos muitas vezes são a única família constituída daqueles colonos e, apesar de merecerem alguns direitos em relação aos demais negros, não são considerados efetivamente herdeiros e filhos legítimos, assim como as mulheres acabam sendo abandonadas a sorte nas situações de adversidades.

A única figura feminina branca, Dona Jovita, representa justamente a esposa legítima e a família tradicional de Camaxilo. Em determinado momento, ela acaba indo embora da vila, pois aquele espaço acaba por brutalizar os homens que ali ficaram na missão de ocupar a terra e não há espaço para mulheres ou família.

Joaquim Américo sente a partida de Dona Jovita por quem nutria certa afeição e, o narrador, que se distancia um pouco desse personagem no trecho da narrativa, ressalta que ele, apesar de ser alguém com ideias diferentes em relação ao sistema colonial, não deixa de trabalhar para o colonialismo e exigir impostos e de ter seus criados. É também uma figura ambígua, que promove uma certa reflexão, mas que precisa agir para sobreviver e sabe que não está do mesmo lado dos negros naquele espaço. Aqui o autor implícito, na voz do narrador, problematiza a personagem de Joaquim Américo justamente por perceber que há uma ambiguidade entre seu papel como trabalhador colonial e seu pensamento diante da opressão do sistema em que está inserido.

A época vivida por Castro Soromenho como agente colonial na Lunda era particularmente difícil, o tempo da borracha não mais vigora em Camaxilo, e o trabalho nas distantes minas de diamante começam a despertar grandes insatisfações e questionamentos sobre o sistema colonial por parte dos próprios colonos. As condições precárias de trabalho dos negros enviados aos locais de extração e as relações de produção existente condicionam as relações sociais centradas na exploração de recursos e mão de obra. Por essas questões, as insatisfações de uma personagem como Joaquim Américo poderiam ser facilmente compreendidas.

A essa altura, a Companhia de Diamantes de Angola regulava a extração de diamantes através de um acordo com o Estado e essa combinação era altamente rentável para a metrópole. Fernando Mourão faz, em sua obra, *A sociedade angolana através da literatura*, um retrato da condição de trabalho da Companhia em Angola: “Tudo o que seus homens necessitam vem de fora.

Não só não compra nada do comércio local, como expulsa da imensa área de mineração todos os brancos que por lá comerciavam. Apenas aproveitava a mão-de-obra dos negros” (MOURÃO, 1978, p. 86 e 87).

Foi justamente o controle do governo sobre a exploração do diamante que fez com que os pequenos comerciantes da região da Lunda fechassem as portas e transformou aquela população em colonos empobrecidos. A Companhia, ao recrutar em massa a mão de obra negra para as minas, fez com que essa população ficasse extremamente reduzida nas vilas e diminuísse drasticamente a circulação de moedas e mercadorias. O destino de Camaxilo estava fadado ao fracasso e a exploração não revertia seus lucros para a manutenção dos territórios angolanos. Aos comerciantes que ainda permaneciam, restava a agricultura, porém, grandes empresas como a COTONANG⁵², manipulavam o preço dos produtos como milho e algodão e o preço era impraticável pelos pequenos comerciantes. (VALE, 2004).

É justamente com essa população de colonos que a obra de Soromenho lidava em sua trilogia de Camaxilo, especificamente, no caso, em *Terra morta*: comerciantes decadentes, com muitos filhos mestiços e administradores sem recursos para comandar a terra e sem esperanças de encontrar um futuro ou lugar melhor para se instalarem; também ex-combatentes de guerra do sertão da Lunda constantemente frustrados. A matéria humana do livro, portanto, é escassa de humanidade e de esperança, resta ao leitor, portanto, compreender um espaço sem destino para seus personagens.

Durante a narrativa os administradores de Camaxilo observam o teor das explorações da Companhia de Diamantes, que pressionavam os governos coloniais, e seus reflexos na terra Lunda: “[...] A Companhia está a desgraçar as populações da Lunda. Lá do Posto, já me foram embora mais de quinhentos homens num só ano” (SOROMENHO, 1979, p. 100). A preocupação era, evidentemente, não com as condições dos trabalhadores negros nas minas, mas sim com a falta de mercado consumidor para os comerciantes da vila e a falta de mão de obra para arrumar as estradas que chegavam à vila. Enquanto muitos dali se revoltavam contra o governo português por essa política administrativa, Joaquim Américo entendia as estratégias e sabia que a condição do lugar em que estavam era exatamente a inexistência.

⁵² COTONANG: Companhia Geral dos Algodões de Angola que teve participação decisiva nas condições de produção material em Angola e também foi palco de uma greve diante da qual milhares de camponeses da zona de Malanje (próximo a Lunda) foram massacrados pelo colonialismo. O episódio é um dos motivadores das lutas de libertação do país que culminaram com a independência em 1975. (MELO, 1988)

Em uma noite, quando os colonos se encontram novamente sobre uma cena de jogo de cartas, um automóvel que chegava de Malanje é anunciado pelo funcionário de Joaquim Américo. É interessante notar que o barulho foi interpretado pelos homens brancos como um batuque dos negros, pois eles não conseguiam distinguir os ritmos de qualquer outro som, já para os negros o barulho era evidentemente de um caminhão. A falta de empatia com o outro é evidente desde as pequenas interferências naquelas terras.

Américo recebe o correio que o automóvel trazia e anuncia a transferência de Vasconcelos, que há tempos esperava por esse momento, ele iria agora para Luanda com um tanto de dívidas ainda por pagar e tamanha frustração por aquele espaço. O aspirante Albano Sampaio entra em seu lugar e Vasconcelos iria embora logo, na mesma caminhonete. Assim que o novo funcionário adentra à casa de Américo para uma recepção, inicia-se uma nova discussão acerca do trabalho dos negros na colônia que revela novamente a personalidade de Joaquim Américo: o secretário Silva reclamava sobre uma revolução dos negros contra a venda dos algodões alegando que o salário que recebiam já era alto o suficiente, enquanto o ‘brasileiro’ exclama que eles deveriam ter vergonha do ordenado pago e das condições dos trabalhadores. Américo revela a Vasconcelos que tinha livros em sua casa considerados subversivos ao sistema colonial e que Silva não poderia tomar conhecimento.

Rocha, que é o funcionário responsável já há alguns anos pelo transporte entre Malanje e Camaxilo é também a ponte entre as notícias do centro do império e os colonos afastados de todas as novidades: “Vocês é que estão metidos nesse buraco e não sabem do que se passa por esta colônia afora. Só miséria e porcarias. Em Nova Lisboa há colonos que comem por esmola do Município. Vi eu [...]” (SOROMENHO, 1979, p. 121). Suas impressões sobre a colonização portuguesa são realmente críticas e consegue oferecer um panorama do fracasso do projeto colonial do país europeu diante das frágeis circunstâncias em que se encontram os territórios ocupados.

Assim, entre passagens, chegadas e despedidas, o cotidiano da vila de Camaxilo parece não acontecer, apenas sobreviver. O narrador procura intercalar seu foco nos personagens daquele espaço, por vezes nos colonizadores e suas condições adversas e seus discursos preconceituosos, por vezes nos mestiços, sipaios, capitas e assimilados, e também na vida dos negros colonizados, como o soba Xá-Mucuari. O encontro deste último grande líder de Camaxilo com o velho capita Caluis é um dos episódios mais violentos e emblemáticos da narrativa

Xá-Mucuari já não tinha mais o mesmo respeito de antigamente, pois a colonização promoveu uma inversão nas ordens até então vigentes entre os povos Lunda, ele agora não mais representava seu povo, era agora substituído formalmente por outro líder, que sabia lidar com os brancos. Quando Caluis chega ao espaço do velho soba para exigir o retorno de cinco homens que fugiram das minas, e, sem chegar a um acordo, Caluis o leva detido por ordens expressas do secretário.

No caminho, Caluis tenta atingir o soba pensando que este ia fugir e acaba levando um tiro da própria espingarda que Xá-Mucuari tomou do capita em legítima defesa. Em um primeiro momento o sentimento era de triunfo, mas ao perceber, assim como os demais, que aquele crime custaria a ira dos homens brancos, o soba sai de cena e é encontrado morto, pouco tempo depois, enforcado em uma árvore.

A cena da morte de Xá-Mucuari dialoga diretamente com a morte de Okonkwo em *Things fall apart*, ambos cometem suicídio através do enforcamento e diante de situações que percebiam como insustentáveis pelas suas convicções tradicionais. O silenciamento dessas vozes é exemplar para as duas narrativas pois traz em cena justamente o domínio do discurso colonial que apaga não só as contradições existentes no interior do sistema como também o discurso do outro que não ecoa mais em sua própria terra e em seu próprio sistema social. A saída para essas personagens parece ser o suicídio pois o colonialismo é trágico e sem saída para eles. Xá-Mucuari foi o último grande chefe a morrer em Camaxilo e sua ausência abria agora definitivamente o novo tempo colonial para seu povo.

Estabeleceu-se grande confusão na aldeia. Gritos e insultos partiam de todos os lados. Uns queriam que se tocasse o tambor, em aviso aos povos para virem chorar a morte do soba e dançar o batuque no seu chão; outros teimavam para se não tocar, porque ninguém devia vir àquela senzala onde estava um sipaio morto, e os brancos iam julgar que se fazia um batuque de festa por terem assassinado um homem do seu serviço. E ainda por cima tratando-se do Caluis, que ajudou os brancos a ganhar a guerra contra eles. (SOROMENHO, 1979, p. 149)

Com a morte de Xá-Mucuari seu povo estava ainda mais dividido, alguns com medo da reação dos homens brancos e sem esperança para o futuro não aceitavam os batuques em homenagem ao morto, já os mais velhos, exigiam que as honrarias de funeral fossem feitas ao velho soba. A verdade é que, com essa perda, todas as referências estavam extintas para o seu povo e o próprio soba sabia desse fato antes de seu suicídio: “Já nada detinha o povo que olvidara a tradição

de respeito aos velhos e o temor às leis da tribo. O seu passado estava com o soba, morto. Xá-Mucari, ao dar-se à morte para não sofrer afrontas dos brancos, libertara o povo de um passado que ele próprio não pudera manter em prestígio” (SOROMENHO, 1979, p. 153-154).

Algum tempo depois da tragédia, o administrador Gregório Antunes propôs a escolha de um novo soba: “que fosse da vontade de todos, frisou”. Por um momento os negros manifestaram alegria diante daquele branco que parecia entender seus costumes, mas ao perceberem que o soba já havia sido escolhido e que era o sipaio Comboio, sentiram-se confrontados. Gregório Antunes, no entanto, frisou que deveriam aceitar de bom grado, já que o homem branco estava perdoando um assassinato de um capita. Após a decisão todos ainda foram ameaçados de prisão caso não obedecessem às ordens do novo líder e foram submetidos, desde o início, a uma administração violenta por parte de Comboio.

Os companheiros de Xá-Mucuari, os mais velhos, que queriam a ele prestar suas homenagens, fugiram para a fronteira belga e lá receberam terra e sementes para trabalharem um ano sem pagar impostos. A verdade é que a administração colonial portuguesa não se importou com o pequeno grupo de desertores e continuou com sua política colonial agressiva e impositiva, inclusive sobre os próprios costumes do povo lunda.

Quando as chuvas se aproximam e o calor começa a despertar a terra morta de Camaxilo, os personagens não se encontram no mesmo ritmo que o clima. Joaquim Américo passa os dias sem ter o que fazer, entediado e abatido: a inutilidade de sua própria vida lhe pesava e os poucos colegas que ali restavam eram pessoas detestáveis para ele. Seu objetivo passou a ser buscar uma transferência daquele local, não que tivesse esperança de encontrar outro melhor, mas sabia que ali não poderia mais continuar e ainda precisava juntar dinheiro no continente.

Os negros, cansados das condições de trabalho, das doenças e do alto peso de impostos, evadiram as terras ou até mesmo aumentaram a conta de mortos. Sampaio e Silva ficaram preocupados com esse dado, não com os negros em si, mas sim com a porcentagem dos impostos revertidos a eles que dependia do número da população de negros. A terra estava mais morta do que nunca e não havia esperança em nenhum local; desse modo a narrativa se arrasta denunciando um espaço e suas conflituosas relações existentes.

O único episódio que mobiliza Camaxilo, diante desse cenário inóspito, é a morte do quinto negro consecutivo que ocupava o cargo de cantoneiro de Huamba, um posto no sertão da Lunda. Com a convicção de que o leão estava acostumado a carne humana e que havia um feitiço sobre o

cargo, não se encontrava, sobre aquela terra, rapaz nenhum com coragem para assumir o novo posto. Silva, alegando que a crença no feitiço era ‘coisa de selvagens’ tentou até isentar os impostos e pagar vinte angolares a quem aceitasse o lugar, mas antes até de tirar a sorte entre os caçadores, o filho mestiço do velho Bernardo aceitara o posto pelo pagamento de noventa angolares e uma espingarda dos tempos da guerra.

O motivo do garoto para aceitar esse trabalho – que era um cargo de negros – foi a menina Flavia, filha também mestiça de Anacleto, o comerciante. No entanto, seus ideais foram devastados quando o pai da moça disse que jamais aceitaria um casamento de sua filha com um mestiço que aceitara o trabalho de um negro. Sem ter como voltar atrás em sua palavra, Luis Bernardo assume o posto para desgosto de seu pai e para desespero de sua mãe, que agora ficava sozinha e se despedia do filho.

Era o único filho que lhe restava, em Camaxilo, dos sete que tivera de Francisco Bernardo. Os dois mais velhos morreram durante a guerra do Nzovo, a lutarem contra os negros. As filhas andavam sabe Deus por onde. Só da Arminda é que sabia o paradeiro, num bordel de Benfica de Benguela, depois de ter estado nos de Malanje e Luanda. O mais novo, após ter saído da cadeia de Luanda, fora para Matadi e nunca mais dera notícias. Agora, era o Luís a deixá-la, metendo-se em Huamba, ali a dois passos, mas que para ela era como se fosse muito longe, ou ainda pior, porque dos outros sabia o destino, ao passo que deste conhecia-lhe o paradeiro, com aquele leão a rondar o cantão, louco por carne de gente. (SOROMENHO, 1979, p. 201-202)

Logo após a partida de Luis Bernardo, José Calado cai doente em cama, sua mulher, a negra Francisca, deseja chamar um curandeiro para o marido, nesse momento, os valores culturais entram em conflito: como o colono não melhora, os homens brancos alegam o mau serviço do curandeiro, que não passou de bobagem para extrair dinheiro, enquanto a negra reforçava que os remédios do branco já haviam estragado o serviço do curandeiro antes mesmo dele chegar. Com a morte de José Calado, Silva e Sampaio fizeram o inventário do homem e selaram as portas da residência onde ele morava, com um capita a tomar conta. “Dias depois, quando a negra Francisca quis voltar para casa, o capita tomou-lhe o passo e disse-lhe que o secretário dera ordens para não deixar entrar ninguém. Apontou-lhe para os lacres que estavam nas portas e janelas e afastou-se” (SOROMENHO, 1979, p. 211)

O apelo do único filho, o mulato João Calado, também foi em vão. Os colonos justificavam o abandono com a família de José Calado através da falta de registros e documentos que

comprovassem a relação de parentesco entre eles. Os dois episódios – tanto o de Luis Bernardo quanto o da morte de José Calado e destino de sua família – revelam a dimensão das relações pessoais e familiares mantidas pelos colonos. Às famílias mestiças não eram reservados direitos matrimoniais, conjugais ou financeiros e seus filhos eram negligenciados diante de qualquer decisão política e pelo futuro.

João Calado encarou o fato, de não admitirem a ele uma família, como um insulto e, após atacar o secretário Silva com raiva, é preso pelos sipaios e recebe vários golpes violentos: “uma chicotada rasgou-lhe a cara, dos olhos ao queixo, arrancando-lhe um urro que fez os sipaios fugirem para debaixo do balcão. Outro golpe rasgou-lhe a boca. Perdeu os sentidos” (SOROMENHO, 1979, p. 215-216). Nesse momento, Joaquim Américo indignado, parte em defesa de João Calado, o que revolta os brancos administradores. Por fim, o mulato é preso e Américo parte para a estrada.

Nesse dia, pelas aldeotas ao redor da vila, correu o boato da morte do mulato. Negros que tinha ido à Administração contaram o que fizera Joaquim Américo mas os homens das aldeias não quiseram acreditar. Um velho afirmou que tudo era mentira, que não havia branco que tomasse a defesa de um mulato contra outro branco. Disse aos berros que conhecia muito bem os brancos e sempre os vira unir-se contra os homens que não eram da sua raça. Mas vieram outros homens da vila, alguns velhos de consideração, e confirmaram tudo o que os outros disseram. O velho escutou-se em silêncio, esteve muito tempo de olhos escancarados, sem dizer palavra, e de repente, levantou-se, correu para o tambor do terreiro e começou a tocá-lo, gritando:

- Povo! Nasceu o coração do branco!

E pôs-se a cantar uma canção de louvor para Joaquim Américo. (SOROMENHO, 1979, pp. 216-217)

Apesar do êxtase dos negros em relação ao ato de Joaquim Américo em defesa do mulato, ele próprio não se viu como herói, pelo contrário, percebeu que seu ato lhe traria graves consequências: seria fadado a viver em qualquer circunscrição do mato “sem direito a vencimentos”, assim, decidiu que era hora de ir embora de Camaxilo. Sua decisão não só é um abandono das terras, mas também de uma certa causa que ele, por alguns momentos, se propôs a defender. Seu destino, no entanto, não é salvar aquela gente ou subverter a ordem colonial; é um homem com seus defeitos e contradições que despertam inquietações naquele espaço, mas não revelam uma reviravolta de fato. Joaquim Américo não é o personagem disposto a salvar aquela terra, mas de qualquer forma encara a realidade da Lunda de maneira mais complexa que os demais colonos.

Quando a negra Francisca parte para Malanje em busca de ajuda para o filho e para suas condições, o narrador faz uma incursão aos pensamentos da personagem, na tentativa de entender o seu presente e configurar a história daquele espaço. Ela se lembra do tempo de certa abundância que viveu com seu marido, quando a borracha ainda era a base da economia e os planos para seu filho incluíam estudos em Portugal e que o marido vivesse em uma quinta e enviasse para ela uma mesada. O que acontece, no entanto, com sua vida, não segue o mesmo percurso da utopia.

Depois os brancos começaram a abandonar a vila, porque já não valia a pena comprar borracha. As casas foram caindo, o capim entrou nas ruas e nasceram ervas nos quintais e sobre as ruínas. Foi nesse tempo que José Aparício se enforcou na sua loja e o mulato Jesus enlouqueceu, desaparecendo nos quintais e sobre as ruínas. Quando os brancos fardados, primeiro os militares e muito mais tarde os administrativos, chegaram à vila, a terra já estava morta. (SOROMENHO, 1979, p. 226)

Ela relembra ainda, que a chegada da Companhia dos Diamantes assolou a vida na vila, muitos comerciantes foram presos acusados de roubar pedras que estavam com eles há anos, mas que agora pertenciam ao governo. As guerras ajudaram a empobrecer ainda mais a região e os impostos cobrados de brancos e negros ali já instalados fizeram com que a terra se “estragasse para sempre”. As únicas lojas que permaneceram em Camaxilo após essa tempestiva época, foram as de Bernardo, Anacleto e Calado.

As afrontas em relação aos costumes dos negros – como a imposição de que os homens deveriam cultivar a terra para fornecer ainda mais alimentos, o que era uma tarefa essencialmente feminina – as promessas dos brancos sobre escolas e médicos para a região e o discurso de que, naquele tempo, o negro já não era um escravo e podia ser considerado um cidadão, fizeram Francisca aborrecer-se e, assim, ela segue seu caminho pelas planícies sem vida daquela terra.

O fim decretado de Camaxilo acontece quando a mudança da sede da Circunscrição é anunciada: Caungula será o novo ponto administrativo. A essa altura, Joaquim Américo se prepara para partir dali e se hospeda na povoação, na casa de Manuel Pancário. Albano Sampaio, que engravida a negra Maria, foge para não ter de lidar com tais responsabilidades e o sipaio Combio é morto e enterrado sem cerimônias na aldeia. A terra estava cada dia mais vazia, isolada e sem vida, Camaxilo torna-se inútil aos olhos de toda aquela gente.

Dona Jovita está de volta, ela e o marido, Gregório Antunes, preparam-se também para deixar o local rumo à nova capital da Circunscrição, mas, antes disso, ele tenta convencer Joaquim

Américo a ficar naquelas terras e esquecer o ‘mal-entendido com o mulato’. O outro, no entanto, já está decidido e vai apenas despedir-se do casal.

- Ah! Já sei.... As suas ideias... e esse horror que o senhor sente por tudo isto, não é? O senhor nunca compreendeu esta vida.
 - Perdão, eu compreendo, mas não aceito, o que é diferente. Vou até a Metrópole.
 - Os senhores dão vontade de rir com essa mania de defensores do negro. Olhe que a negralhada não lhe agradece – e o administrador riu alto.
 - Eu não os defendo por serem negros, porque para mim a cor e as raças não contam, mas sim como homens que são tratados como animais, como bestas e nada mais.
- (SOROMENHO, 1979, p. 243)

Apesar de Joaquim Américo não ser exatamente um personagem exemplar na defesa dos negros diante da situação colonial, seu discurso nesse trecho revela, na verdade, uma ideologia que perpassa a obra de Castro Soromenho, a de que o racismo é uma mazela social e que o projeto colonial português é uma instituição falida que se sustenta apenas com base na violência. O pensamento de Américo a respeito dos colonos – de que apenas com uma deformação profissional é possível viver ali – é uma crítica sutil ao colonialismo através de todo um discurso que se instaura no projeto literário do escritor.

Alguns traços biográficos de Castro Soromenho realmente podem ser encontrados na construção do personagem de Joaquim Américo, como, por exemplo, a vida no Brasil, o antirracismo e as leituras ‘subversivas ao sistema colonial’. Mas há, no final da obra, uma referência a um personagem denominado como Monteiro, que é o chefe de Caluango conhecido por entrar nas senzalas, conhecer, ver e ouvir as histórias dos negros ao invés de os mandar para as minas ou de lhes cobrar impostos. O nome Monteiro está no próprio nome do escritor: Fernando Monteiro de Castro Soromenho e tais características descritas – que se reduzem à poucas linhas – podem se referir ao período em que Castro Soromenho esteve em Angola e estudou as populações negras, muitas observações desse período resultaram na publicação de seus primeiros livros de contos e novelas.

Gregório Antunes e Valadas, no entanto, continuam convictos da legitimidade do projeto colonial, inclusive através das demonstrações de força e violência. Quando Américo deixa esse local, suas impressões diferenciadas não afetam a vida dos que ali continuam a viver. Um dos únicos que foi se despedir de Joaquim foi o mulato João Calado que, agora solto, não encontrava abrigo entre os seus iguais e, ao mesmo tempo, não queria abandonar Camaxilo.

O último capítulo de *Terra morta* também se inicia com a sombra da noite – assim como a maioria dos episódios que acontecem na narrativa – somente João Calado estava acordado e passava pela Administração e pelo Paiol. Após matar o sipaio Canivete e tirar todo o dinheiro do cofre, o mulato inicia um incêndio na vila: “Já ia longe, a meia encosta da colina sobranceira à vila, quando se voltou e viu o clarão do incêndio” (SOROMENHO, 1979, p. 255). A passividade diante do fogo que consumia tudo em Camaxilo fez com que a destruição assumisse definitivamente sua forma no local.

Era inútil qualquer tentativa para evitar a marcha do fogo, que em minutos devorava o colmo da cobertura e invadira por todos os lados o interior do casarão, onde era loucura tentar entrar. E como não havia água na povoação, que se abastecia do rio, no fundo do vale, onde os negros iam buscar em latas e cabaças, ninguém se mexia. (SOROMENHO, 1979, p. 257)

Ao descobrirem que o culpado era o mulato João Calado – ele havia deixado suas botas no local – imediatamente a vila começa a procurar culpados pelo acontecido: Dona Jovita que pediu para soltarem o menino da cadeia, Gregório Antunes que exigiu a soltura imediata e até mesmo o Silva que provocou toda a ira no mulato. Na realidade a destruição imposta pelo incêndio revela ainda mais a atmosfera individualista e violenta já colocada desde o início da narrativa e o pouco de terra que se encontrava viva em Camaxilo é morta pelo fogo.

Manhã cedo, filas de negros, com caras às costas, deixaram Camaxilo, rumo a Caungula, nova vila e sede da Circunscrição. À tarde, o automóvel, com Gregório Antunes ao volante, ao lado da mulher, Silva e Valadas atrás, arrancou do largo da Administração, onde um grupo de presos demolia a picareta as paredes negras do casarão. Só D. Jovita se voltou para ver, pela última vez, a povoação abandonada, com seu jardim florido, que em breve seria capinzal. (SOROMENHO, 1979, p. 260)

Todos vão embora dali, restando apenas Bernardo e Anacleto, os antigos comerciantes. A terra está mais morta do que já se encontrava no início, em nenhum momento houve, nem sequer uma esperança de renovação para aquele lugar; e, novamente, a sombra da noite sobe pela terra morta de Camaxilo a emoldurar o espaço da não vida.

2.4 Uma terra morta que faz nascer uma nova voz

Escrito em 1949, quase trinta anos antes da independência de Angola, *Terra morta* já apresentava uma proposta diferente – e, talvez por isso, de difícil compreensão – em relação a maior parte das literaturas africanas. A obra foi idealizada antes mesmo de *Things fall apart* que anunciou uma revolução ao trazer em cena a voz dos oprimidos em relação ao colonialismo. Ainda hoje o romance do escritor angolano deve ser analisado com bastante cautela diante da crítica literária que dele se apodera, pois, ao contrário do romance nigeriano, não chega a fazer parte de um aclamado cânone⁵³.

Lido, portanto, certo tempo depois por angolanos e portugueses, a obra faz referência a um tempo colonial não muito distante, uma época em que a ocupação dos territórios já era efetiva, muitas populações locais dizimadas por guerras e a extração de recursos naturais servia à economia de uma metrópole em plena ditadura que não conseguia sucesso na administração econômica e tampouco apoio da população.

O ambiente, portanto, estava realmente morto quando o narrador começa a contar a história de Américo e os demais colonos da vila de Camaxilo, um lugar cercado por um cemitério e por uma prisão anuncia a dureza de uma terra que parece ser a sepultura dos que nela estão vivendo. Um local carregado de individualismo, de sorte e azar e competição pela sobrevivência, os diálogos que dessa situação se apresentam revelam a amargura um projeto colonial fadado ao fracasso tanto para a metrópole, mas principalmente, para os colonizados. É esse o contexto que Fernando Monteiro de Castro Soromenho traz para sua obra, uma época em que a colonização portuguesa deixava lugares como a Lunda em completo descaso financeiro e político e submetia populações inteiras a violências institucionais e sociais.

As condições do sistema colonial português na região de Lunda revelam a precariedade tanto das estruturas de poder dos colonizados brancos quanto dos trabalhadores negros escravizados e subempregados. Os colonos, iludidos por uma vida de prosperidade nas terras africanas, deparavam-se com um local sem infraestrutura básica e acabavam também sendo submetidos a lógica colonialista, como mais uma mão de obra barata. Poucos, no entanto, tinham

⁵³ É claro que, retomando as considerações iniciais propostas para essa dissertação, o movimento de questionamento deve ser constante nos trabalhos com as literaturas africanas, especialmente nesse momento; cabe, portanto, também uma discussão acerca dos cânones das literaturas africanas de língua britânica e também portuguesa.

completa consciência desse processo e caminhavam no sentido de manter a infraestrutura funcionando.

Os negros que já se encontravam desenraizados naquela terra morta não reconhecem um sentido histórico e cultural naquele espaço, suas referências já se perderam durante a violência instaurada no processo de colonização. A maioria dos personagens encontra-se resignada ao seu destino e só caminham para fora daquele lugar quando a destruição é eminente.

O narrador assume uma visão múltipla dentro dessa narrativa, ora captando cenas da vida dos colonos, evidenciando suas contradições e fraturas, ora aproximando-se de uma camada populacional que não encontra identidade fixa, como os sipaios e mestiços; e ora refletindo juntamente com as populações negras locais o impacto do sistema colonial e da violência em suas vidas. O fato de apresentar uma visão sobre o colono não faz com que a obra exalte, em nenhum momento, os méritos e êxitos de uma missão colonizadora, como muitas obras colonialistas tinham por intenção reproduzir - como o próprio livro mencionado no final de *Things fall apart*. Pelo contrário, a obra de Soromenho se aproxima do escritor nigeriano por trazer à tona questões até então esmagadas por um idealismo antagônico entre colonizador e colonizado.

O espaço da terra morta se encerra em si mesmo e é, ao mesmo tempo, condicionante para os personagens da narrativa. Se aproxima de *Things fall apart* por desenhar um universo particular (a Lunda em Angola e os Ibos na Nigéria) que apresenta sua ruína diante das devastações causadas pelo colonialismo. No livro nigeriano, o mundo está vivo antes da chegada do homem branco, apesar de apresentar algumas fraturas - naturais - mas acaba por desmoronar quando o colonialismo chega e transforma os questionamentos em profundas contradições; já no romance angolano, a terra já está morta justamente por assumir todas as contradições existentes naquele sistema colonial que se ocupa dela.

Castro Soromenho desenhou nessa segunda fase de sua carreira como escritor, uma denúncia ao projeto colonial português que não apenas destruiu e tencionou as relações existentes em Angola como também era inviável e absurdo, já que o império português não tinha condições políticas e econômicas de efetivamente explorar o território⁵⁴. Justamente por seu viés de denúncia e, ao mesmo tempo, de não idealização das condições daquele espaço é que o romance angolano

⁵⁴ Depois da Conferência de Berlim (1884-1885) esta era uma condição essencial para os impérios colonialista europeus. A ocupação foi efetiva graças às variadas formas de violência, desde o armamento até o racismo.

pode ser assumido como inovador dentro do cenário das literaturas africanas e pode também assegurar o rompimento com estéticas colonizadoras.

A obra de Castro Soromenho, portanto, é uma denúncia do frágil sistema colonial português e também revela a complexa dimensão das relações coloniais existentes nesse espaço de opressão. Ao optar pela visão do colonizador não recai nas expressões literárias já existentes que desenham o retrato de um colonizador onipotente e onipresente, as falhas e contradições existentes são claramente desenhadas e criticadas na obra, o que revela um escritor engajado nas relações sociais existentes inseridas no projeto colonial português.

As reflexões comparativas entre as obras de Castro Soromenho e Chinua Achebe aqui analisadas serão pautadas por discussões centradas em aproximações e distanciamentos. Através da problematização das categorias: personagem, espaço e narrador e de uma leitura que traz o diálogo entre literatura e história, será possível analisar os objetos estéticos a partir de seus múltiplos discursos possibilitados pelas condições históricas e ideológicas.

Capítulo 3 – Aproximação e distanciamento entre as obras *Things fall apart* de Chinua Achebe e *Terra morta* de Castro Soromenho

Após a primeira leitura de *Things fall apart* foi preciso procurar e identificar outra obra que respondesse ou complementasse as questões levantadas na história contada por Chinua Achebe. Alguns outros encontros pelas literaturas africanas e o escritor Castro Soromenho, com sua obra *Terra morta* pareceu, finalmente, trazer pontos de interesse que pudessem ser problematizados em uma leitura comparativa. Os principais temas que aproximaram as duas obras foram, primeiramente, a complexidade e as contradições das relações coloniais e a perspectiva endógena pelo olhar do colonizado e do colonizador respectivamente.

As duas obras literárias apresentam essa visão não idealizada sobre suas próprias estruturas internas. Em *Things fall apart* o povo Ibo é mostrado, desde seu primeiro momento, como uma sociedade viva e cheia de fraturas, que organiza e reavalia suas tradições e as transforma na medida do tempo e das necessidades. Apresenta um protagonista que não será o responsável pela salvação de seu povo e que carrega em si muitas contradições. A sociedade tem de, constantemente, lidar com suas fissuras e problemas, mas o colonialismo abala gravemente as bases estruturais desse povo e consegue fazer com que o mundo desmorone.

Em *Terra morta* o retrato do colonizado é apresentado pela primeira vez a partir de suas contradições e fraquezas e, portanto, de um ponto de vista não idealizado. O sistema colonial português é denunciado por sua dificuldade em gerir o espaço da Lunda, deixando todos, colonos e colonizados, sujeitos às mais variadas condições. Também revela a quebra profunda de estruturas que o colonialismo causou às populações locais e também apresenta um personagem contraditório entre suas ações e pensamentos.

Em ambos os casos, os escritores expuseram as contradições do discurso colonial ao revelarem vozes que sempre foram silenciadas pelo discurso oficial. Desse modo, a temática dos romances coloca em evidência sistemas coloniais distintos e espaços diversos que dialogam através do questionamento interno e da crítica ao colonialismo. A partir dessa consciência histórica, as duas obras problematizam espaços e personagens e apresentam um narrador que se posiciona politicamente.

Alguns pontos de divergência entre os romances, no entanto, provocam novas reflexões e demandam algumas ponderações a respeito. O tempo histórico em que foram produzidas - uma em

1949, por Castro Soromenho, e outra em 1960, por Chinua Achebe –, apresenta pouco mais de uma década de distância, o que representa contextos sociais e políticos historicamente diversos não apenas nos países, Angola e Nigéria, mas em todo o mundo. Não é possível determinar se os escritores conheceram as obras um do outro⁵⁵ ou até se suas literaturas dialogaram em suas circunstâncias de produção. O fato é que o escritor nigeriano obteve maior repercussão de sua obra, mesmo que publicada posteriormente, em relação ao escritor angolano e, por isso, acaba sendo um livro pioneiro para aqueles que se dedicam às literaturas africanas. Esse, inclusive, foi o percurso realizado para esta discussão.

Apesar de ser posterior, Chinua Achebe volta-se a um passado da Nigéria um pouco mais longínquo: ao tempo da geração de seu avô, quando os colonizadores britânicos chegaram às terras Ibo; enquanto Castro Soromenho relata um tempo consoante ou, de certa forma, mais próximo ao seu próprio tempo de escrita, quando a colonização portuguesa já estava instaurada. Sendo assim, na história da colonização, é possível estabelecer uma sequência lógica entre os dois romances que não corresponde, necessariamente, à sucessão cronológica.

Mais significativo que realizar uma comparação entre os períodos retratados e cada etapa da colonização, parece ser precisar as diferenças de colonização descritas e contextualizadas: a britânica e a portuguesa. Desde políticas de assimilação e habitação até o racismo, religião e escolarização, as formas administrativas adotadas por cada país são consideravelmente diferentes e culminarão em situações também muito diversas entre suas antigas colônias atualmente. Acertadamente, o poder econômico, bélico e político das potências europeias no século XX determinou de maneira evidente a configuração de cada política de colonização.

Até mesmo dentro de cada território colonizado, Grã-Bretanha e Portugal assumiam posturas distintas. Tanto o território do povo Ibo como a região da Lunda correspondem ao interior do que se configurou como Nigéria e Angola e a colonização chegou e afetou tais locais de maneira diferente do contato colonial estabelecido com o litoral, por exemplo. Nesse ponto, é importante ressaltar também uma diferenciação essencial: os Ibos são um povo e a Lunda é uma região, categorias diferentes que determinam também cuidados na comparação e, sobretudo, correspondem a um cosmos único e específico de cada país.

⁵⁵ Em toda a pesquisa bibliográfica desta dissertação, dedicada à vida e obra de cada um dos escritores, nenhuma referência a esse aspecto foi encontrada.

Outro ponto relevante para o movimento de aproximação e distanciamento das obras analisadas é o lugar enunciativo e político de cada escritor, que apesar de diferentes, podem dialogar entre si. Ambos pertencem a uma elite intelectual de cada país e tem acesso à língua do colonizador, ao público leitor e a outros escritores. Chinua Achebe, negro, é Ibo e, portanto, escreve a partir de uma perspectiva efetivamente endógena; Castro Soromenho, branco, não encontra uma correspondência para sua própria nacionalidade enquanto identidade (como já discutido anteriormente) e, apesar de ter vivido na Lunda, não pertence às populações locais. No entanto, ambos se posicionam como contestadores do discurso oficial, denunciando o colonialismo a partir de suas experiências históricas individuais.

A partir desse posicionamento político e histórico, os escritores organizaram sistematicamente, em seus romances, narradores, personagens e espaços que também se aproximam como categorias literárias entre si por apresentarem características unissonantes. Há um entendimento dialético entre a forma e o conteúdo literário para essa comparação que são observados a partir da crítica marxista no constante diálogo entre aproximação e distanciamento.

Entender a literatura como manifestação estética e artística vinculada ao materialismo histórico é compreender a literatura em termos das condições históricas que a produzem; e, ao mesmo tempo, estar ciente das próprias condições históricas da crítica literária (EAGLETON, 2011, p. 08).

A discussão sobre literatura e sobre as obras aqui analisadas, portanto, não recai da redução de obras literárias como uma função documental, um registro de uma dada época e sociedade; pelo contrário, a crítica marxista vê a literatura e os estudos sobre ela em perspectiva com as condições históricas sobre ela e de que forma ela incorpora, modifica, transcende ou sobrepõe a ideologia, são valores que apenas a literatura, como objeto estético e social, pode oferecer à sociedade.

A crítica marxista não é meramente uma “sociologia da literatura”, dedicada à maneira como os romances são publicados e como eles mencionam (ou não) a classe trabalhadora. Seu objetivo é explicar a obra literária de forma mais plena; e isso significa uma atenção sensível às suas formas, estilos e significados. Mas isso também significa compreender essas formas, estilos e significados como produtos de uma História específica. (EAGLETON, 2011, p. 02)

De acordo com Terry Eagleton, portanto, a crítica marxista não é meramente uma “sociologia da literatura” - tampouco é sobre o engajamento (ou não) de seus autores, o que implica

uma busca pela “arte revolucionária” e uma limitação do caráter propriamente político -, mas ela necessita refletir sobre tais valores para compor uma análise que compreenda as condições históricas e a relação entre a arte e a ideologia.

A partir dessas formulações teóricas é possível organizar questionamentos acerca das relações entre estrutura estética e posicionamentos ideológicos das obras e seus autores. De que forma as fraturas sociais e identitárias do colonialismo são apresentadas e quais suas implicações para as categorias narrativas presentes em cada texto? As proximidades e os distanciamentos entre *Things fall apart* e *Terra morta* podem possibilitar algumas discussões e respostas significativas a esse respeito.

3.1 Políticas do distanciamento: os Ibos e a Lunda e a colonização da Nigéria e de Angola em perspectivas literárias

Ao estudar as literaturas africanas pelo viés do materialismo histórico, é necessário refletir sobre a relação entre o capitalismo e colonialismo. O colonialismo fez parte do programa capitalista, pois, para assegurar os avanços econômicos das potências europeias, era necessário expandir os mercados produtores e consumidores, principalmente após as crises dos países europeus no final do século XIX. O colonialismo torna-se, assim, uma das maneiras mais eficaz de garantir o desenvolvimento econômico, social e político do sistema capitalista.

Após os primeiros contatos intencionalmente “civilizatórios” de missionários e exploradores europeus durante o século XIX pelo continente africano, o imperialismo começa a ganhar forma, principalmente após a Conferência de Berlim que, assinada em 1885, era uma forma de legitimar a conquista do continente africano (HERNANDEZ, 2008). Ao associar o colonialismo dos séculos XIX e XX ao capitalismo, é necessário considerar que seu desenvolvimento se deu pela base do imperialismo.

O imperialismo do final do século XIX foi indubitavelmente “novo”. Foi produto de uma era de concorrência entre economias industrial-capitalistas rivais, fato novo e intensificado pela pressão em favor da obtenção e da preservação de mercados num período de incerteza econômica; em suma, foi uma era em que “tarifas alfandegárias e expansão tornam-se a reivindicação comum às classes dirigentes”. Foi parte de um processo de abandono de um capitalismo de políticas públicas e privadas de *laissez-faire*, o que também era novo, e implicou o

surgimento de grandes sociedades anônimas e oligopólios, bem como a crescente intervenção do Estado nos assuntos econômicos (HOBSBAWN, 1988, p. 69)

O próprio termo “novo imperialismo” analisado por Eric Hobsbawn tem raízes econômicas, políticas e ideológicas próprias: “Neste sentido, o “novo imperialismo” foi o subproduto natural de uma economia internacional baseada na rivalidade entre várias economias industriais concorrentes, intensificada pela pressão econômica dos anos 1880” (HOBSBAWN, 1988, p. 65). Para o historiador, a experiência histórica demonstra que o maior intuito do “novo imperialismo” era criar um complexo mercado e atrair e atingir as massas com a “missão civilizatória”

Para ADEODATO (1989), no pensamento de Hannah Arendt é possível identificar o imperialismo colonial do continente africano a partir de alguns traços fundamentais: o expansionismo, a burocracia colonial e o racismo. Sobre este último, é importante salientar que fundamenta todas as práticas políticas e sociais do período, legitimando a desigualdade e a hierarquia através da violência. Muito acerca do imperialismo, portanto, determina de que modo a estrutura econômica se projeta nas relações sociais de forma violenta e desigual e condiciona o desmoronamento das culturas africanas.

Esse fator também é discutido na obra de Frantz Fanon, que define o racismo como uma consequência de determinada dominação socioeconômica somada aos mecanismos psicológicos que reforçam e são reforçados no colonialismo. É impossível, portanto, levantar questões sobre o colonialismo que não percorram as violências condicionantes desse sistema, o racismo apresenta-se de modo diferente em cada sistema colonial, mas é catastrófico em todas as suas condições e repercussões.

Desta maneira, apesar de diferenças substanciais entre os sistemas coloniais britânicos e portugueses, que se baseiam em estruturas de poder distintas e políticas de diferenciação e assimilação respectivamente; o imperialismo colonial que atingiu o continente africano foi amplamente violento e trágico. As inúmeras formas de resistência oferecidas contra os países europeus não foram suficientemente eficazes para barrar o devastador processo de modificação das estruturas econômicas, políticas e sociais africanas.

É relevante pensar, diante deste panorama sobre o colonialismo, nas diferenciações existentes não apenas entre as nações que impuseram o imperialismo no continente, mas também em cada território de maneira individualizada. As estratégias de exploração e ocupação são decisivas para as configurações do colonialismo em cada região específica. A modificação de cada

microssistema pelo colonialismo é também o que acaba por determinar as estratégias de renovação e reorganização, inclusive na organização e participação de novas classes sociais. *Things fall apart* e *Terra morta*, portanto, não podem representar⁵⁶ todas as condições coloniais e existenciais já existentes em África, pois estão aderidos a duas perspectivas microcósmicas diferentes entre si.

Os Ibos de Chinua Achebe e a região da Lunda representada por Castro Soromenho correspondem a universos restritos diante da dimensão do continente e também díspares entre si. As diferenças entre os dois torna-se evidente quando comparamos, por exemplo, os conceitos de tradição, tempo e poder compreendidos nas obras literárias. Enquanto para os Ibos, uma sociedade não monárquica, é possível que um indivíduo consiga chegar a cargos de poder independentemente de seus familiares; para os antigos habitantes do reino Lunda, o poder é baseado no sistema de “parentesco perpétuo”, negando a passagem do tempo e garantindo ao sucessor todos os encargos, nome e familiares de seu predecessor⁵⁷.

Os Ibos ainda se constituem na Nigéria um povo numeroso e com influências civis e políticas; já os povos da região da Lunda foram ou dizimados em guerras do período colonial ou evadiram-se de suas terras e distanciaram-se seus costumes. Angola passou por um processo de libertação tardio de Portugal com intensas batalhas e conflitos internos pós-independência – sobretudo entre o MPLA e a UNITA - que duraram mais de vinte anos. A Nigéria teve uma independência acordada com a Grã-Bretanha e tem que, constantemente, lidar com os embates e entraves gerados pelas principais etnias que habitam seu território: Ibos, Hauças e Iorubás são dominantes e conflitantes na organização do país. Ambas as nações apresentam um IDH considerado baixo e possuem vastos recursos naturais como o petróleo, o que aumenta as taxas de crescimento econômico, as desigualdades e disputas pelo poder.

As principais obras literárias africanas produzidas nesses países são fruto de uma classe social intelectualizada e socialmente privilegiada. Enquanto Chinua Achebe contrapõe o discurso colonial ao apresentar sua sociedade na condição de colonizada, Castro Soromenho denuncia o próprio colono e suas contradições. Apesar de corresponderem a sistemas distintos e selecionarem olhares diferentes, essas visões se complementam e se dialogam como denunciadoras do colonialismo no interior de suas próprias contradições e como discursos da resistência. Portanto,

⁵⁶ Não no sentido da obra literária como mera representação da realidade, como já discutido anteriormente.

⁵⁷ Referências a esses aspectos foram levantados nos capítulos anteriores.

as representações apresentadas na tessitura literária são completamente restritas e não universais, mas são necessárias para compor o mosaico histórico e problematizar o discurso oficial.

3.2 - A aproximação através das categorias narrativas: problematização de espaços e personagens

Ao aproximar as duas obras através das categorias narrativas de espaço e personagem, é importante ressaltar que aqui não são encaradas como estruturas formais descoladas do entendimento das obras analisado até então. Pelo contrário, a construção dos personagens e dos espaços estão em relação constante de interdependência na significação da obra literária e podem assumir funções determinantes para a apreensão dos romances. No diálogo comparativo entre *Things fall apart* e *Terra morta* há aproximações pertinentes entre essas categorias narrativas que compõem a experiência estética e histórica das obras em questão.

O espaço das narrativas vai além das condições histórico-sociais das regiões Ibo e Lunda, apesar de não necessariamente corresponder a um ambiente real, somam-se à construção desse espaço romanesco uma apreensão da realidade que se compõe também da percepção do narrador e da vivência dos personagens que se organizam nesse meio em constantes trocas simbólicas, físicas e sociais.

No caso das duas obras aqui analisadas o espaço não é elaborado a partir de descrições objetivas e perspectivas, mas sim organiza-se como um dos próprios personagens, agindo sobre eles, respondendo às suas demandas e também representando os sentimentos e ações vividas. Percebemos a atmosfera do romance através da movimentação realizada no espaço sobre a qual o narrador orienta o percurso cênico.

Nas duas obras a temática do espaço aparece desde o título; o espaço estará sempre em sintonia com os personagens, dividindo com eles a história do colonialismo. Em *Things fall apart* o mundo⁵⁸ é o próprio espaço Ibo, uma organização que se sustenta a partir de sua própria lógica de funcionamento, mas que começa a se desintegrar quando o colonialismo chega à região. Seus personagens, sobretudo Okonkwo, sofrem a mesma alteração brusca que o espaço registra durante

⁵⁸ Entende-se, por esse aspecto, a escolha da tradutora em optar por traduzir *things* do inglês para a palavra mundo em português.

a narrativa e ambos não resistem. O mundo Ibo, como conhecido, desmorona, deixando retalhos de sua sociedade para que outras gerações configurem um novo espaço.

Em *Terra morta* o espaço inicia-se desintegrado, pois o colonialismo já está presente; entre um cemitério e uma prisão – espaços que sugerem reclusão da vida e morte – a terra Lunda reflete as ações de seus personagens: fadados ao fracasso, condicionados a precariedade de condições e usurpados de vida. Ao final do romance, a própria Lunda é rebaixada e deixa de ser a sede da circunscrição, a maioria dos personagens deixa o local, seja pela evasão ou pela morte, e o ambiente torna-se ainda mais inóspito.

É interessante notar que nas duas obras a metáfora da localidade que representa um universo assume várias significações. Ao mesmo tempo que configuram o microcosmo dos Ibos e da região da Lunda, o espaço também remete ao colonialismo que alterou as condições sociais e econômicas do mundo inteiro e mudou o curso da história de todas as populações envolvidas. A desintegração do espaço e sua posterior anulação são consequências das políticas coloniais, ele acaba sofrendo as mazelas do sistema capitalista/colonialista da mesma forma que as personagens.

O espaço, portanto, aproxima-se da categoria de personagem, passa de uma função estritamente cênica para compor o enredo de maneira determinante. Por essa característica, se aproxima do movimento naturalista que teve como maior representante brasileiro o escritor Aluísio de Azevedo. Em Antonio Candido (1976) vemos como essa propriedade do espaço é necessária para fundamentar o pensamento de que o meio exerce impacto aos homens e também para a personificação do espaço.

Nas obras africanas, no entanto, como o espaço está em ritmo de degradação ou já está ‘morto’ ele não exerce uma força opressora sobre as personagens, mas sim acompanha o percurso narrativo e ajuda a construir a ambientação de opressão que é causada pelo colonialismo. O espaço é tão importante para os romances que ele se transforma na mesma proporção que as personagens e que as mudanças sofridas por eles e pela lógica de funcionamento da sociedade.

No romance *Things fall apart*, a caracterização do espaço está sempre acompanhando a trajetória de Okonkwo, que se inicia com muito prestígio mas acaba em aniquilamento. Os trechos a seguir ajudam a ilustrar esse movimento:

Okonkwo's prosperity was visible in his household. He had a large compound enclosed by a thick wall of red earth. His own hut, or *obi*, stood immediately

behind the only gate in the red walls. Each of his three wives had her own hut, which together formed a half moon behind the *obi*. (ACHEBE, 2010, p. 12)⁵⁹

The night was impenetrably dark. The moon had been rising later and later every night until now it was seen only at dawn. And whenever the moon forsook evening and rose at cock-crow the nights were as black as charcoal. (Idem, p. 67)⁶⁰

Umuofia had indeed changed during the seven years Okonkwo had been in exile. The church had come and led many astray.

(...)

But apart from the church, the white men had also brought a government. They had built a court where the District Commissioner judged cases in ignorance.

(...)

(Ibidem, p. 122-123)⁶¹

Os excertos representam de que forma o espaço assistia a trajetória de Okonkwo, desde sua prosperidade, passando por momentos difíceis e de incertezas até a chegada e o estabelecimento dos homens brancos. A metáfora da noite pode sugerir uma atmosfera sombria, e é justamente destacada por trazer a dicotomia entre o dia e a noite, entre o claro e o escuro. Após a chegada dos missionários, a vida de Okonkwo não segue mais o mesmo ritmo e caminha para sua derrocada.

Okonkwo's compound was like a deserted homestead. It was as if cold water had been poured on it. His family was all there, but everyone spoke in whispers. (Ibidem, p. 138)⁶²

The courthouse, like the church, was built a little way outside the village. The footpath that linked them was a very busy one because it also led to the stream, beyond the court. It was open and sandy. (Ibidem, p. 139)⁶³

⁵⁹ A prosperidade de Okonkwo era visível em seu lar. Possuía um amplo *compound*, com várias habitações rodeadas por um grosso muro de terra vermelha. Sua própria casa, ou *obi*, erguia-se imediatamente atrás da única porta existente no muro vermelho. Cada uma de suas três esposas tinha uma morada própria e o seu conjunto formava uma espécie de meia-lua por detrás do *obi*. (ACHEBE, 1983, p. 22)

⁶⁰ A escuridão era impenetrável. A lua surgia cada noite mais tarde e já agora, só era vista de madrugada. E quando a lua abandonava a noite, aparecendo no céu ao cantar do galo, tudo era escuro como o carvão. (idem, p. 91)

⁶¹ Na verdade, Umuófia mudara muito durante os sete anos do exílio de Okonkwo. Surgira a Igreja, desencaminhando muita gente.

[...]

Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinham construído um tribunal, onde o Comissário fazia de juiz. Tinha guardas sob suas ordens, que lhe levavam os indivíduos a serem julgados.

[...]

(ibidem, p. 155-156)

⁶² O *coumpound* de Okonkwo parecia uma roça abandonada. Era como se alguém tivesse despejado água fria por cima de tudo. A família estava toda lá, mas falava aos cochichos. (ibidem, p. 178)

⁶³ O tribunal, tal como a igreja, for a construído a uma pequena distância dos limites da aldeia. O caminho que unia um edifício ao outro era muito percorrido, porque levava também ao córrego, que ficava pouco adiante do tribunal. Era um caminho largo e arenoso. (ibidem, p. 179)

There was a small bush behind Okonkwo's compound. The only opening into this bush from the compound was a little round hole in the red-earth wall through which fowls went in and out in their endless search for food. The hole would not let a man through. (Ibidem, p. 144)⁶⁴

O *compound* de Okonkwo já não parece um lar, tampouco reflete a posição de guerreiro que outrora ele teve em seu clã. Tudo ao redor do protagonista desmorona aos poucos, a cada avanço dos missionários e colonizadores, até mesmo o local que ele escolhe para tirar a própria vida é um local pequeno e de difícil acesso, o que pode configurar o reducionismo do espaço que restou a ele e ao povo Ibo após a entrada do homem branco.

O romance, portanto, evidencia a relevância do espaço para a narrativa de Okonkwo, mas também assume a dimensão de representatividade, de um universo que funcionava a partir de uma lógica própria, mas que sofre, com a chegada do colonialismo, uma alteração significativa, que acaba por desmoronar o mundo até então existente para os Ibos.

Já no romance angolano, em alguns trechos, como os reproduzidos a seguir, podemos observar de que forma o espaço é retratado no romance *Terra morta*:

A terra estava morta. Os negros das senzalas vinham uma vez por outra à vila vender cera e produtos pobres e levavam sal e um pedaço de pano para as mulheres taparem o sexo. Os homens voltaram a usar peles e panos feitos de casca de árvore. (SOROMENHO, 1979 p. 46)

Longe, fora da vila, planície em fora, os negros contratados levantaram o seu canto triste ao céu sem sol, as primeiras sombras da noite a descenderem sobre Camaxilo e as fogueiras das senzalas a abrirem-se em labaredas (idem, p. 87)

Do antigo carreiro que dera acesso ao cemitério, já nem sinais existiam. Há mais de três anos que ninguém por ali passava, desde o enterro do mulato Ambrósio, [...].

Para lá do capinzal que se levantava acima de um homem, no alto da povoação e a seguir à senzala dos sipaios, só havia o cemitério e o silêncio do cemitério, sem coveiro nem guarda” (ibidem, p. 97)

Observamos, por exemplo, que todas as qualificações remetem a um campo semântico de abatimento: “triste”, “sem sol” e “sombras da noite” ajudam a compor essa atmosfera; nesse espaço

⁶⁴ Havia um pequeno matagal por detrás do *compound* de Okonkwo. A única abertura para esse matagal, de dentro do *compound*, era um pequeno buraco redondo no muro de barro vermelho, através do qual as galinhas entravam e saíam em sua incessante busca por alimento. O buraco não era suficientemente grande para dar passagem a um homem. (ibidem, p. 187)

os negros quase não têm voz e se expressam sob um canto triste. A terra já estava morta, e podemos perceber pelas inclusive as trocas comerciais eram escassas com atividades pouco lucrativas, os negros quase não tinham o que vestir. O cemitério que cercava a vila era um ambiente tão inóspito que poucas pessoas passavam perto, não havia guarda ou coveiro, nenhum tipo de vida se aproximava daquele lugar. Todas as descrições acompanham o movimento da narrativa, de denúncia de um sistema colonial com diversas crises e fraturas, que levam ao seu próprio fracasso e subjugam as populações.

Na descrição da casa de José Américo encontramos o mesmo clima desacolhedor de todo o restante da vila. Por ser um homem em constantes dilemas, que justamente questionavam o sentido de viver naquele local, na sua casa ele também não sentia um lar e muitas noites o clima lúgubre não o deixava dormir.

[...] Quando se calou, por um momento, fez por escutar os rumores da casa adormecida. Eram corridinhas de ratos nas esteiras do tecto e chão de barro batido dos três quartos seguidos que formavam a casa; o salalé a roer a madeira velha das vigas, portas e móveis toscos; o zumbido de um mosquito e uma borboleta tonta e cega a bater nas vidraças da janela que dava para as bandas da Administração, por onde entrava um luar tardio. (Ibidem, p. 127)

No capítulo dez há a descrição da natureza daquela região, o narrador utiliza as expressões: “mancha negra”, “lodos verdes e negros”, “a noite se fechava, negra e triste”, “pesado de nuvens negras”, “as terras negras” e “nas noites negras e quentes” em observância a tudo que ajudava a trazer um clima sombrio ao texto. Justamente o capítulo que trata das relações comerciais entre brancos e negros e o quanto estes eram desfavorecidos e viviam em situação precária vai trazer a oposição entre branco e negro como qualificações boas e ruins respectivamente. A problematização dessa dicotomia, que ajuda a sustentar a cultura do racismo, é feita através do percurso narrativo, na denúncia do sistema colonial, mas não é trazida à tona abertamente pelo narrador, talvez pelo fato do próprio contexto histórico da época.

O fim de Camaxilo é a confirmação de sua ruína, a sede da Circunscrição muda para Caungula e pouca vida resta no lugar: “Francisca olhou mais uma vez para a vila, um ponto branco no verde sombrio da mata, e já não distinguiu a cadeia onde estava o filho, nem a estrada para o cemitério. Tudo começava a ficar longe” (ibidem, p. 223). Para Francisca, Camaxilo não tinha mais sentido, sua família estava condicionada à prisão ou ao cemitério e essa visão da personagem evidencia a percepção do quanto aquele espaço estava diminuto.

A terra, no entanto, já estava em agonia há algum tempo; da mesma forma que o colonialismo anuncia a tragédia para as populações, também agoniza a própria terra. Logo após o auge da extração da borracha, aquele espaço já perdeu toda sua validade e vitalidade.

Depois, os brancos começaram a abandonar a vila, porque já não valia a pena comprar borracha. As casas foram caindo, o cupim entrou nas ruas e nasceram ervas nos quintais e sobre as ruínas.

Foi nesse tempo que José Aparício se enforcou na sua loja e o mulato Jesus enlouqueceu, desaparecendo dias depois no rio, durante a cheia.

Quando os brancos fardados, primeiro os militares e muito mais tarde os administrativos, chegaram à vila, já a terra estava morta. [...] (Ibidem, p. 226)

Nos dois romances, portanto, há uma relação intrínseca, natural e de dependência mútua entre espaço e personagens. Enquanto os espaços são construídos de maneira similar à trajetória colonial vivida pelos personagens, estes são trabalhados em suas características humanizadas e complexas. Para este estudo, analisaremos aqui a relação de proximidade entre Okonkwo de *Things fall apart* e dois personagens de *Terra morta*: Joaquim Américo e o soba Xá-Mucuari.

Para Antonio Candido (1976), a personagem dos romances é resultado de uma criação fictícia acabada em si mesma; mesmo que o leitor encontre nela traços de verossimilhança, a personagem sempre será delimitada estruturalmente, mas o envolvimento e a ligação com cada personagem pode trazer a compreensão de complexidade:

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo. (CANDIDO, 1976, p. 58-59)

Dentre os muitos personagens participantes das duas obras, os protagonistas Okonkwo, no romance nigeriano, e Joaquim Américo, no romance angolano, são retratados de maneira mais complexa e são acompanhados de perto pelo narrador. Ambos são personagens completamente humanizados, que carregam contradições e problematizações internas e externas e também não são responsáveis por evitar as tragédias em seus territórios.

Okonkwo é um grande representante do povo Ibo, guerreiro e pai de família, conseguiu conquistar valores que são muito apreciados pela sua sociedade. Mas o narrador também nos mostra os principais defeitos e dificuldades desse personagem, evidenciando assim a característica contraditória de sua humanidade.

Okonkwo was well known throughout the nine villages and even beyond. His fame rested on solid personal achievements. As a young man of eighteen, he had brought honor to his village by throwing Amalinze the Cat. (ACHEBE, 2010, p. 5)⁶⁵

Okonkwo ruled his household with a heavy hand. His wives, especially the youngest, lived in perpetual fear of his fiery temper, and so did his little children. Perhaps down in his heart Okonkwo was not a cruel man. But his whole life was dominated by fear, the fear of failure and of weakness. (Idem, p. 11)⁶⁶

Justamente por seu temperamento violento e covarde ao mesmo tempo, Okonkwo comete um crime feminino que acarreta em seu exílio. O tempo que passa longe de seu clã é decisivo para o estabelecimento dos missionários brancos em sua terra, e ele, nada pode fazer a respeito. Quando retorna não consegue encontrar seu lugar e tampouco resolver os conflitos resultantes da violência e do choque cultural de civilizações.

Joaquim Américo, por sua vez, também se apresenta como um personagem contraditório, ele passa toda a narrativa em constantes questionamentos sobre suas responsabilidades como colono e suas certezas ideológicas e sociais:

Esses três anos de ausência tornaram doentia sua saudade pelo Brasil. Não se adaptava 1ª vida colonial e era considerado mau funcionário, sem pulso para os negros. (SOROMENHO, 1978, p. 27)

⁶⁵ Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra à sua aldeia, ao vencer Amalinze, o Gato. (ACHEBE, 1978, p. 12)

⁶⁶ Okonkwo governava a família com mão pesada. Suas esposas, principalmente as mais moças, viviam em permanente temor de seu temperamento violento, assim como os filhos menores. Talvez, no fundo do coração, Okonkwo não fosse um homem cruel. Mas toda a sua vida era dominada pelo medo, o medo do fracasso e da fraqueza. (Idem, p. 21)

A vida de Joaquim Américo decorria monótona e tediosa. Fazia por não pensar em nada; mas pesava-lhe a inutilidade da sua própria vida. <Enterrado vido...> lastimava-se a si mesmo.

[...]

Nos últimos tempos mal suportava ouvir os colegas, os nervos crispavam-lhe e tinha de fazer grande esforço para se dominar. Nesses momentos, tinha vontade de fugir, de aparecer de repente no meio de uma multidão que falasse a sua linguagem, que tivesse os seus gestos, que caminhasse os seus passos perdidos... [...] Mas não se decidia a romper com aquela vida que já ia para quatro anos, sem ter juntado o dinheiro suficiente para abandonar a África.

(Idem, p. 170-171)

- Eu não os defendo por serem negros, porque para mim a cor e a raça não contam, mas sim como homens que são tratados como animais, como bestas, nada mais. (Ibidem, p. 244)

Por pensar diferente dos demais colonos da vila de Camaxilo, o leitor poderia esperar que Joaquim Américo atuasse de forma mais rigorosa diante da realidade colonial, mas, por fim, após vários desentendimentos ele acaba por abandonar Camaxilo antes mesmo que a vila fosse consumida pelo fogo que João Calado ateou. Novamente, suas contradições pessoais não são suficientemente expressivas para evitar a ruína daquele espaço.

Ambos os personagens evidenciam a humanidade por intermédio de suas falhas, defeitos e contradições e, apesar de se aproximarem da categoria do herói moderno - que assume sua humanidade e se aproxima do leitor - não são consagrados pelo seu povo ou seus representantes (KOTHE, 1987). Talvez, por se anularem diante da violência colonial, resta-lhes pouca admiração por parte de seus iguais; são, portanto, resultado da própria política colonial, repleta de contradições, e representam justamente os sujeitos: colonizado e colonizador, que estão no cerne desse sistema.

Já os personagens Okonkwo e Xá-Mucuari se aproximam pela mesma condição de colonizados e pelo fim trágico de ambos ao cometeram suicídio por enforcamento após assassinares um homem branco. O temor de ambos após a violência também foi o mesmo: sofrer represálias e perderem ainda mais dignidade diante de seu povo já humilhado. Assim como Okonkwo, Xá-Mucuari perdeu sua credibilidade, espaço e liderança diante de seu povo após a chegada dos colonos portugueses na região da Lunda.

Abandonado e só. Xá-Mucuari voltou às suas terras muito tempo após os soldados se terem ido embora e os brancos que vieram depois para cobrar os impostos não

quererem saber das coisas antigas, perdando a todos os sobas que viessem pagar o tributo. (SOROMENHO, 1979, p. 57)

Perto do rio, numa pequena clareira, chão de santuário com manipaços de olhos arregalados e pequenos fetiches dentro de cabaças e panelas de barro negro, viram o Xá-Mucuari pendurado pelo pescoço numa árvore.

[...]

O mais velho dos três velhos que estiveram naquele dia no alpendre com o soba, arrastou um grande tambor para o meio do terreiro e começou a tocar, avisando os povos vizinhos que tinha morrido o soba Xá-Mucuari, o último grande chefe das terras de Camaxilo. (Idem, p. 148)

Já nada detinha o povo que olvidara a tradição de respeito aos velhos e o temor às leis da tribo. O seu passado estava morto com o soba morto. Xá-Mucuari, ao dar-se à morte para não sofrer afrontas dos brancos, libertara o povo de um passado que ele próprio não pudera manter em prestígio. (Ibidem, p. 154)

A morte de Xá-Mucuari, assim como a de Okonkwo, podem representar a morte de toda a sociedade por eles simbolizada, pois, com eles também se dissipam muitas tradições, histórias e significações para as populações restantes. O fato do suicídio de ambos ter sido por enforcamento em uma árvore também pode servir como alegoria de um silenciamento dos povos que são oprimidos pelo colonialismo, é a resposta única e trágica diante da violência agônica do sistema colonial.

Assim sendo, os principais personagens dos romances dialogam em diversos sentidos, mesmo que uma obra apresente um contexto histórico diversa da outra, as consequências do colonialismo para a humanidade são percebidas através dos personagens, que revelam não apenas sua humanidade, mas, sobretudo, a complexidade dos sujeitos envolvidos no sistema e na violência colonial.

3.3 Comprometimento político e histórico: narrador e autor implícito

Para Wayne Booth, a dicotomia entre autor e narrador deve ser encarada de forma mais complexa. Há, entre os dois o “autor implícito” uma espécie de *alter* ego do autor que se manifesta em toda a tessitura literária, não apenas em comentários ou na visão de um personagem, mas sim em cada escolha de palavras, em juízos de valor e discursos diretos e indiretos. O autor implícito não é uma escolha do autor, ele sempre está presente nos objetos literários produzidos por ele em

forma de discurso ideológico, a escolha passa apenas pelo crivo da consciência e da reprodução da ideologia veiculada.

O narrador, portanto, é parte da criação estética literária do autor (assim como os personagens e o espaço). Uma concepção que depende do contexto histórico de produção e do lugar enunciativo do autor; tais particularidades revelam diferentes autores implícitos para cada obra literária: “Enquanto escreve, o autor não cria, simplesmente, um “homem em geral” impessoal, ideal, mas sim uma versão implícita de “si próprio”, que é diferente dos autores implícitos que encontramos nas obras de outros homens” (BOOTH, 1980, p. 88).

O romancista, no entanto, não é necessariamente partidário, como Eagleton (2011) descreve⁶⁷, justamente porque suas apreensões de mundo acontecem de modo subjetivo através do autor-implícito e não se confundem com o autor-homem, que pode, sim, ser partidário. Esse partidarismo desenvolvido pela crítica marxista está ligado, em certo ponto, ao problema de como as literaturas se relacionam com o mundo real, a ideia de que a literatura reflete a sociedade não é adequada, pois sugere uma relação passiva e mecanicista. Pelo contrário, a literatura faz parte da superestrutura, mas está em constante relação com ela; muitas literaturas, inclusive, transcendem os pressupostos ideológicos de sua época.

Como para as obras *Things fall apart* e *Terra morta* as questões históricas são fatores fundamentais de compreensão, o conceito boothiano sobre narrador e autor-implícito parece ser essencial para analisarmos a voz narrativa presente nos romances. Portanto, além de uma análise da obra literária, é importante ressaltar e problematizar aspectos concernentes ao contexto histórico de produção e também ao lugar enunciativo e político dos escritores Chinua Achebe e Castro Soromenho.

O narrador de *Things fall apart* parece, muitas vezes, conhecer de perto o interior da sociedade Ibo e viver, ao lado dos personagens, aquele momento histórico. Sempre acompanhando a trajetória de Okonkwo, o narrador parece pressupor um leitor que não conhece intimamente aquele universo, pois muitas vezes explica cada movimento, situação ou manifestação cultural e descreve os costumes e ritos daquele povo com detalhes, como na descrição sobre o Oráculo: “The Oracle was called Agbala, and people came from far and near to consult it. They came when misfortune dogged their steps or when they had a dispute with their neighbours. They came to

⁶⁷ O autor não precisa impingir suas opiniões políticas à obra porque, se revelar as forças reais e potenciais e operação, ele já está sendo partidário. O partidarismo é, em outras palavras, inerente à própria realidade social; ele surge de um método de tratar a realidade social em vez de uma atitude subjetiva em relação a ela. (EAGLETON, 2011, p. 87)

discover what the future held for them or to consult the spirits of their departed fathers” (ACHEBE, 2010, p. 14)⁶⁸.

Por outras vezes, o narrador parece perceber as consequências que o impacto colonial promoverá naquele espaço, como se estivesse situado em um futuro em relação ao que está relatando. Em nenhum momento ele utiliza a palavra colonialismo ou qualquer outra do mesmo campo semântico, mas percebe-se um certo distanciamento e até um certo conhecimento do que se passava por ali: “New churches were established in the surrounding villages and a few schools with them. From the very beginning religion and education went hand in hand” (idem, p. 128)⁶⁹. O comentário parece vir de alguém que analisa as condições do colonialismo.

O narrador descola do personagem Okonkwo apenas quando esse comete o suicídio, mas também é o momento que a narrativa acaba, dando voz ao colonialista Sr. Smith que procura materiais para escrita de seu livro. O romance termina justamente com a sua maior crítica ao sistema: o silenciamento de toda a história dos Ibos que aconteceu até aquele momento. Ao narrador cabia tentar reparar, de alguma forma, os danos da história oficial, dando voz aos colonizados daquela região.

O romance *Terra morta* também apresenta o mesmo movimento do narrador, de aproximação e distanciamento em relação à situação narrada. Porém, na obra de Castro Soromenho, o colonialismo já está instaurado e pode ser nomeado, inclusive com seus sujeitos: os colonos e os negros. Em alguns momentos, o narrador parece conhecer muito a história da região, desde um tempo anterior àquele retratado na narrativa.

Quando os brancos fardados, primeiro os militares e muito mais tarde os administrativos, chegaram à vila, já a terra estava morta. Mas ainda se contavam histórias de brigas e de sangue, de roubos e casas saqueadas, de morte de homem e de meninas desfloradas, tudo passado entre brancos e mulatos. Os negros viviam afastados, nas suas aldeias, onde os comerciantes iam pagar o imposto dos sobas. (SOROMENHO, 1978, p. 226)

⁶⁸ O Oráculo era chamado de *Agbala*, e as pessoas vinham de longe e de perto para consulta-lo. Vinham, quando o infortúnio lhes batia à porta, ou quando tinham uma disputa com os vizinhos. Vinham para descobrir o que o futuro lhes reservava ou para consultar os espíritos de seus antepassados. (ACHEBE, 1983, p. 23)

⁶⁹ Novas igrejas estabeleceram-se nas aldeias vizinhas e, com elas, algumas escolas. Desde os primeiros tempos, a religião e a educação andaram de mãos dadas” (idem, p. 165)

Em outras passagens, o narrador distancia-se dos acontecimentos dos negros colonizados e aproxima-se dos colonos, conhecendo de perto toda a realidade por eles vivida e também suas condições, dificuldades e problemas, utilizando inclusive de recursos irônicos ao abordar a gestão da metrópole. A crítica ao programa colonial português é contundente e só poderia ter sido feita sob o olhar de alguém que investigou alguns de seus processos.

Andavam todos à porfia em apresentar trabalho adiantado, com mira no aumento de ordenado, porque a Companhia era generosa... com os empregados diligentes, gente ordeira e trabalhadora, selecionada em Lisboa, depois de copiosas informações sobre sua vida profissional e particular. Quem tivesse entrado em greves e se desse ao luxo de ter ideias políticas, não servia. E se algum, por artes do diabo, escapasse pelas malhas da informação, era certo que não aqueceria muito tempo o lugar. (SOROMENHO, 1978, p. 82)

O narrador do romance angolano se aproxima mais de Joaquim Américo, mas consegue ingressar nos pensamentos e devaneios de diversos personagens, desde o soba Xá-Mucuari, o mulato João Calado, a negra Francisca e o secretário Silva, todos representantes da sociedade múltipla e complexa que consistia na vila de Camaxilo. Por fim, o espaço acaba em chamas quando a maioria de seus habitantes já o havia abandonado.

Nas duas obras, portanto, encontramos narradores que oscilam em diferentes discursos diante dos acontecimentos retratados. Esse comportamento não é um indício de qualidade narrativa ou de empenho na construção do narrador, pelo contrário, essa é uma característica que se aproxima do conceito boothiano de autor-implícito, já que é inerente para o autor colocar seu *alter ego* entre si mesmo e o narrador. Essa oscilação notada nas obras acaba por revelar as próprias contradições existentes nos contextos históricos – tanto de produção quando das narrativas – e também o lugar enunciativo e político de seus escritores. Nenhuma obra artística passa inerte por essas propriedades, já que são produtos do ser humano e estão – como este também está – em constante relação com a superestrutura.

O contexto de produção dos romances é anterior à libertação de seus países, tanto no caso de Chinua Achebe, que escreve *Things fall apart* em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria; como no caso de Castro Soromenho, que escreve *Terra morta* em 1949, quase trinta anos antes da libertação de Angola. Portanto, para cada contexto, a preocupação com a temática do colonialismo é contundente, pois era necessário apresentar uma visão oposta à forjada pelo discurso oficial da história, que tratava as populações do continente africano como estereotipadas,

subalternas e submissas. O novo cenário de libertação, que se iniciou por volta de 1950, reivindicavam uma transformação de interesses literários, por um ponto de vista da África sob o olhar dos africanos. Chinua Achebe inicia sua escrita nesse período e Castro Soromenho reinventa seu projeto literário na ocasião de tais transformações.

No caso de Chinua Achebe, algumas obras - como *Heart of darkness*, anteriormente problematizada no primeiro capítulo - que eram lidas nas escolas nigerianas, serviram também como pressupostos para a construção de seu projeto literário, que abarca toda a Trilogia Africana. Os textos literários veiculados até então compunham uma imagem dos africanos que passava apenas pelo crivo do imperialismo britânico, para o escritor, era necessário reavaliar a história e compor novas memórias que representassem seu povo.

Na Nigéria, o fato da independência ter sido resultado de acordos entre britânicos e populações nigerianas, o impacto da produção literária de Chinua Achebe e outros intelectuais do país serviram aos ideais anticoloniais, mas não aos nacionais, pois a independência não trouxe necessariamente o sentimento de união por uma libertação. Os Ibos, Iorubás e Hauçass, principais sociedades do território nigeriano continuavam em clima de disputa pelo poder. *Things fall apart* é um retrato exclusivo dos Ibos e seu encontro com o colonialismo, não é possível expandir e generalizar a experiência histórica desse povo para os demais, mesmo que o colonialismo tenha sido impactante para todos, as respostas a esse confronto aconteceram de maneiras distintas.

No caso de Castro Soromenho, o contexto de produção de sua principal obra deparava-se com Portugal sob o regime do Estado Novo (1933-1975). O país europeu, desde o início do século XX, já com o salazarismo, buscava, em sua “missão histórica ultramarina” escoar os produtos da metrópole e fornecer matéria-prima barata nas colônias. Seu império também servia como propaganda colonial para criar a imagem de grandeza do país: “O ambiente histórico das primeiras décadas do século XX em que Soromenho cresceu estava absorto na perspectiva de se construir uma literatura etnográfica, histórica e literária a respeito das colônias portuguesas como forma de Portugal afirmar suas potencialidades de grande nação” (MELO, 2004, p. 12).

Foi durante esse período que o escritor iniciou e amadureceu seus escritos, *Terra morta* foi produzido em um contexto de mudança para o escritor, quando começa a se aproximar de intelectuais portugueses neorrealistas e procura seu lugar de destaque entre eles apropriando-se de temáticas africanas, sobretudo a Lunda, região que conheceu de perto nos anos de 1920 em seu

trabalho como colono. O Estado Novo, no entanto, rejeita e proíbe a publicação de sua obra no país, sua literatura acaba por não alcançar toda a repercussão que ele esperava.

O contexto histórico que remete ao presente narrativo das obras literárias é anterior ao contexto de publicação, pois remetem a um passado, no caso nigeriano, com os primeiros contatos entre os Ibos e os homens brancos, e no segundo com colonização da região da Lunda nos anos de 1920. Retornar a um passado pode ser uma maneira de incorporar novos discursos à história, porém, ao realizarem a literatura dessa forma, é inevitável que apreensões e significações sobre esse passado passem pelo estudo analítico da história somado às suas consequências. Por isso, o autor implícito se manifesta diversas vezes nos romances a partir de uma voz distante que percebe a dimensão dos acontecimentos ali relatados.

O contexto histórico é relevante para a análise das obras literárias bem como o lugar enunciativo e político de seus escritores, que não é apenas determinado pelas circunstâncias históricas, mas também pelas escolhas, posicionamentos e contatos sociais, culturais e econômicos. A tentativa de compreender o autor e seu lugar-social neste trabalho passa pelas significações de mundo expressas pela literatura.

Chinua Achebe, como escritor Ibo e educado sob o protetorado britânico, recebeu valores culturais de ambos os lados, como o cristianismo, a religião Ibo, a língua inglesa e a língua Igbo. Grande intelectual de seu país, teve acesso às obras literárias de diversos países, estudou e trabalhou fora da Nigéria por muitos anos, inclusive por desacordos políticos com o governo de seu país. Por sua posição, de certa forma, privilegiada dentre a maior parte dos Ibos, seu lugar enunciativo apresenta-se em sua obra literária de diversas formas, primeiramente pela escolha da língua inglesa na escrita de sua literatura.

Falante de Igbo, poderia ter optado por escrever em sua língua local, mas esclarece, em seu texto *Morning yet on creation day – essays* (ACHEBE, 1975) que escrever em inglês era, ao mesmo tempo, afirmar uma africanidade para o Ocidente e assumir um reconhecimento intelectual, a língua inglesa garante a universalidade da obra literária. Diante dessa ambígua relação cultural com o Ocidente que Achebe viveu, optar por escrever em língua inglesa é também reforçar a hegemonia do inglês como uma língua hegemônica que oprime, inclusive, o próprio Igbo. A linguagem funciona como significação de mundo e a globalização do inglês está ligada diretamente ao capitalismo funcionando também como instrumento de opressão. (RODRIGUES, 2011).

Com o português de Castro Soromenho, a problematização não chega a ser tão intensa, pois, além do escritor não possuir outra língua e não ser diretamente ligado às matrizes culturais da Lunda, o português utilizado na obra não é a língua hegemônica e globalizante. Diante do inglês, também passa pelo mesmo processo de submissão globalizante, mas, obviamente, também ajudou a extinguir diversas outras línguas em suas colônias, como as línguas indígenas no Brasil e as línguas africanas. As literaturas escritas em língua portuguesa não têm o mesmo alcance e repercussão que às de língua inglesa, ainda mais em tempos de imperialismo.

Essas literaturas parecem sugerir um interlocutor ocidentalizado, que não apenas não conhece a realidade das colônias e a situação pré-colonial das populações, como também requer tais informações de acordo com uma nova demanda intelectualizada que acompanha os processos de emancipação dos países no continente africano. A posição estratégica de denúncia ao sistema colonial e suas formas de violência, possibilitou a esses escritores um mercado editorial pronto para recebê-los⁷⁰, o que, de certa forma, distanciava-os das próprias populações retratadas nos romances – que não tinham acesso à essa literatura - mas também era um passo meritório para o discurso contra hegemônico.

Em *Things fall apart* podemos conhecer um pouco mais de perto os Ibos, essa representatividade parte do próprio Chinua Achebe. Como já dissemos, a experiência Ibo diante do colonialismo não pode ser generalizada para todas as populações africanas, no entanto, há outras questões concernentes a esse recorte etnográfico. A problemática relação dos Ibos com os Iorubás no território nigeriano ocasionou, inclusive, a Guerra da Biafra, que aconteceu entre 1967 e 1970, e envolvia disputa pelo poder, territórios e por petróleo; essa configuração não pode ser negada durante todo o histórico social e político da Nigéria. Ao optar por contar a história dos Ibos e ignorar a relação deles com os Iorubás, que remonta há séculos de existência, Chinua Achebe faz um recorte político estratégico, ainda mais diante da relevância de sua obra em todo o mundo.

Castro Soromenho, por sua vez, situa-se em uma posição político-social também complicada no cenário angolano. Trabalhou na região da Lunda a serviço do império português e, através de uma nacionalidade literária não tão bem definida⁷¹, utilizou a temática da região como

⁷⁰ O mercado editorial acolheu muito melhor a obra de Chinua Achebe que a de Castro Soromenho, este foi editado primeiramente no Brasil, que começava a dialogar culturalmente com os países africanos de língua portuguesa.

⁷¹ “Nesse sentido, é preciso afirmar que o nacionalismo angolano não era uma preocupação de Soromenho, essa perspectiva é muito mais fruto de uma recepção de sua obra por pesquisadores da área de Letras do que um projeto articulado pelo autor. Soromenho se agarrou à África como um caminho para a construção de sua obra dentro e fora

material para seu projeto literário. Seu início na literatura focalizou as populações da Lunda, em textos quase etnográficos, conforme o contexto histórico reivindicava. Com *Terra morta*, inaugura uma nova fase em sua literatura com a qual tece críticas consideráveis ao programa colonial português, que possuía limitações significativas na administração das terras e em estratégias de poder e ocupação. Ao mesmo tempo em que Soromenho não pertence às populações originárias da Lunda e está sempre submetido a um olhar – ainda que crítico – externo e ocidentalizado, também não é conivente com o ideário português colonialista.

Portanto, o lugar enunciativo político e social dos escritores aparece nos romances sob a voz do autor implícito, que divide, com o narrador, a condução da narrativa e traz problematizações pertinentes para a relação entre a obra literária como objeto estético e a história. A partir de movimentos de dissonância e consonância entre as obras literárias é possível perceber que a dimensão ideológica é também uma prática que atua na literatura como parte de sua composição e estrutura, as marcas histórico-temporais e o lugar enunciativo e político dos sujeitos são fundamentais na construção da voz narrativa.

de Portugal, pois fora grande a batalha para traduzir e publicar alguns de seus livros, principalmente na França, pois tinha como certo que seria a porta de abertura para o reconhecimento de sua obra”. (MELO, 2004, p. 13)

Considerações finais

Ao trabalho de crítica e comparativismo literário que se dispõe a pensar as relações entre literatura e história, tão importante quanto pensar na obra literária enquanto produção cultural e social ideologicamente e historicamente produzida, é partir da tessitura narrativa para o exterior. O constante movimento de aproximação e distanciamento que foi proposto aqui parte do princípio de analisar o *corpus* literário como objeto de estudo. A partir dele, as elucidações, diálogos e problematizações internas e externas podem ser trabalhadas de maneiras relevantes para o próprio estudo da literatura.

Os limites entre os discursos da ficção e da história são debates recorrentes no âmbito acadêmico e na leitura de romances. A História, como uma ciência disposta a representar um passado e reavaliá-lo através da perspectiva do presente, não se confunde com o discurso ficcional justamente por este não estar necessariamente vinculado à verdade (CERDEIRA, 2000). É necessário, para a ciência histórica, um constante movimento de reconstrução que resgate as expectativas não satisfeitas ocultadas pelo discurso de poder que toma a História como representativa de si.

O próprio objeto científico da História, os documentos históricos, são frutos de disputas, manipulação e da luta de classes que privilegiam os detentores de poder. A dinâmica hegemônica de encarar a realidade a partir da representação de si mesmo sobre os outros incide diretamente na construção do discurso histórico. Ela deve ser urgentemente repensada, diante de um colonialismo – juntamente com o capitalismo e o patriarcalismo - que colaborou na fundamentação de uma história sobre a África que não corresponde às expectativas dos próprios sujeitos africanos.

No texto “Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os estudos Africanos” de Paulin J. Hountondji (2009) a problematização sobre os estudos africanos, levantada pelo próprio autor, em sua trajetória filosófica, encontrava nesse campo um conhecimento produzido sobre África que, não elaborada por africanos, partia do princípio de que estes não teriam consciência filosófica e que somente uma análise ocidental sistêmica conseguiria observar e analisar a África. Hountondji critica o princípio de unanimidade, que era visto como uma virtude entre os historiadores, e propõe o contrário: é necessário entender as contradições existentes e os debates internos de cada sistema cultural pois o conhecimento deve ser pluralizado.

Nesse sentido, observa-se que a chave não é menosprezar a história Ocidental, mas sim agregar a ela outras histórias que também respondam às demandas de conhecimento de e sobre África.

A literatura, portanto, não é o discurso histórico e não deve ser assumido como tal, mas, como todo discurso, está em relação constante com as conjunturas econômicas, sociais e políticas da sociedade. A literatura, além de satisfazer a necessidade de ficção (CANDIDO, 2004) é um objeto estético e subjetivo que pode atender às principais demandas da sociedade, principalmente como forma de resistência contra hegemônica.

É possível aproximar a relação entre literatura e história com o discurso de Chimamanda Ngozie Adichie em “The danger of a single story”⁷² ao esclarecer a seus interlocutores sobre a necessidade de conhecer muitos lados de uma mesma história, uma prática necessária para não incidir sobre estereótipos que marcam nossa compreensão sobre o mundo. E aqui, cabe ainda a distinção existente em língua inglesa entre *history* e *story*, que se aproxima da história e – da então em desuso – estória em português. É importante não apenas acrescentar à história outras histórias, mas também muitas estórias à novas estórias⁷³. Portanto, a pluralidade de histórias é útil, inclusive, para o próprio Ocidente, que poderá repensar suas diferenças, semelhanças e novas significações com múltiplos olhares, já que esse também não é um espaço uniforme por si só⁷⁴.

Junto à dedicação que se exige aos estudos sobre o continente africano surge um entendimento pluralizado também sobre nossa própria sociedade, nação e história. É inegável a quantidade de diálogos e relações entre África e Brasil e, justamente por essa dinâmica é que um conhecimento sobre histórias e culturas africanas e afro-brasileiras deve caminhar juntamente com a construção do processo de ensino e aprendizagem. O que a lei 10.639/03 procura instituir desde 2003 não é o mero acúmulo de conteúdo, mas sim uma nova visão sobre educação e políticas sociais que pretendem compor uma nova leitura histórica de resistência no cenário da educação brasileira.

A literatura, como manifestação da cultura, também está na superestrutura da formação social, o que corresponde a um movimento constante de tensão e distensão que responde às demandas da infraestrutura. É um espaço de atuação fictícia e de humanização inerente ao sistema

⁷² O vídeo pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuW8> (TED TALKS, 2009). Visualizado em: 14 de julho de 2014

⁷³ Esse é, inclusive, um dos princípios da Lei 10.639/03, que, ao promover a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africanas, abre-se a novos discursos, histórias e estórias no âmbito do ensino básico brasileiro.

⁷⁴ Sobre esse aspecto podemos pensar o quanto a pluralidade de histórias é importante para refletir sobre a questão dos imigrantes hoje na Europa, por exemplo.

e presente, por consequência, na estrutura básica do currículo escolar. As literaturas africanas de língua portuguesa ajudam não apenas a compor um material que pode ser utilizado em sala de aula, mas sobretudo, são representações culturais que aproximam as diferentes realidades e se inserem na contramão da lógica de poder com o intuito de se contraporem à ideologia dominante

Somar ao estudo de literaturas africanas de língua portuguesa, as demais literaturas africanas, também pode ajudar a compor novos discursos e entendimentos sobre o continente africano e sobre a nossa própria sociedade. Estudá-las, no âmbito acadêmico e em perspectiva materialista, pode contribuir para um enriquecimento dos estudos sobre África e sobre o Brasil a partir de um questionamento constante das estruturas de poder e em diálogo histórico e social de aproximações e distanciamentos.

Na obra de Chinua Achebe, *Things fall apart*, podemos encontrar esse sentido ao observarmos um propósito de oferecer ao seu leitor o outro lado da história: construir um retrato da sociedade Ibo em suas mais profundas estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas e no seu encontro com o colonialismo. A configuração da Nigéria atual passa pelas experiências históricas e sociais dos Ibos diante do colonialismo e Chinua Achebe, como um de seus representantes, procura representar esteticamente uma contribuição a esse retrato.

Para Castro Soromenho e sua *Terra morta*, a denúncia do frágil sistema colonial português e as complexas relações existentes naquele espaço são questões relevantes para a compreensão do espaço Lunda em Angola, que foi constantemente transformado de acordo com as sociedades que se encontraram e travaram embates naquele local. A importância da região para a economia colonial e suas transformações são apresentadas de maneira peculiar, evidenciando as relações adversas provenientes da configuração daquele espaço.

Os dois romances propiciam através de categorias estéticas e temáticas um entendimento sobre consciência história e compromissos políticos que se tornam essenciais na composição do texto narrativo. Ambos apresentam uma visão problematizadora das questões coloniais que estão em consonância com o próprio projeto político literário de seus escritores e que acabam por transparecer no discurso enunciativo e narrativo. Do mesmo modo que as obras literárias apresentam tais complexidades narrativas, que são resultado de experiências históricas produzidas no âmbito da superestrutura, os próprios personagens retratados também estão em constante diálogo com a base econômica representada pelo colonialismo e capitalismo, que engendram a relação entre o espaço e seus agentes.

Na interlocução entre as duas obras literárias há possíveis e múltiplas aproximações e distanciamentos, que aqui foram abordadas em alguns de seus principais aspectos, como as categorias narrativas de espaço, personagem e narrador e também sobre a relação histórico-enunciativa dos romances em questão e sobre a complexidade do sistema e dos sujeitos coloniais. No exercício da crítica literária, outras inúmeras vozes, dissonantes e consonantes, ajudam a compor o entendimento sobre literatura e sobre si mesma.

Referências

- ABDALA Jr., Benjamin. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *De vãos e ilhas – Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ed. Ateliê, 2003
- ACHEBE, Chinua. *Things fall apart: The african trilogy*. Londres: Everyman's Library, 2010.
- _____. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- _____. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico. (ensaios)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Hopes and Impediments*. Londres: Everyman's Library, 2008.
- _____. *A paz dura pouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *A flecha de deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ADEODATO, João Maurício Leitão. *O Problema da Legitimidade: no rastro do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. *Ted Talks*, 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*; trad. ALMEIDA, G.A., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E.; ESTABLET, R. (1980): *Ler o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v.2.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai; a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- _____. *As Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975.
- _____. *As Origens do Totalitarismo: imperialismo, a expansão do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.
- _____. *As Origens do Totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1979.

BASTIDE, Roger. Um edifício admirável. In: *Diário de Lisboa (Suplemento Literário)* nº 518/ 4, de julho de 1968 (página 6).

ÁFRICA: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S.Paulo, 11 (1) 1-186, 1988. Impressa em 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia, e técnica, arte e política – obras escolhidas. Vol I.* São Paulo: Brasiliense, 2010.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança (vol.1).* Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2005.

BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction.* Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. “Narrativa e resistência”. *Itinerários*, Araraquara, nº 10, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *A personagem de ficção.* São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *Tese e antítese (ensaios)*, 2ª edição (revista), Coleção Ensaio – volume I. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

_____. “Na noite enxovalhada”. In *Remate de males.* Revista do Departamento de Teoria Literária - IEL/ UNICAMP. Campinas, 19, 83-8, 1999.

_____. *Vários escritos.* São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CERDEIRA, Cristina. Na crise do histórico, a aura da História. In: _____. *O avesso do bordado: ensaios de literatura.* Lisboa: Caminho, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. “Cultura e colonização”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *As malhas que os impérios tecem.* Lisboa: Edições 70, 2011.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano.* São Paulo: FBLP, Coleção Via Atlântica, 1999.

_____. *Angola e Moçambique - Experiência colonial e territórios literários.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005

CHAUÍ, M. *O que é ideologia.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAVES, R. & MACÊDO, T. (Org) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.* São Paulo: Alameda, 2006.

CONRAD, Joseph. *O coração da treva.* São Paulo: Global, 1984.

_____. *The heart of darkness.* New York: Dell Publishing Co, 1966.

COSTA e SILVA, Alberto. *A enxada e a lança - A África antes dos portugueses.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: MINC/BN, Departamento Nacional do Livro, 2002.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: UNESP/ Boitempo, 1997.

_____. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.

_____. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. *Por la revolución africana*. Mexico (D.F.): Fondo de Cultura Económica, 1975.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In *Revista Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, 32, 128-142, 1992.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Rio de Janeiro: UCAM/Editora 34, 2001.

GOLDSCHMIDT, V. (1970): Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. In: *A religião de Platão*, São Paulo: Difusão Européia do Livro.

GRAMSCI, A. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JAMESON, Frederic (1994) – “Sobre os ‘Estudos da Cultura’”. In: *Novos Estudos do CEBRAP*. São Paulo, CEBRAP, p. 11-48.

HAMPATÉ BÂ, A. “A tradição viva”. In KI-ZERBO, J. (coord.). *Metodologia e pré-história da África - História geral da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, vol. I, 1982.

_____. Confrontações culturais. In: *Civilizações. Entrevistas Le Monde*. São Paulo: Ática, 1981.

HEINTZE, Beatrix - Angola nas garras do tráfico de escravos: as guerras do Ndongo (1611-1630). In *Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.1, janeiro/junho 1984, pp.11-59.

_____. O contrato de vassalagem afro-português em Angola no século XVII, em *Angola nos séculos XVI e XVII*. Estudo sobre fontes, métodos e história. Tradução de Marina Santos. Luanda, Kilombelombe, 2007, pp.387-436.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

_____. *História do marxismo*. Todos os Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983-1989.

_____. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOUNTODJI, P. “Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre Estudos Africanos”, in Santos, B. S. & Meneses, M.P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina: 120-131, 2009.

KI-ZERBO, J. (coord.) *História Geral da África (UNESCO)*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. As tarefas da história na África. In *História da África negra*. Portugal: Publicações Europa-América, vol. 1, 1999.

_____. O tráfico de escravos. In *História da África negra*. Portugal: Publicações Europa-América, vol. 1, 1999.

_____. As consequências da escravatura. In *História da África negra*. Portugal: Publicações Europa-América, vol. 1, 1999.

_____. *Para quando a África?* Rio de Janeiro: Pallas, 2006

KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1987

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. *Os sofrimentos do homem burguês*. São Paulo: SENAC, 2000

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Editora Ática, 1976.

LUKÁCS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MACÊDO, Tania Celestino. *Angola e Brasil*: estudos comparados. São Paulo: USP/Coleção Via Atlântica, nº 3, 2002.

MANDEL, E. *O lugar do marxismo na história*. 2ª ed. São Paulo. Xamã, 2001.

MARX, Karl & ENGELS, Fredrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. *Textos sobre el colonialismo*. Cordoba (Argentina): Pasado y presente, 1973.

_____. *Manifesto Comunista*. 4. reimpressão. São Paulo: Boitempo editorial, 2005

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *O capital: crítica da economia política: Livro I*; tradução de Reginaldo Santana, 18ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

MBOKOLO, Elikia. *La ética de los negreros*. Editorial Siempre, Setembro 26, 2001.

MELO, João de (org.). *Os anos da guerra (1961-1975) – os portugueses em África: crônica, ficção e história*.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MOURÃO, Fernando. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

MÜNSTER, A. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: EDUNESP, 1993.

NOVAIS, Fernando A. Colonização e desenvolvimento econômico. In: *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. Colonização e Sistema Colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica. In: *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. História, teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 1997.

PERRONE-MOISÈS, Leyla. “A criação do texto literário” In: II Bienal Nestlé de Literatura Brasileira – ensaios/Seminário 2. São Paulo, Norte Editora Ltda, 1986.

PERRONE-MOISÈS, Leyla. “Literatura para todos” In: *Revista Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP/DTLLC, 2006, N. 9

RIBEIRO, Renato Janine. “A dor e a injustiça” (prefácio). In COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RODRIGUES, Ângela Lamas. *A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, W. Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Schwarcz Ltda., 2003.

SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *As malhas que os impérios tecem*. Lisboa: Edições 70, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Descolonizar as Ciências Sociais. *II Congresso de História Contemporânea – Conferência de Abertura*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=1WIt9AThYl>. Acesso em: 25 set. 2014.

SARAIVA, José Flávio Sombra. Um momento especial nas relações Brasil-Angola: do reconhecimento da independência aos desdobramentos atuais. In: PANTOJA, Selma e SARAIVA, José Flávio Sombra. *Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SERRANO, Carlos & MUNANGA, Kabengele. *A revolta dos colonizados*. O processo de descolonização e as independências da África e da Ásia. São Paulo: Atual, 1995.

SERRANO, Carlos M. H. *Etnicidade, mobilização e recrutamento da luta de libertação de Angola*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

_____. Angola: o discurso do colonialismo e a antropologia aplicada. *África: revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo, 14-15(1): 15-36, 1991-1992.

SOROMENHO, Castro. *Terra morta*. Angola: União dos escritores angolanos, 1979.

_____. *Viragem*. São Paulo: Arquimedes, 1967, Série B, nº 4.

_____. *A Chaga*. Coleção Vozes do Mundo. Lisboa: Sá da Costa, 1979, 2ª edição.

TORRES, Adelino. *O império português entre o real e o imaginário*. Lisboa: Escher, 1991.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Cultura e materialismo*. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Política do modernismo*. São Paulo: UNESP, 2011.

Dissertações e teses

DUKE, Dawn Alexis. *Traçando os ramos da nota do tradutor: o caso de O mundo se despedaça*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 1993 [Dissertação de Mestrado].

MELO, Cássio Santos. *A Lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1930-1968)*. São Paulo, USP, 2004. [Tese de doutorado]

NUNES, Alyxandra Gomes. *Things fall apart* de Chinua Achebe como romance de fundação da literatura nigeriana em língua britânica. Campinas: Unicamp, 2005. [Dissertação de mestrado]

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Um escritor africano no espaço cultural liminar. A literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte: UFMG, Instituto de Letras, 1995 [Tese de Doutorado].

VALE, Regina Célia Fortuna. *Poder Colonial e Literatura: as veredas da colonização portuguesa na ficção de Castro Soromenho e Orlando da Costa*. São Paulo: USP, 2004 [Tese de Doutorado]

SERRANO, Carlos Moreira Henriques. *Angola: nasce uma nação — um estudo sobre a construção da identidade nacional*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1988. [Tese de Doutorado]

SILVA, Raquel. *Figurações da Lunda: experiência histórica e formas literárias*. São Paulo, USP, 2007. [Tese de Doutorado]

TEZINE, Nidia Vacare . *A trilogia de Chinua Achebe*. São José do Rio Preto: UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 1988.[Dissertação de Mestrado]